



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL-MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



GIOVANI FAMA DE FREITAS MORATO

**MONITORAMENTO LINGUÍSTICO: UMA PROPOSTA DE ENSINO
BASEADA NA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL A PARTIR DOS
PRONOMES PESSOAIS**

UBERLÂNDIA

2019

GIOVANI FAMA DE FREITAS MORATO

**MONITORAMENTO LINGUÍSTICO: UMA PROPOSTA DE ENSINO
BASEADA NA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL A PARTIR DOS
PRONOMES PESSOAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da
Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

Orientadora: Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi

UBERLÂNDIA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- M831m Morato, Giovani Fama de Freitas, 1979-
2019 Monitoramento linguístico [recurso eletrônico] : uma proposta de ensino baseada na sociolinguística educacional a partir dos pronomes pessoais / Giovani Fama de Freitas Morato. - 2019.
- Orientadora: Simone Azevedo Floripi.
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETAS).
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.677>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.
1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Gêneros textuais. 4. Língua portuguesa - Pronomes. I. Floripi, Simone Azevedo, 1978- (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETAS). III. Título.

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408

GIOVANI FAMA DE FREITAS MORATO

**MONITORAMENTO LINGUÍSTICO: UMA PROPOSTA DE ENSINO
BASEADA NA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL A PARTIR DOS
PRONOMES PESSOAIS**

Dissertação aprovada para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal de Uberlândia pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 26 de fevereiro de 2019.



Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi, UFU/MG



Profa. Dra. Talita de Cássia Marine, UFU/MG



Profa. Dra. Mirian Santos de Cerqueira, UFG/GO

Dedico este trabalho à minha esposa, Michelly, pela atenção e carinho a mim concedido durante todo o processo deste mestrado. Ela que é minha amiga, acima de tudo, e me inspirou, diuturnamente, a prosseguir meu caminho para que eu conseguisse realizar este projeto.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, sempre, pois Ele foi a luz que iluminou todas as adversidades do caminho.

Aos meus filhos, Maria Clara e João Miguel, que, com seus sorrisos, fizeram valer a pena todas as atribulações e cansaços desta trajetória. Que eu consiga servir não somente de exemplo para eles, mas de constatação de que a educação e o estudo são, ainda, o melhor caminho para a realização pessoal e profissional.

A minha mãe, Melânia, que sempre acreditou que o estudo é o melhor caminho para nossas maiores conquistas. Sem seus conselhos e inspirações, não teria acreditado, primeiramente, em mim para me lançar neste processo de mestrado. Assim como às minhas irmãs, Camila e Cláudia, pelo seu contínuo apoio, e aos meus irmãos, Daniel e Diana, pela força durante todo este trajeto.

À toda a minha família, que representou o alicerce que me sustentou nos momentos mais difíceis da minha caminhada.

À minha orientadora, Professora Simone, pela forma como me conduziu na pesquisa, mostrando-me os melhores caminhos a serem percorridos, com parcimônia e profissionalismo, permitindo-me acreditar nas minhas capacidades e fazendo-me, com serenidade, rever cada linha escrita nesta dissertação, o que me proporcionou crer que eu conseguiria realizar este sonho.

À coordenação do Profletras, professoras Talita e Marlúcia, que se dedicaram a trazer para nós as diretrizes, prazos e determinações que devíamos seguir sempre com paciência e humanidade.

A todos os professores do PROFLETRAS, os quais me ensinaram muito mais que conteúdos, mas me proporcionaram enxergar a vida acadêmica como uma fonte de saber que não se finda.

Às professoras Eliana Dias (UFU) e Marlúcia Alves (UFU), que compuseram a banca do exame de qualificação, por acreditarem em minha proposta e muito terem contribuído para que ela se aprimorasse, mostrando-me os melhores caminhos para que esta pesquisa se concretizasse.

Às professoras Mirian Santos de Cerqueira (UFG) e Talita de Cássia Marine (UFU), por aceitarem compor esta banca. Além das professoras Maria Aparecida Otonni (UFU) e Maria Cecília de Lima (UFU), que aceitaram ser suplentes desta banca.

Ao Andson, secretário do Porfletras, sem suas ajudas – até por telefone – não conseguiria entregar as documentações nos prazos estabelecidos.

A todos meus colegas da IV TURMA DO PROFLETRAS, agradeço a oportunidade de cada encontro, as nossas aulas nos finais de semana, nos quais abdicávamos de estarmos com nossas famílias para que pudéssemos conquistar este título de mestre tão sonhado. Vocês me serviram, inúmeras vezes, de inspiração para prosseguir nesta caminhada, pois, ao dividir angústias e conquistas, passamos a constituir um unidade, não somente um grupo de pessoas, pois compreendemos que somos melhores nos ajudando em todos os momentos.

As amigas e companheiras dos seminários que, indubitavelmente, passamos a compor uma amizade de reciprocidade e confiança: Rozane, Marize, Viviane.

As companheiras de viagens Rozane e Marize, que, a cada semana, dividíamos nossas ideias, frustações e esperanças. A cada troca de pensamentos, de divergências e convergências, crescíamos mais em conhecimento. Vocês foram, certamente, imprescindíveis para a realização deste projeto.

À direção da escola coparticipante pelo apoio na realização da pesquisa.

Aos meus alunos, que se dedicaram a esta pesquisa, dividindo um pouco do seu tempo – entre provas, atividades e apresentações – para responder com carinho todas as atividades propostas. Vocês, certamente, são a razão maior da concretização desta dissertação.

Evocação do Recife

“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada”
BANDEIRA (2007)

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras – que partiu da percepção do ensino da língua quanto ao uso dos pronomes pessoais como acusativos de terceira pessoa em textos escritos e orais, a partir da conscientização das diferenças existentes nas estruturas sintáticas empregadas no Português Brasileiro e Português Europeu, de acordo com Martins (2007 e 2015), tendo em vista o uso desses conectores por falantes dessas duas variedades da língua. A pesquisa foi realizada em uma escola pública do Distrito Federal, localizada na região administrativa Recanto das Emas, em uma turma de 9º ano com um total de trinta alunos, tendo como participação efetiva a quantidade de 15 alunos. A ideia desta pesquisa é que os alunos participes tenham, ao final, a consciência de que existem diferentes formas de se comunicar e o nível de formalidade da língua depende do grau de monitoramento que a situação de uso exige, tal como preconiza as pesquisas realizadas por Bortoni-Ricardo (2005), os conceitos de norma abordados por Faraco (2008) e os estudos de variação da língua, conforme Coelho (2015); além do estudo sobre variação estilística, de acordo com Severo (2014) e Da Hora (2014). Como metodologia adotamos a pesquisa-ação (Thiollent, 1992) e a coleta de dados foi realizada a partir de um caderno de atividades, contendo três oficinas e cada uma delas trazendo aspectos relacionados à forma como a língua portuguesa, especificamente em uso no Brasil, pode-se adequar a cada situação de uso. Com o desenvolvimento desta pesquisa e em conformidade com os resultados apresentados, conseguimos observar que, de acordo com as propostas de atividades sugeridas pelo professor pesquisador e as respostas e reflexões apontadas pelos alunos, existiu uma desconstrução da visão cartesiana da língua quanto ao certo e errado no tocante ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa. O intuito, portanto, de criar um repertório relacionado ao uso desses pronomes, trouxe a perspectiva de evitar a estigmatização de certo e errado, o que favorece uma estratificação social quanto ao uso do português e o preconceito linguístico, segundo Bagno (1999) e Bortoni-Ricardo (2005).

Palavras-chave: Variação linguística. Variação estilística. Preconceito linguístico. Uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa. Gêneros textuais. Caderno de atividades.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a Professional Masters in Letters research – ProfLetras. It stemmed from the perception of how language teaching uses pronouns in the accusative case in written and oral language, which was perceived by becoming aware of the differences in the structures used in Brazilian Portuguese according to Martins (2007 and 2015). The research was conducted in a public school in Distrito Federal, in the administrative region of Recanto das Emas, in a class of thirty 9th grade students of which fifteen participated. The goal was for the participants to have, when the research process is over, awareness that there are different ways to communicate and that the level of formality in the language depends on how monitored the usage scenario is. Such topics were discussed by Bortoni-Ricardo's (2005) research. It is also important to adhere to the concepts of norm discussed by Faraco (2008), the studies of language variation of Coelho (2015) and stylistic variation according to both Severo (2014) and Da Hora (2014). The active research methodology (Thiollent, 1992) was chosen and data collecting was done with a language workbook during three workshop sessions. Each of these highlighted how the Portuguese language – especially how it is used in Brazil – can be tailored to each usage scenario. During the process – and the results clearly show it – we were able to see that, alongside the activities suggested by the teacher-researcher and the insight offered by the students, the Cartesian idea of “right” and “wrong” was deconstructed when it comes to direct objects and the use of accusative pronouns in the third person. The idea, thus, was creating a repertoire of pronoun usage, going against the stigmatizing of “right” and “wrong, which favors social stratification and fosters linguistic prejudice according to both Bagno (1999) and Bortoni-Ricardo (2005).

Keywords: Linguistic variation. Stylistic variation. Linguistic prejudice. Direct object. Use of accusative pronouns in the third person. Textual genres. Workbook.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS

Figura 1 – Reportagem Veja	17
Figura 2 – Conversa no Whatsapp	26
Figura 3 – Questão ENEM 2017	35
Figura 4 – Questão ENEM 2016	36
Figura 5 – Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa	37
Figura 6 – Gramática em Textos	38
Figura 7 – Notícia do Portal G1	50
Figura 8 – Exemplo do material de leitura Enem 2018	51
Figura 9 – Banner do restaurante sushiarte	53
Figura 10 – Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa	60
Figura 11 – Gramática em Textos	61
Figura 12 – Novíssima gramática da língua portuguesa	62
Figura 13 – Gramática Escolar da língua portuguesa	63
Figura 14 – Nova gramática do português contemporâneo	64
Figura 15 – Quadro: duas escritas portuguesas no primeiro século da produção escrita	69
Figura 16 – Reportagem I (Jornal “Correio da Manhã”)	81
Figura 17 – Reportagem II (jornal “Carta Capital”)	81
Figura 18 – Reportagem I (revista “Visão Junior”)	83
Figura 19 – Reportagem II (revista “Capricho”)	83
Figura 20 – 5º trecho: Propagando do remédio para gonorreia, século XIX	91
Figura 21 – Charge “Aula de português”	95
Figura 22 – Charge “Edibar”	106
Figura 23 – Tirinha “as cobras”	107
Figura 24 – Charge “Neymar”	109
Figura 25 – Tirinha “Garfield”	110
Figura 26 – Tirinha “Mafalda”	110
Figura 27 – Reportagem I (Jornal “Correio da Manhã”)	117
Figura 28 – Reportagem II (jornal “Carta Capital”)	118
Figura 29 – Resposta do aluno 8	121
Figura 30 – Resposta do aluno 12	121
Figura 31 – Reportagem I (revista “Visão Junior”)	122
Figura 32 – Reportagem II (revista “Capricho”)	123

Figura 33 – Resposta do aluno 3	124
Figura 34 – Resposta do grupo 1	130
Figura 35 – Resposta do grupo 2	130
Figura 36 – Resposta do grupo 3	131
Figura 37 – Resposta do grupo 4	132
Figura 38 – 5º trecho: Propagando do remédio para gonorreia, século XIX	132
Figura 39 – Resposta do grupo 5	133
Figura 40 – Resposta do grupo 6	133
Figura 41 – Resposta do fragmento 1	141
Figura 42 – Resposta do fragmento 2	142
Figura 43 – Resposta do fragmento 3	143
Figura 44 – Resposta do fragmento 4	144
Figura 45 – Resposta do fragmento 5	145
Figura 46 – Resposta do texto 1	147
Figura 47 – Resposta do texto 2	148
Figura 48 – Charge “Edibar”	148
Figura 49 – Resposta do texto 3	148
Figura 50 – Resposta do texto 4	149
Figura 51 – Tirinha “as cobras”	149
Figura 52 – Resposta do texto 5	150
Figura 53 – Resposta da dupla 1	151
Figura 54 – Resposta da dupla 3	151
Figura 55 – Charge “Neymar”	153
Figura 56 – Tirinha “Garfield”	154
Figura 57 – Tirinha “Mafalda”	154
Figura 58 – Resposta da dupla 1	155
Figura 59 – Resposta da dupla 5	156
Figura 60 – Respostas da questão 2	161
Figura 61 – Respostas da questão 4	162
Figura 62 – Charge “Edibar”	164
Figura 63 – Respostas da questão 10	165
Figura 64 – Respostas da questão 12	166
Gráfico 1 – Resposta da questão 1	160
Gráfico 2 – Resposta da questão 3	161

Gráfico 3 – Resposta da questão 5	162
Gráfico 4 – Resposta da questão 6	163
Gráfico 5 – Resposta da questão 7	163
Gráfico 6 – Resposta da questão 8	164
Gráfico 7 – Resposta da questão 9	165
Gráfico 8 – Resposta da questão 11	166
Quadro 1 – Coceitos básicos da sociolinguística	47
Quadro 2: Diferenças entre PB e PE	93

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1	Gêneros textuais: uma retomada histórica	23
2.1.1	A fala e a escrita: o culto e o vernacular	28
2.2	Os tipos de variação do português do Brasil	34
2.2.1	Variação estilística: o estilo e a variação	41
2.3	Estudo dos fundamentos sociolinguísticos	45
2.4	Gramáticas: tipos e análise sobre o emprego dos pronomes retos	55
2.5	O uso histórico dos pronomes no PB e no PE.....	68
3	PROPOSTA DE APLICAÇÃO	77
3.1	Metodologia da proposta de aplicação	77
3.2	Oficina 1 – Nosso português ou o deles?	79
3.3	Oficina 2 – Como surgiu nossa língua?	87
3.4	Oficina 3 – Situações de uso dos pronomes acusativos	99
4	ANÁLISE DOS DADOS	112
4.1	Oficina 1 – Nosso português ou o deles?	113
4.2	Oficina 2 – Como surgiu nossa língua?	129
4.3	Oficina 3 – Situações de uso dos pronomes acusativos	138
4.4	Resultados do questionário aplicado	160
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		171
APÊNDICE		177
Apêndice A – Formulário de finalização da aplicação		177
Apêndice B – Caderno de Atividades		180
ANEXOS		218
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido		218
Anexo B – Termo de Assentimento para o Menor		219
Anexo C – Parecer Consustanciado do CEP		220

1 INTRODUÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

A presente dissertação surge da percepção pessoal que hoje se apresenta na sala de aula: os alunos, por estarem inseridos, em sua maioria em um *continuum* rurbano, conforme indica Bortoni-Ricardo (2005), tendem a utilizar a variedade popular da língua em textos orais e escritos. É necessário indicar que o texto escrito, em geral determinado como mais monitorado, também pode utilizar essa variedade mais popular, como em conversas no *whatsapp*. A adequação à norma culta pode estar relacionada tanto a textos escritos como a orais, pois muitas vezes se restringe àqueles provenientes de famílias letradas e com uma posição social mais favorável.

Neste sentido, esta dissertação se justifica pelo fato de que os alunos possuem o direito de conhecer e se apropriar dos diferentes estilos da língua, conforme abordado no texto de Da Hora (2014), em que o autor explicita que o preconceito linguístico é uma consequência da reação existente quanto à maneira de falar de cada indivíduo e com quem ele interage, em diferentes situações de uso. O estilo, então, se refere às adequações no processo comunicativo, sem que este sofra discriminações ou estigmatizações. Deste modo, as críticas feitas por professores, em sua maioria, familiares e amigos produzem nos alunos um pensamento muito comum na realidade da escola em relação ao ensino da língua: “eu não sei português”.

Justamente pelo fato de o alunado ser impelido sempre a usar uma só norma, a prescritiva, consoante Irandé Antunes (2007), há um distanciamento do que é aprendido em sala e do que ele reproduz em suas mais diferentes formas de interação.

... é *norma* aquilo que corresponde ao *regular*, ao *usual*, ao que mais frequentemente as pessoas usam. Por esse prisma, o termo *norma linguística* implica o conceito de ***normalidade***, e não o caráter de *certo* ou *correto*. É da norma, portanto, o que entra na preferência das pessoas (ANTUNES, 2007, p. 86).

Dessa maneira, a gramática já está internalizada no indivíduo falante de uma língua, conforme indica Antunes (2007, p.25), ou seja, “a gramática corresponde ao saber intuitivo que todo falante tem de sua própria língua, a qual tem sido chamada de ‘gramática internalizada’” de acordo com estudos linguísticos gerativistas. Tendo tal acepção da gramática, podemos indicar que é na prática oral, utilizada em diversas situações do cotidiano, que os falantes, sejam eles escolarizados ou não, se expressam de uma forma mais ou menos monitorada, pois são falantes da língua portuguesa como língua materna.

O papel da escola não é de exclusão ou marginalização dos falantes que não dominam a norma culta¹ uma vez que grande parte da população domina outras variedades da língua distantes das variedades de prestígio. Conforme Bagno (2003), existe o mito de que o conhecimento da “norma culta” é garantia suficiente para a inserção do indivíduo na categoria dos que podem falar. Porém, muitas vezes, há um preconceito em relação aos falantes das variedades estigmatizadas dentro do próprio sistema educacional, influenciando na não “ascensão social” deles. Todavia, é justamente na escola, sem preconceitos ou estigmatizações, que os alunos podem ter acesso a essa norma culta, que apresenta maior valor social dentro das relações interpessoais, principalmente nas acadêmicas e profissionais. Daí a importância do ensino da língua como um mecanismo de comunicação que se adequa a cada situação de uso, conforme estabelece Bortoni-Ricardo (2005)

A tarefa da escola está justamente em facilitar a incorporação ao repertório linguístico dos alunos de recursos comunicativos que lhes permitam empregar com segurança os estilos monitorados da língua, que exigem mais atenção e maior grau de planejamento (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 131).

É perceptível, assim, a não distinção do uso dos dois códigos, pois os alunos se utilizam da informalidade do oral “puro”, isto é, consoante Schneuwly (2004, p.133), “escapa de qualquer intervenção sistemática; aprende-se naturalmente, na própria situação presente”; porém não percebem as adequações que se fazem necessárias no texto escrito e na própria fala em situações mais formais. Essa informalidade está presente em conversas descontraídas entre colegas, ao invés de tentarem se aproximar do “oral da escrita”, de acordo com Schneuwly (2004), cuja característica é tentar uma realidade mais proximal com a modalidade culta da língua portuguesa. O oral da escrita, segundo Schneuwly, é

aquele que prepara a escrita, pois permite encontrar ideias, elaborar uma primeira formulação; aquele que, por meio das correspondências grafofonêmicas, permite passar ao código escrito; finalmente e principalmente, aquele que não é senão a oralização de um escrito. (SCHNEUWLY, 2004, p. 133)

É perceptível, sob um olhar pessoal, que o ato de aproximar a fala da norma culta, em determinadas situações de uso da língua (como nas conversas diárias, em vídeos no Youtube, músicas populares, tirinhas, reportagens ao vivo) traz clareza às ideias, o que proporciona

¹ O conceito referente à Norma Culta será, posteriormente, abordado na seção 2.1.1. desta dissertação.

maior compreensão do conteúdo a ser transmitido. Todavia, nem sempre tal recurso se mostra claro, o usuário da língua, para efetivar o uso das regras gramaticais (sintaxe, concordância, regência), deve ter ciência daquilo que a norma culta indica em seus compêndios gramaticais. É justamente por isso que, mesmo em situações nas quais se espera maior monitoramento da língua, há a ocorrência de desvios das regras institucionalizadas pela norma culta, conforme a figura 1 a seguir, que retrata uma matéria sobre o ministro da educação do governo Temer, Mendonça Filho.

Figura 1 – Reportagem Veja



Fonte: <https://veja.abril.com.br/politica/ministro-da-educacao-comete-erro-crasso-de-portugues/>

Na reportagem, o ministro, durante entrevista ao vivo para GloboNews, cometeu um *crasso erro* de português. Ao ser questionado sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o ministro afirmou que “*haverão* (sic) mudanças, mas essas mudanças não ocorrerão em um curto prazo”. Há, assim, duas percepções: o veículo de comunicação Veja determina como erro (crasso) – alusão à concepção de que na norma culta não podem existir “erros”, conforme Antunes (2007) – a fala do ministro, pois é uma pessoa pública e, mesmo em situação de fala, está representando o Ministério da Educação; e o fato de que até em uma situação mais formal há transgressões àquilo determinado pela norma culta da língua.

A presente pesquisa se faz mister, pois procura apresentar uma proposta de atividade que proporcione aos professores da língua portuguesa uma alternativa que minimize as dificuldades dos alunos no momento de apresentações escolares em relação, precipuamente, ao uso dos pronomes pessoais do caso reto como objeto direto, focalizando no estudo sintático da língua e seu uso prático, configurando-se, assim, no objetivo central deste trabalho.

Percebe-se, então, que o foco desta pesquisa está relacionado ao ato de se utilizar a língua de acordo com a situação, isto é, buscar o entendimento do alunado acerca da variação existente entre a língua escrita e a falada em relação aos verbos transitivos diretos e seus complementos, especialmente os pronomes retos. O propósito desta pesquisa não é aferir o conteúdo de fala dos alunos partícipes, mas o uso que os falantes fazem da língua, em especial sobre variação linguística e transitividade verbal. O mote deste trabalho, assim, é sugerir uma atividade², cuja aplicabilidade pode ser levada para as mais diferentes realidades de salas de aula.

Assim, a investigação proposta está relacionada ao uso da variação linguística, tendo em vista que muitos alunos não conseguem se perceber como usuários de uma língua dotada de regras, as quais não são características apenas da modalidade culta, mas característica intrínseca a todas as línguas. O sistema linguístico é dotado de regras sintáticas, semânticas, fonológicas, pragmáticas, dentre tantas outras. Entretanto, nos é ensinado na escola apenas as “regras” da escrita, do português padrão, idealizado e inatingível, exemplificado por meio dos cânones literários que tanto se distanciam do português real, utilizado pela população no dia a dia, seja em situações mais ou menos monitoradas.

É justamente pelo fato que, no ensino tradicional, não aproveitamos o conhecimento que os alunos têm sobre a língua que usam, que sabem. Neste sentido, Faraco (2008) faz uma crítica, pois ele indica

O fato de que toda norma tem uma organização estrutural deixa sem fundamento empírico enunciados de senso comum em que se afirma, por exemplo, que os analfabetos ou os falantes de variedades do chamado português popular falam “sem gramática”. Se toda norma é estruturante organizada, é impossível falar sem gramática (FARACO, 2008, p. 38).

Desta feita, a escola é, pois, o local apropriado para que os alunos se reconheçam como partícipes desta sociedade dita letrada e, assim, conseguir sucesso em seus anseios como futuros. Segundo Bagno (1999),

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que

²A atividade proposta está descrita na metodologia e está dividida em 3 oficinas, nas quais há atividades que trabalham com gêneros textuais diversos e diferentes formas de abordagem do uso da língua em relação ao PE e ao PB.

denegrir e condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre o falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados (BAGNO, 1999, p. 16).

É preciso, assim, mostrar que é possível trabalhar a língua como um meio de construção da cidadania, livre de preconceitos a respeito da variação linguística para que o ensino seja eficaz. Este trabalho traz como proposta de pesquisa: atividades referentes às diferenças de estruturas sintáticas empregadas no Português Brasileiro (doravante PB), a partir do uso por falantes tanto do PB quanto do Português Europeu (doravante PE), posto que há atividades que procuram mostrar aos alunos a origem da nossa gramática e por qual motivo há uma imposição da norma do Português Europeu; e atividades que procuram explicar como ocorre a variação estilística no processo comunicativo de acordo com situações de uso diversas a partir de textos de gêneros diversificados. Essas atividades propostas possuem a finalidade de os alunos identificarem as formas variáveis de uso dos pronomes do caso reto pelo viés da variação estilística de acordo com o nível mais ou menos formal da língua, consoante Severo (2014) e Da Hora (2014). O público a que se destina a pesquisa são alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal.

Em sala de aula, quando propomos atividades que envolvam a fala e a escrita, muitos alunos não conseguem distinguir o acionamento da língua de acordo com a situação que esta será utilizada. Muitas vezes, eles não reconhecem que tanto textos orais quanto escritos podem possuir um caráter mais ou menos monitorado, conforme estabelece Bortoni-Ricardo (2005). Cabe ao professor explicar tais diferenças a fim de que, no futuro, eles possam distinguir em quais ocasiões a língua pode possuir um caráter mais ou menos monitorado. Neste sentido, todas as atividades contidas nas 3 oficinas constantes na proposta de aplicação procuram demonstrar para os alunos participantes que o PB, variedade que tem como berço o PE, mas que sofreu inúmeras variações (fonéticas, lexicais, semânticas, sintáticas), possui diferentes níveis estilísticos de acionamento da língua, i.e., dependendo da situação de uso, podemos falar “O documento? Não vi ele não!”, porém, em situações de maior monitoramento da língua, é mais adequado falar “Não vi o documento” ou “O documento? Não o vi!” ou até “Não vi!”. O mais importante é ressaltar que o modo como acionamos a

língua evidencia nossa relação social, ou seja, não podemos ser hostilizados pela forma como nos comunicamos – algo que, infelizmente, se apresenta todos os dias nas relações sociais e que acaba por segregar aqueles cujo processo comunicativo se afasta das regras linguísticas preconizadas pelos compêndios gramaticais.

Além disso, muitos alunos, em situações de maior monitoramento de uso da língua – apresentações de trabalhos escolares, feiras de ciências, feiras culturais, eventos em igrejas –, procuram escrever os textos antes para que se sintam mais confiantes e confortáveis no uso da língua mais monitorada. Neste sentido, eles oralizam o texto escrito, como em jornais televisivos, rádios, seminários acadêmicos. Neste viés, torna-se preponderante distinguir um texto oral de um apenas oralizado. Conforme Marcuschi (2007),

a melhor forma de observar a relação fala-escrita é contemplá-la num contínuo de textos orais e escritos, seja na atividade de leitura, seja na de produção. Esse contínuo é de tal ordem que, em certos casos, fica difícil distinguir se o discurso produzido deve ser considerado falado ou escrito. Tome-se, por exemplo, o caso da notícia de um telejornal que só aparece na forma falada, mas é a leitura de um texto escrito. Trata-se de uma oralização da escrita, e não de língua oral (MARCUSCHI, 2007, p. 17).

Tendo como base a explicação de Marcuschi, aos alunos participantes da pesquisa serão promovidos debates sobre as diferenças entre texto puramente oral, espontâneo, e o texto oralizado com o intuito de que eles percebam como se dá o uso da língua nas mais diferentes situações e acionamentos. Essa ideia se propõe a motivar os alunos a compreender que as regras da gramática normativa são incontestáveis para uma situação de escrita formal. O importante é levá-los à percepção de que esta gramática normativa é uma abstração da língua, não é real, pois ninguém fala como se escreve. E mesmo os falantes escolarizados usam a norma culta e a coloquial, conforme preconiza Faraco (2008). Esta compreensão tem importância crucial nesta pesquisa, pois dela se parte o entendimento de que não podemos rotular os usuários da língua pelo simples fato de eles terem se distanciado, em dado momento, da norma culta. Dessa forma, em diversos momentos da proposta didática, consoante a proposta contida nesta dissertação, o professor-pesquisador fará com que os alunos possam exprimir seus pensamentos sem um roteiro, sem algo já pensado e escrito previamente, para, dessa forma, sua comunicação ser genuína e autêntica, sem interferências da escrita, que tende a ser mais monitorada.

Nessa perspectiva, os dois questionamentos a seguir servem de norte para a pesquisa em tela: como os alunos sabem distinguir as diferentes variedades linguísticas e utilizá-las

adequadamente para cada situação de uso? Além disso, o alunado consegue perceber que o uso dos pronomes retos como objeto direto se faz presente em situações menos monitoradas da língua, mas podem ser substituídos por pronomes oblíquos em usos mais monitorados?

Partimos, então, da hipótese de que haja uma aproximação da coloquialidade presente na variação existente na fala. Isso faz com que os discentes não consigam distinguir os momentos em que as variações podem ser adequadamente utilizadas e a modalidade linguística que deve ser empregada em cada momento.

Destarte, temos, como objetivo principal, por meio deste trabalho, promover o ensino da adequação linguística em relação ao uso da fala, especificamente quanto ao uso dos pronomes pessoais do caso reto como objeto direto. Além disso, esperamos conseguir alcançar objetivos, secundários, mas não menos importantes para o processo de ensino e aprendizagem proposto nesta pesquisa. São eles:

- Desenvolver um caderno de atividades que contenha práticas de uso da língua de acordo com o uso de gêneros diversos e com formas de abordagem da língua tendo em vista as diferenças entre o PB e o PE, bem como em relação às situações de uso mais ou menos monitoradas.
- Despertar o interesse pela aprendizagem de fenômenos de variação linguística.
- Apresentar a importância dos textos orais em sala de aula em relação a um mundo onde a escrita é mais importante.
- Ampliar e inovar práticas de ensino e de aprendizagem em relação às variações linguísticas do português brasileiro.
- Promover o senso crítico dos alunos em relação ao uso da língua a fim de que sejam poliglotas de sua própria língua (BECHARA, 2001).

É importante salientar que a proposta linguística está relacionada às noções de adequação linguística, de ensino de uma estrutura sintática, no caso os pronomes pessoais do caso reto como objeto direto do verbo, a partir de seus usos mais comuns: pronome clítico, pronome lexical, sintagma nominal e objeto nulo. Desta feita, esta pesquisa tem a função de permitir aos alunos vislumbrar uma nova perspectiva de uso da Língua Portuguesa, sem estigmatizações ou preconceitos linguísticos. O uso das variedades linguísticas existentes na nossa língua materna, como meio de comunicação, sugere a adequação da fala para cada situação de uso, especificamente em relação ao uso dos pronomes do caso como objeto direto,

posto que haja poucas metodologias que abordam questões da oralidade na escola mesmo nos dias de hoje. Este enfoque torna-se o ponto de partida para a apreciação das dicotomias existentes entre a fala e a escrita.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Gêneros textuais: uma abordagem histórica

Os gêneros textuais são utilizados, historicamente, para dar ordem e estabilidade às comunicações realizadas na sociedade. Tal fato é determinado pela importância da vida social de todos, pois a todo instante nós, seres humanos, necessitamos de comunicação: na família, na igreja, no trabalho, na escola. Assim como determina Marcuschi (2007, p. 19), “(os gêneros textuais) são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Esta percepção é, portanto, uma visão de como os gêneros textuais estão diretamente relacionados às relações interpessoais e aos diversos processos de comunicação.

Discutir, pois, os gêneros textuais utilizados neste trabalho (músicas, charges, tirinhas, poemas, vídeos, reportagens, propaganda), possui a função de expor a finalidade da própria proposta de aplicação, posto que nela haverá a utilização de gêneros textuais diversos. Os textos utilizados, desde o galego-português até os memes atuais, procuram demonstrar que a língua portuguesa sofreu e sofre modificações quanto ao modo de uso dos pronomes clíticos em relação ao tempo – variação diacrônica –, à diferença entre o português brasileiro (PB) e o europeu (PE) – variação diatópica –, como em relação aos meios de expressão – variação diamésica.

Conforme Ilari (2012), que critica a crença de uniformidade do português do Brasil, é justamente a variação da língua que dá ao português o dinamismo que se apresenta nas mais diversas situações de uso, as quais são alvitradadas na proposta de aplicação. Neste sentido, trabalhar com os gêneros textuais que foram abordados na proposta se faz precípua nesta dissertação. Marcuschi (2007) indica que

os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas (MARCUSCHI, 2007, p. 19).

Portanto, não podemos determinar uma definição formal, engessada dos gêneros, pois, assim como nossa rotina é dinâmica, há dinamismo também nos gêneros textuais que nos circulam e pelas quais nos comunicamos.

Tendo como base o aspecto histórico, Marcuschi (2007) traz uma breve análise sobre como os gêneros sofreram interferência do tempo.

numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabetica por volta do século VII A.C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje, em plena fase da denominada *cultura eletrônica*, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a *internet*, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita (MARCUSCHI, 2007, p. 19).

Neste sentido, é perceptível que a fala é a força motriz de comunicação entre os indivíduos. A tradição da fala como meio de transmissão de ideias e análises datam da Grécia antiga, pois, segundo Thomas (2005), o período compreendido até os séculos V e IV a.C. a polis grega utilizou-se de uma forma moderada da palavra escrita. Assim, foi somente a partir do século IV que a escrita passou a ter relevância, mesmo que ainda estivesse vinculada à fala.

A fala, então, foi utilizada concomitantemente à escrita durante a história da humanidade, mesmo que aquela preceda esta; além de ser o meio mais eficaz e mais utilizado na comunicação, pois é natural e inato à humanidade. Em toda a idade média, tal forma de comunicação foi prioritária, tendo em vista que a maior parte das obras escritas nessa época provém de depoimentos de grandes homens, transcritos por monges, como afirma Cadieu (2007)

A criação [...] se limita ao período contemporâneo e [...] aos cem anos que precederam a escrita: nesse último caso, era o testemunho, se possível oral, que era concebido como o mais autêntico. Pois o que estava em jogo era a autenticidade, e não a verdade; esta não existia em si, mas era revelada por pessoas autênticas que proferiam somente a verdade. Em outras palavras, um papa, um rei – se fossem ortodoxos –, ou um santo, diziam sempre a verdade, assim como um historiador antigo reconhecido, contrariamente a uma simples testemunha que devia ser avaliada antes que nela acreditassem (CADIEU, 2007, p. 39).

A importância da fala como maior fonte de sabedoria caiu em desprestígio no século XV, com o surgimento da prensa móvel de Johannes Gutenberg, data em que os documentos impressos, especialmente os jornais, começaram a figurar como maiores fontes de comunicação na sociedade, especialmente as ditadas mais cultas e abastadas.

Após a implementação da imprensa na sociedade, no século XV, os gêneros escritos se desenvolveram e se multiplicaram exponencialmente, com o intuito de preencher as diferentes demandas de comunicação da sociedade em plena expansão industrial.

Mesmo com o surgimento da impressa e, hoje, mais modernamente, com o advento das redes sociais – comuns no universo da internet – que possuem como meio macro de transmissão de pensamentos a escrita, a fala ainda é a fonte maior de comunicação, visto que as pessoas se comunicam massivamente pela fala. Tal fato leva a crer que a escrita nas redes sociais ainda tem por base a fala como espectro comunicativo. Todavia, é importante notar que sempre deve haver um planejamento em relação ao processo comunicativo, seja na fala seja na escrita; ambas presentes nas redes sociais.

Como o texto, oral ou escrito, é parte integrante deste trabalho, há a perspectiva de aferir, como ponto de apoio para o ensino da variação linguística quanto ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa, se os alunos de fato planejam preliminarmente suas produções, mesmo que orais, pois produziram na proposta de aplicação, textos escritos e orais, sem que exista uma explicação ou indicação de caminho determinado pelo professor.

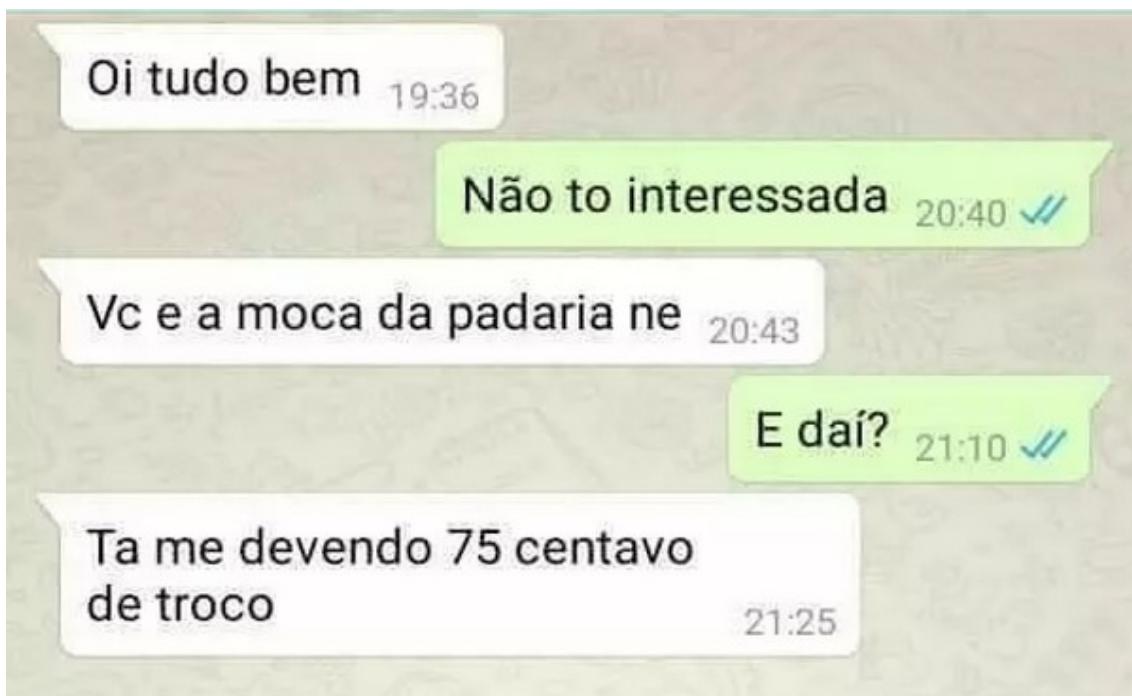
Desta feita, este trabalho caminha no sentido de capacitar o aluno a pensar no que tem para dizer (seja uma comunicação escrita ou falada), melhorar sua capacidade de argumentação, organização e retórica da sua fala/escrita; além de trabalhar com as características de tais gêneros, como músicas, charges, tirinhas, poemas, vídeos, reportagens, propaganda. É justamente por existir essa relação de capacitação que, segundo Marcuschi (2007),

Um aspecto importante (...) é a questão da internet, em especial os bate-papos que são diálogos por escrito e têm características de simultaneidade temporal na produção. Essa questão acarreta várias consequências nos processos de textualização, que se aproximam da fala (MARCUSCHI, 2007, p. 23).

Mesmo não sendo o objetivo macro desta pesquisa, mais um ponto de apoio para a aplicação da pesquisa, que devemos aliar gêneros textuais mais normatizados, como reportagens, com textos de redes sociais, que ainda flutuam por um terreno mais próximo da fala, conforme Marcuschi (2007).

Isto posto, pode-se perceber que algumas pessoas, independentemente do nível social ou cultural, não se preocupam em adequar a fala à situação de uso. No texto escrito escolar (por exemplo as produções textuais), mesmo que ocorram inadequações na escrita e na construção sintática dos períodos, os alunos tendem a planejar melhor seus enunciados. Algo que, em textos menos informais, não se tem tanta preocupação. Observemos o texto a seguir:

Figura 2 – Conversa no Whatsapp



Fonte: <https://www.sensacionalista.com.br/2017/05/30/15>

Mesmo se tratando de uma conversa que não é necessariamente real (pois não se pode provar a veracidade dela), é possível perceber que, no dia a dia, usamos as redes sociais para nos comunicarmos e, em geral, não nos preocupamos em utilizar todo o aparato linguístico preconizado pela gramática, fato que, de modo algum, faz-nos menos capacitados em relação ao uso da língua, diferentemente do que tanto se apregoa pelos gramáticos puristas. O que fazemos constantemente no dia a dia é adequar a comunicação ao gênero textual e à situação de uso.

Em geral, os alunos se utilizam das variedades coloquiais porque são essas as que mais usam, pois são as mais comuns, usuais para várias situações corriqueiras de contato entre os falantes. É isso que eles recebem da coletividade e consequentemente reproduzem e, consequentemente, aplicam-nas em quase todos os momentos de comunicação.

Usualmente, o uso de gírias e de marcadores discursivos, como “né” e “certo” são frequentes e mostra que, de acordo com Gnero (1987, p.61), “a redução extrema dos momentos e instrumentos que trabalham oralidade e escrita é um dos grandes problemas da alfabetização”. Mesmo que não estejamos trabalhando nesta pesquisa com os desafios contidos no processo de alfabetização, vale ressaltar os momentos de uso da fala em situações de escrita (como nas redes sociais), por vezes, dificulta a ação de se distinguir as situações mais ou menos monitoradas da língua, pois há um enfoque nos conceitos, na metalinguagem, nos aspectos gramaticais da língua, muitas vezes parecendo ao aluno que aprender o português da escola é tão difícil quanto uma segunda língua.

Bakhtin (2003) aponta o caráter multiforme dos campos das atividades humanas, mesmo que seja uma proposta de caráter mais filosófico, a perspectiva do autor pode ser utilizada para conceituar os gêneros do discurso. Dessa forma, ele indica que

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados* (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Tendo como base a citação de Bakhtin (que defende a adequação dos textos às atividades humanas, a partir de suas comunicações, sejam elas escritas ou orais), devemos salientar que ele defende gêneros do discurso; enquanto que Marcuschi, os gêneros textuais. Nossa objetivo não é analisar o discurso dos alunos, mas a relação que existe entre os gêneros textuais e o uso da variedade linguística, principalmente quanto ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa em situações mais ou menos monitoradas.

Considerando a importância da fala e da escrita, devemos ter a consciência de que, na escola, local onde a escrita possui caráter formal e educacional, a fala é predominante e os alunos a utilizam como mecanismo prático e essencial para a comunicação, posto que nós falamos muito mais do que escrevemos em qualquer situação da sociedade. E isto também os leva a crer que a escrita e seus textos são distantes e não conseguem traduzir a essência da comunicação interpessoal, o que torna a produção escrita enfadonha e engessada em regras “gramatiqueiras”. Tal ideia torna-se aparente porque a escola tem uma postura tradicional de ensino destas regras relacionadas à escrita, mas a comunicação interpessoal em maior parte do tempo será pela fala.

Além disso, hoje ainda temos as novas tecnologias que em grande parte imitam a fala, como a escrita em *chats* ou *whatsapp*, mesmo sabendo que em tais situações há convenções próprias de uso (como abreviações e gírias). Mesmo tendo essas novas formas de comunicação, a escrita engessada dos compêndios gramaticais acaba sendo supervalorizada na escola (tradicional/ gramática) e a fala é deixada de lado, pois, como todos falam, os professores acabam não se preocupando com a fala, pois não a valorizam, na mesma proporção como o fazem com a escrita.

2.1.1 A fala e a escrita: o culto e o vernacular

É preciso indicar, de forma introdutória, que os gêneros não são engessados, ou seja, “não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”, segundo Marcuschi (2003). Posto isso, o uso dos gêneros não se prende a formas e normas, mas a incontáveis processos comunicativos, cujas funções estão relacionadas aos gêneros de textos.

Na variedade falada da língua há diversos graus de monitoramento em que os gêneros orais podem ser realizados com maior ou menor nível de formalidade (cf. Marcuschi, 2008). Entretanto, em vários setores da sociedade (como no jornalismo, na política, nos órgãos públicos e nas empresas privadas, por exemplo) ocorre uma supervalorização da escrita em detrimento da fala, ainda que em nossa rotina diária a comunicação interpessoal seja prioritariamente oral. Por exemplo, em muitos momentos, o ato de fala não determina nenhum amparo legal, apenas aquilo que está registrado por escrito pode ser considerado legalmente, mesmo que seja a própria fala transcrita.

Ao nos depararmos com a realidade da sala de aula cuja relação aluno-professor-língua está em um embate constante sobre o uso da língua (sendo esta dinâmica e auto-produtiva), percebemos que com frequência a língua ensinada pelo professor está distante da utilizada pelo aluno, posto que isso acontece devido a vários fatores, como acesso do professor, em geral, a uma linguagem mais culta; devido às distinções entre a língua urbana e a rural – presentes em uma única sala de aula; além do uso de gírias, mesmo comuns aos alunos e professores, são diferentes.

A língua dos alunos e a do professor deveria, por ser um só elemento, estar adstrita, porém, devido à distância em que se percebe no cotidiano, está separada por um enorme

abismo, que atende pelo nome de aulas de português; mesmo sabendo que a língua é heterogênea, e não um elemento só.

Mas por qual motivo que tal realidade encontrada na aula de português acontece? É possível responder a tal questionamento tendo em vista que, ao ensinar a língua, o professor tende a esquecer as realidades diversas de seus alunos, suas vivências e inúmeras formas de comunicação.

Para basear as especificações teóricas aqui trabalhadas, nutrimo-nos do texto de Bortoni-Ricardo (2005), que já indica, em relação à língua, a seguinte consideração

A língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se levem em conta variáveis extralingüísticas - socioeconômicas e históricas - que lhe condicionam a evolução e explicam, em parte, sua dialetação regional (horizontal) e social (vertical) (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 31).

Assim, a pesquisadora confirma a não-relação entre a língua usada e a contida nos compêndios de regras doutrinadoras da norma padrão da língua. Via de regra, tal preocupação em aferir as variáveis extralingüísticas não ocorre ao se entabular o ensino da língua.

É fato que a história indica a origem do nosso português como língua diversa e dinâmica que hoje usamos todos os dias. A pesquisadora Bortoni-Ricardo (2005) resalta a ideia relativa a essa visão histórica

O português falado no Brasil em zonas urbanas é resultado de um compromisso entre os múltiplos dialetos portugueses falados pelos colonos, procedentes das diversas províncias de Portugal, que, postos em contato, tenderam a uma homogeneização linguística, com redução das particularidades mais típicas (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 32).

Portanto, tal homogeneização proveniente dos mais diversos dialetos dos colonos além de influências de várias outras línguas culminou na língua portuguesa brasileira, com diversas ramificações que se confluem pelas diversas regiões e situações de uso.

Mesmo que essa projeção homogeneizadora da língua tenha sido uma realidade, os mais diversos movimentos de migrações internas (e também externas) no território brasileiro criaram formas também diversas de comunicação. Bortoni-Ricardo (2005) esclarece que

Os vernáculos ficaram por muito tempo mais ou menos circunscritos às regiões interioranas e isoladas. No século XX, assistimos, porém, a dois fenômenos de notáveis consequências linguísticas: a migração das populações das pequenas cidades e zonas rurais para os grandes centros e a

difusão dos meios de comunicação em massa (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 33).

As migrações entre centros urbanos e interior moldaram nossa língua como hoje a conhecemos e, de fato, usamô-la. Muitas das expressões em uso hoje foram forjadas no cotidiano da sociedade brasileira. Assim como a rotina da comunicação em todo o território nacional constituiu nosso léxico, os meios de comunicação também contribuíram para a formação da nossa língua atual, consoante Bortoni-Ricardo (2005). Muitas das expressões, como bordões e imitações de falas de diversas regiões são das mais diversificadas formas de comunicação em nossa língua e formam a pluralidade que encontramos em nossa língua de acordo com as mais variadas situações de comunicação.

Em sala de aula, todas essas realidades se apresentam, pois os dialetos urbanos são produtos dessa herança histórica. A sociolinguista Bortoni-Ricardo (2005, p. 33), ao afirmar que “o declínio dos vernáculos que se transformam em dialetos urbanos de classe baixa, acentuando-se provavelmente a estratificação vertical da língua”, determina justamente o produto dessa herança histórica. Posto isso, a variação diastrática da língua demonstra que os diversos estratos sociais indicam a atual e dinâmica forma de comunicação no ambiente escolar, posto que no “chão” da sala de aula há um misto de gêneros textuais, produzidos pelos alunos ou apresentados pelos professores, que apontam a pluralidade da língua em seus mais diversos meios.

Dessa forma, é possível perceber que alguns dos nossos alunos são estigmatizados exatamente pela forma de comunicação que usam cotidianamente ao pronunciar expressões como “eu via ela”, “a gente vamos” ou “nós foi ali”, pois tais falas são reconhecidas como “erradas” e a sociedade, em geral a mais escolarizada, procura, de forma arbitrária, banir esse meio de comunicar-se. A informação sobre os estigmas que envolvem alguns indivíduos são baseados em Bortoni-Ricardo (2005, p. 33), pois ela afirma que “Ao se radicar na zona urbana, o indivíduo egresso de zonas rurais ou rurbanas percebe mais facilmente a estigmatização que recebem os itens lexicais e expressões mais salientes de sua fala regional.” Daí a importância do presente trabalho, que busca mostrar para professores de língua portuguesa um meio de ensino da língua cujo objetivo é esclarecer para o aluno que a língua possui diferentes situações as quais exigem diferentes formas de adequação à formalização/monitoramento pelo falante. Ou seja, devem ser utilizadas formas distintas das expressões da língua, a depender da função da comunicação e de seu aspecto de monitoramento, adequadas a cada situação comunicativa.

Assim, de forma didática, citando o texto de Bortoni-Ricardo (2005, p. 35), é importante ressaltar a importância em valorizarmos o “vernáculo”, quando a autora indica que “Os vernáculos, como já vimos, são as variedades regional-rurais que apresentam características especiais na fonética, na morfossintaxe e no léxico.”

Este trabalho, então, procura permitir o ensino de um aspecto da língua, especificamente o uso dos pronomes pessoais do caso reto como complementos diretos dos verbos em um texto a fim de que faça o aluno pensar, refletir a respeito da língua e não apenas aceitar o que é “certo” ou “errado” de acordo com o que prescrevem as gramáticas. Neste caso específico, procuraremos mostrar para os alunos as diferenças de uso dos pronomes retos e oblíquos para que eles entendam as características dos gêneros que permitem ou não esse uso em posição de objeto.

Mesmo que o vernacular esteja relacionado às variedades regionais-rurais, presentes na comunicação de alguns alunos da rede pública de ensino do Distrito Federal, vale lembrar, também, que, devido ao meio urbano moderno, há o predomínio da língua rurbana nas salas de aula de Brasília (mesmo nas regiões administrativas mais afastadas do Plano Piloto), que, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 35), é “uma denominação genérica que inclui as diversas modalidades estratificadas da língua, usadas nas zonas urbanas, na fala e na escrita.” Assim, a autora defende a ideia de que nas zonas urbanas é bem típico o uso da comunicação pelo uso dessa variedade urbana da língua, proveniente dos estratos sociais que formam as mais diversas esferas sociais e linguísticas, mas que estão alocadas predominantemente nos centros urbanos/ referenciais de localização de muitos cidadãos.

Dessa forma, a pesquisadora também esclarece que

Tais modalidades, que dependem da classe social, da profissão, da zona de residência e, principalmente, do grau de escolaridade dos indivíduos, vão desde as variedades populares que se aproximam muito dos vernáculos, até a variedade culta, empregada pelas pessoas de nível alto de escolarização e pelos meios de comunicação de massa, que segue aproximadamente os preceitos da gramática normativa (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 35).

Neste sentido, é possível perceber que há diversas variedades, mesmo que a gramática normativa realmente exista, conforme Faraco (2008) entre outros. A questão a ser discutida é descrever essa gramática normativa e separá-la da norma culta mais urbana e monitorada. O problema é que, em sala de aula, muitas das vezes, tal diversidade não é contemplada pelas explicações feitas pelos professores. O trabalho aqui apresentado, portanto, tenta indicar um meio de como inserir uma visão de variação linguística no andamento das aulas e,

consequentemente, dar subsídios para o professor trabalhar e agregar todas as variedades da língua portuguesa de forma a evitar a discriminação e distanciamento dos alunos menos privilegiados que dominam uma variedade mais distante da norma culta mais urbana. Todavia tal ação, muitas vezes, é barrada não pelo professor em si, mas pela própria construção social, tendo em vista que “A atribuição de prestígio a uma variedade linguística decorre de fatores de ordem social, política e econômica”, conforme ressalta Bortoni-Ricardo (2005, p. 36).

Desta feita, é importante observar que, mesmo com toda força histórica presente nas aulas de língua portuguesa, cuja força social tende sempre a prestigiar a norma culta da língua, é necessário uma visão mais social da língua, com o intuito de trazer à tona a língua por vezes circunscrita ao gueto e aos menos favorecidos, como a própria Bortoni-Ricardo (2005, p. 36) indica: “Ao longo de toda a história brasileira, o português falado pelas classes mais favorecidas tem sido a variedade prestigiada em detrimento de todas as outras.”

No que se refere à nomenclatura norma *culta* ou *curta*³, não podemos deixar de trabalhar com as concepções de Faraco (2008, p. 33), posto que o autor defende a ideia de que “não existe língua para além ou acima do conjunto de suas variedades constitutivas”, ou seja, a língua é “uma realidade intrinsecamente heterogênea”. Mas, isso não se faz presente nas aulas de português como se percebe no chão da sala de aula; nós, professores, tentamos enlatar vários indivíduos de origens e falas distintas em um único molde, engessando a língua, tornando-a, forçadamente, homogênea como a gramática normativa a faz.

Para Faraco (2008, p. 35), norma é aquilo que é normal, que determina “normalidade, ou seja, como o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (‘normal’) numa certa comunidade de fala”. Segundo o pesquisador, a norma dita culta sugere que seus falantes sejam cultos e, assim logicamente, os seus não falantes, incultos, o que é uma grave dedução. Mas se todos temos cultura, então todos somos detentores da norma culta? De acordo Faraco (2008), não. Os adultos economicamente mais favorecidos são os únicos detentores de tal regalia linguística, posto que historicamente possuem maior acesso a meios de aculturamento, como leitura, cinema, teatro, entre outros. Os que não se adequam a tal realidade são, pois, marginais de tal concepção, o que evidencia o rótulo de “erro” para tudo aquilo que faz transgredir as regras gramaticais estipuladas pela norma culta. Nasce, então, a ideia de norma “curta”, a qual consiste em uma falácia linguística ao determinar “uma concepção que

³ Segundo Faraco (2008), *norma culta* é o “conjunto de fenômenos linguísticos (variáveis) que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letRADOS em situações mais monitoradas de fala e escrita” (p.71); e *norma curta* é a que tem tido predomínio no sistema escolar, na mídia, nos manuais de revisão e nos cursinhos pré-vestibulares.

apequena a língua, que encura sua riqueza, que não se percebe (por conveniência ou ignorância?) que o uso culto tem abundância de formas alternativas e não se reduz a preceitos estreitos e rígidos”.

Dessa forma, é imprescindível compreender a complexidade de como a língua foi forjada e suas implicações para a realidade atual, a qual deixa clara a ideia de que não há uma só língua, mas várias e que nós, professores, não podemos escolher uma em detrimento de outra, menos favorecida. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que

Todos os que estão familiarizados com a realidade escolar brasileira sabem que a alfabetização de crianças de classe baixa apresenta rendimento alarmantemente pequeno. Entre as diversas causas deste fenômeno, destaca-se certamente o fato de essas crianças se defrontarem na escola com uma norma desconhecida (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 37).

Essa “norma desconhecida” que a autora expõe nada mais é que aquela determinada pelos padrões rígidos das gramáticas, da inculcação do erro, da oposição entre o “bonito” e o “feio”. A imposição desses padrões engessados das gramáticas acaba por fazer os alunos “torcerem o nariz” e não desejarem incorporar as informações contidas nas mais diferentes gramáticas escolares. Cabe a cada professor adaptar sua forma de ensinar a norma culta sem colocar ao lado a língua já internalizada pelos alunos, oriundos das mais diferentes esferas sociais e realidades do uso da língua.

É justamente neste escopo que se norteia esta dissertação, amparada pela proposta de aplicação pensada. A ação de semear a ideia de que a língua é plural e pode ser usada de diferentes formas, dependendo da situação de uso, faz-se mister nas salas de aula. O uso de variados gêneros, de diferenças entre o PB e o PE e do porquê usarmos, como “regras”, a gramática lusitana foram o mote para a concepção deste trabalho. Se, ao cabo do trabalho, os alunos se perceberem como usuários reais da língua e possam, em diferentes situações, saber adequar as suas variantes adequadamente ao contexto de uso podemos assumir que a aplicação tenha surtido efeito e que pode servir de apoio para que demais colegas professores a usem em suas salas de aula.

No intuito de compreender como se dá a percepção sobre a variação linguística, na próxima seção discorreremos sobre os tipos de variação do português do Brasil.

2.2 Os tipos de variação do português do Brasil

É fato que, em um trabalho cujo um dos objetivos é estudar a língua em relação ao seu uso no “chão” da escola, não pode deixar de apresentar um estudo sobre variação na língua portuguesa, mesmo que não trabalhemos todos os tipos de variação. Em geral, a variação linguística abordada nos livros didáticos se resumem à diatópica, isto é, “as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país em diferentes países.”, conforme Ilari (2012, p. 157). Os exemplos de trechos de livros⁴, que apresentaremos a seguir, mostram como ocorre a abordagem desta temática em dois exemplares de livros didáticos típicos do ensino básico. Além disso, mostraremos que a visão voltada simplesmente para este conteúdo, de forma estanque e sem aplicabilidade na formação linguística dos alunos, pode ser contraposta com um tratamento mais voltado para a prática linguística, ou seja, como se dá a variação no cotidiano dos falantes, por meio de avaliações de larga escala, como o ENEM, um dos principais meios de ingresso no ambiente acadêmico hoje existente. Inserimos duas questões de provas mais atuais (2016 e 2017), que abordam o estudo da variação linguística.

A pesquisa em tela trabalha o uso dos pronomes clíticos como complementos verbais diretos, algo que se faz presente no dia a dia de nossas comunicações. Há, pois, estratégias de uso dos clíticos que se fazem presentes na língua, como demonstraremos posteriormente. Neste sentido, é preciso discutir a variação linguística nesta dissertação, pois, caso contrário, deixaremos lacunas na discussão trabalhada, deixando-a coxo quanto a sua elucidação para os professores que desejarem, futuramente, utilizá-la como fonte de trabalho para as possibilidades de uso de objetos diretos, sejam elas: clítico, pronome, nome ou objeto nulo. Para tanto, mesmo que diversos autores já se tenham debruçado sobre o estudo da variação linguística – como Labov (1969), Faraco (2008), Bortoni-Ricardo (2005) – trabalharemos com Ilari (2012).

Inicialmente, como esta pesquisa observará alunos do 9º ano do ensino fundamental II, é importante verificarmos como as gramáticas desta fase escolar trabalham o tema. Neste sentido, é notório que muitas delas nem sequer mencionam este assunto, tendo em vista que não é um conteúdo muito constante em certames no país.

Na contramão deste pensamento, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), em consonância com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), vem cobrando, em suas

⁴ Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa – José de Nicola, Ulisses Infante. - São Paulo: Scipione, 1997. Gramática em Textos – Leila Lauar Sarmento. - São Paulo: Moderna, 2005.

provas de Linguagens e Códigos, questões referentes à variação linguística, conforme se verifica nas questões a seguir, retiradas de provas do ENEM de 2016 e de 2017.

Figura 3 – Questão ENEM 2017

1º EXEMPLO DE QUESTÃO (ENEM/2017)

Zé Araújo começou a cantar num tom triste, dizendo aos curiosos que começaram a chegar que uma mulher tinha se ajoelhado aos pés da santa cruz e jurado em nome de Jesus um grande amor, mas jurou e não cumpriu, fingiu e me enganou, pra mim você mentiu, pra Deus você pecou, o coração tem razões que a própria razão desconhece, faz promessas e juras, depois esquece.

O caboclo estava triste e inspirado. Depois dessa canção que arrepiou os cabelos da Neusa, emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena. Era a história de uma boneca encantadora vista numa vitrine de cristal sobre o soberbo pedestal. Zé Araújo fechava os olhos e soltava a voz:

Seus cabelos tinham a cor/ Do sol a irradiar/ Fulvos raios de amor./ Seus olhos eram circúnvagos/ Do romantismo azul dos lagos/ Mãos liriais, uns braços divinais,/ Um corpo alvo sem par/ E os pés muito pequenos./ Enfim eu vi nesta boneca/ Uma perfeita Vênus.

Fonte: CASTRO, N. L. As pelejas de Ojuara: o homem que desafiou o diabo. São Paulo: Arx, 2006 (adaptado).

(ENEM/2017) O comentário do narrador do romance “[...] emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena” relaciona-se ao fato de que essa valsa é representativa de uma variedade linguística

- a) detentora de grande prestígio social.
- b) específica da modalidade oral da língua.
- c) previsível para o contexto social da narrativa.
- d) constituída de construções sintáticas complexas.
- e) valorizadora do conteúdo em detrimento da forma.

RESPOSTA: letra A.

Figura 4 – Questão ENEM 2016

2º EXEMPLO DE QUESTÃO (ENEM/2016)

TEXTO I

Entrevistadora— eu vou conversar aqui com a professora A. D. ... o português então não é uma língua difícil?

Professora — olha se você parte do princípio... que a língua portuguesa não é só regras gramaticais. não se você se apaixona pela língua que você . já domina que você já fala ao chegar na escola se o teu professor cativa você a ler obras da literatura. obras da/ dos meios de comunicação. se você tem acesso a revistas. é... a livros didáticos. a... livros de literatura o mais formal o e/ o difícil é porque a escola transforma como eu já disse as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

TEXTO II

Entrevistadora — Vou conversar com a professora A. D. O português é uma língua difícil?

Professora — Não, se você parte do princípio que a língua portuguesa não é só regras gramaticais. Ao chegar à escola, o aluno já domina e fala a língua. Se o professor motivá-lo a ler obras literárias, e se tem acesso a revistas, a livros didáticos, você se apaixona pela língua. O que torna difícil é que a escola transforma as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

Fonte: MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001 (adaptado).

(ENEM/2016) O Texto I é a transcrição de uma entrevista concedida por uma professora de português a um programa de rádio. O Texto II é a adaptação dessa entrevista para a modalidade escrita. Em comum, esses textos

- a) apresentam ocorrências de hesitações e reformulações.
- b) são modelos de emprego de regras gramaticais.
- c) são exemplos de uso não planejado da língua.
- d) apresentam marcas da linguagem literária.
- e) são amostras do português culto urbano.

RESPOSTA: letra E.

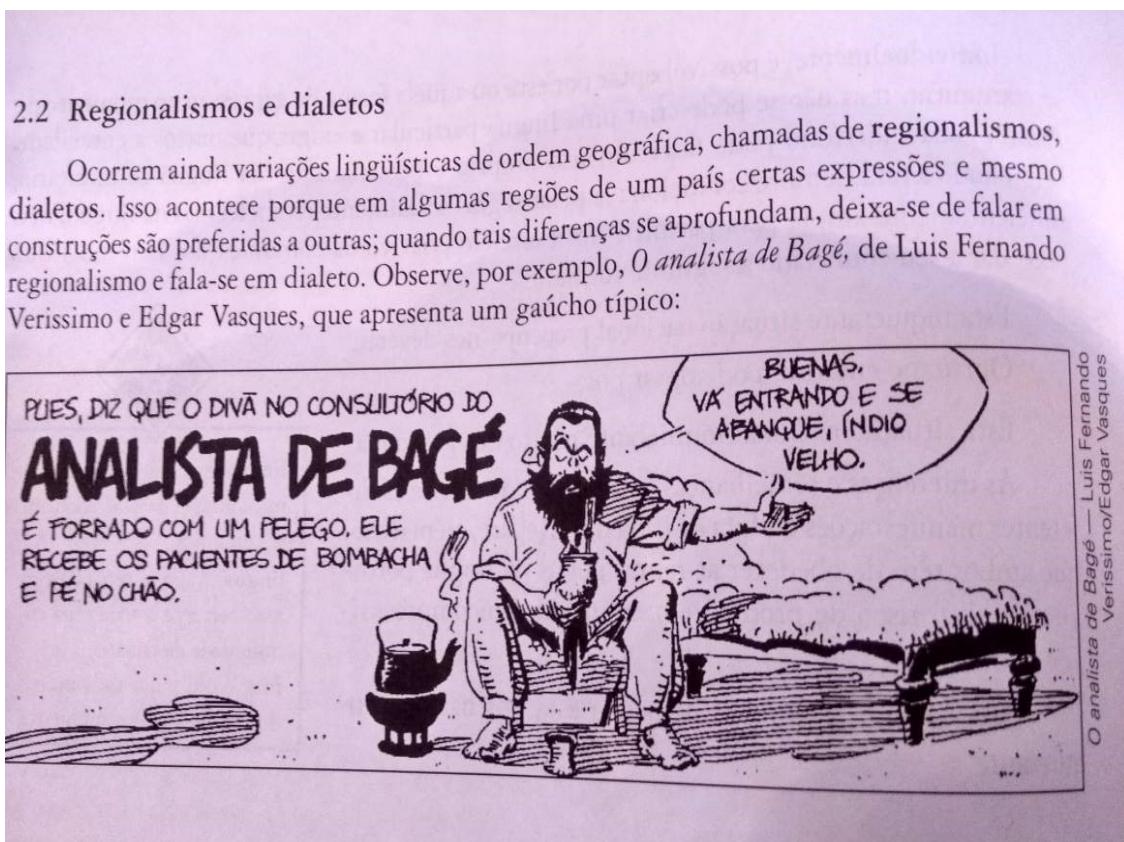
É possível perceber que, nos dois exemplos de questões do ENEM, o assunto variação linguística não é cobrado de forma decorativa, mas dentro de um contexto em que a língua é posta na aplicação de uso e procura fazer o candidato refletir sobre como a variação influencia ou é influenciada exatamente por esse uso.

Cremos que tal ótica de abordagem, mesmo em um certame de caráter eliminatório cuja função precípua é classificar pessoas a partir de questões objetivas e uma prova discursiva, pode indicar um caminho mais prático do estudo das variações; algo que não se verifica em livros didáticos, ditas gramáticas, conforme texto de Antunes (2007), cuja abordagem se restringe a nomenclaturas.

Observemos os exemplos a seguir, retirados de gramáticas adotadas em escolas de ensino fundamental II.

Exemplo I

Figura 5 – Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa



Fonte: NICOLA, José de. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa / José de Nicola, Ulisses Infante. - São Paulo: Scipione, 1997, p. 20.

Exemplo II

Figura 6 – Gramática em Textos

EM RESUMO

LINGUAGEM CULTA E LINGUAGEM COLOQUIAL

- **culta** — obedece às regras gramaticais.
- **coloquial** — usada nas relações informais, sem preocupação com regras gramaticais.

Níveis de linguagem

Nível médio: linguagem culta informal, com correção lingüística e menos familiar.

Nível familiar: linguagem coloquial ou informal, com estruturas simples, do cotidiano.

Nível relaxado: há incorreções gramaticais e desvios da linguagem-padrão. Encontram-se gírias.

Nível elevado e técnico: linguagem mais elevada que a linguagem-padrão. Fazem parte a linguagem culta e a literária.

Variações lingüísticas

- **modalidade geográfica ou regional** — maneira própria de falar de determinada região.
- **modalidade popular** — apresenta desvios das normas gramaticais.
- **modalidade histórica** — sofre mudanças constantes através dos tempos.

Fonte: SARMENTO, Leila Lauar. Gramática em Textos. São Paulo: Moderna, 2005. p. 20.

Pelo modo como o assunto variação linguística e a própria linguística em si é apresentada, é notório o caráter explicativo do tema e a abordagem meramente com função de o aluno-consultor do livro decorar as informações. Assim, há uma disparidade entre o que os textos acadêmicos preconizam e os livros didáticos, ditas gramáticas, passam para os alunos; muitas vezes restringindo o assunto da variação linguística às mudanças no léxico devido aos regionalismos.

Desta feita, o objetivo desta seção é preconizar uma visão mais completa da variação linguística, pois, como este trabalho aborda o assunto, torna-se preponderante tal inclusão.

Incluiremos, então, conceitos sobre a variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica⁵.

Portanto, inicialmente, conforme texto de Ilari (2012, p. 152), tomaremos sua perspectiva sobre a variação diacrônica - “aquele que se dá através do tempo”. Isto é, é a variação que se percebe quando gerações são comparadas, como é o caso das gírias “estar de bonde” e “ficar”, ambas com sentidos equivalentes: relacionar-se com alguém. Além das gírias, é possível perceber a variação diacrônica na gramaticalização de alguns termos, como o pronome “você”, que remonta a “Vossa Mercê”, pronome de tratamento usado com o mesmo valor de “Vossa Majestade”; hoje o pronome “você” possui o sentido de “tu”, pronome de segunda pessoa do discurso. Inversamente à gramaticalização, há a lexicalização, quando uma palavra passa a pertencer a outra classe gramatical devido ao contexto em que é utilizado, como por exemplo a expressão “deixe de *entretantos* e passe aos *finalmentes*”, em que “entretantos” e “finalmentes” são advérbios, mas no contexto passaram a ser substantivos.

Ilari (2012, p. 157) também indica o conceito de variação diatópica - são “as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou diferentes países”. Neste caso, podemos citar as diferenças entre o português do Brasil e o europeu, como por exemplo, a frase “Senhor Doutor, esta carta é para si”, cujo uso do “si”, no português europeu, refere-se a “Senhor Doutor”; enquanto que no português brasileiro o pronome de tratamento se repete: “Doutor, esta carta é para o senhor”. É justamente na variação diatópica que verificamos as maiores diferenças abordadas nos livros didáticos de ensino fundamental, pois apresentam os regionalismos presentes na língua, como em lanternagem e funilaria; macaxeira, aipim e mandioca; negócio e venda. Tais exemplos não ficam circunscritos apenas ao léxico, mas ao próprio falar, como a queda do “r” final nas formas verbais infinitivas.

Ilari (2012, p. 175) também indica o conceito de variação diastrática, isto é, “o tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população”. Esta variação é a mais presente no ambiente escolar, pois variados estratos sociais se apresentam em uma mesma sala de aula. Podemos verificar na rede pública de ensino, alunos que detém um padrão de vida de classe média, com o uso de celulares de última geração e roupas de marca, e aqueles que formam a classe mais baixa da sociedade, que vão à escola de sandálias e mal têm condições de comprar o uniforme escolar. Tal variação ocorre na fonética (queda de material fonético posterior à vogal tônica - *figo* por *figado*); na morfologia (perda do -s da

⁵ Ressaltamos que todas nomenclaturas dos tipos de variação citados serão abordados e especificados no decorrer desta seção.

desinênciam da primeira pessoa plural - *nóis cantamo*); na sintaxe (negação redundante com indefinidos negativos (*ninguém não sabia*).

Neste sentido, está o embasamento teórico desta pesquisa, pois partimos de uma concepção real de uso da língua e pretendemos apresentar aos alunos partícipes as possibilidades de formas de utilização, a fim de que eles percebam os momentos ideais para colocarem em prática a variação mais adequada às situações de uso, ou seja, momentos mais ou menos monitorados da língua, consoante texto de Bortoni-Ricardo (2005).

Por fim, e não menos importante, há a variação diamésica, isto é, a “variação associada ao uso de diferentes meios e veículos”.

A variação diamésica compreende, antes de mais nada, as profundas diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita. Uma longa tradição escolar acostumou as pessoas a vigiar a escrita e a dar menos atenção à fala, por isso muita gente pensa que fala da mesma forma que escreve (ILARI, 2012, p. 181).

Outro ponto a ser abordado nesta pesquisa é justamente a variação diamésica, pois a escola, terreno precipuamente escrito, desconsidera a comunicação falada como também pertencente ao processo de comunicação com planejamento. Daí o caráter ínfimo dado à fala, assim como a estigmatização que os alunos sofrem pela maneira como falam. Este trabalho vem procurar determinar que tanto a fala quanto a escrita detêm suas importâncias. Nós, usuários da língua, devemos distinguir qual o grau de monitoramento adotaremos para a fala e a escrita tendo em vista a situação de uso que nos encontrarmos, ou seja, tanto na fala quanto na escrita deve existir um planejamento com o intuito de que exista uma proposta clara de comunicação.

Neste sentido, a pesquisa pretende trabalhar a perspectiva do uso dos pronomes clíticos na fala e na escrita com os alunos, apontando as diferenças existentes no acionamento da língua em seu uso real. O objetivo, contido na proposta de aplicação, é apresentar para o aluno que a noção de “erro” não pode estar atrelada somente à escrita nem à língua como um todo. Não se pode pensar na questão do “erro” como algo engessado, ou seja, aquilo que foge das determinações dos livros de gramática. A noção de “erro” causa, para os falantes, uma barreira, levando-os à concepção de que a sua própria língua não o representa. Conforme Antunes (2007), não podemos determinar que existem “normas socialmente mais prestigiadas que outras”, isto é

Devemos ainda rejeitar (denunciá-la, até!) qualquer atitude preconceituosa e não perder a oportunidade de abrir a discussão sobre tais pontos, a fim de possibilitar um entendimento equilibrado da questão: existem muitos falares; todos são legítimos; cada um é apropriado a uma situação particular. Competente é aquele que domina o maior número possível desses falares, inclusivamente, aquele falar apropriado às situações mais ligadas à fala e à escrita formais (ANTUNES, 2007, p. 100).

Tal ideia se concretiza em sala de aula, pois nós, professores de língua portuguesa, não usamos o parâmetro culto da língua em 100% das nossas aulas, e isso não implica despreparo linguístico, mas “empenho por ser eficiente e poder garantir o sucesso da interação, conforme Antunes” (2007, p. 99).

Partindo desse pressuposto, o conhecimento acerca dos tipos de variação e como eles estão relacionados à prática da língua tornam-se proeminentes não somente para esta pesquisa em particular, mas por suscitar questionamentos que se encontram em sala de aula, principalmente quando o aluno diz: “não sei português” ou “português é muito difícil”, pois esses conhecimentos são importantes para o ensino.

É necessário que os alunos, ao verificarem o uso dos pronomes retos como acusativos, isto é, objetos diretos, não pensem que estão cometendo um “erro” de português, mas sim adaptando a língua para uma situação de uso que respeita a função, os interlocutores e a própria mensagem em si. É papel do professor de português dentro do ambiente escolar mostrar que há usos diversos da língua, e não apenas os preconizados nos compêndios ditos gramáticos. O que vale ressaltar para os alunos é que diferentes situações de acionamento da língua requerem diferentes variações. A diastrática (referente aos diferentes estratos de uma população) é exemplo clássico dessa diferenciação, principalmente no que tange esta pesquisa: o uso dos pronomes retos como objetos diretos de verbos.

2.2.1 Variação estilística: o estilo e a variação

Dentro da perspectiva da variação linguística, devemos nos atentar para o estilo que determina a individualidade de cada falante. Inicialmente, é importante verificarmos que o estilo está relacionado às situações de uso, como temos abordado nesta dissertação. Da Hora (2014) nos mostra justamente essa linha de raciocínio.

Quando observamos os diferentes modos de dizer e os subordinamos a diferentes situações, deparamo-nos com uma outra concepção de estilo,

aquela que leva em conta a língua falada e que tem diferentes variantes associadas a uma determinada variável (HORA, 2014, p. 19).

Neste sentido, estilo é uma “variável que se correlaciona a diferentes formas de dizer” (Hora, 2014, p. 19). Parte-se do pressuposto que os falantes da língua, mesmo interagindo entre si, possuem suas particularidades dentro do contexto social de comunicação. Vale-se da premissa que o estilo, ou variação estilística, mostra como cada falante reage dentro de uma comunidade linguística. Da Hora procura, então, indicar como esta relação de comunicação pode ser afetada pela variação estilística.

Como o falante reage a sua própria maneira de falar e à de outrem traz implicações para questões relacionadas, por exemplo, ao problema do preconceito linguístico, algo que pode ter desdobramentos prejudiciais à convivência dos grupos em que se inserem os falantes (HORA, 2014, p. 20).

Isto posto, o problema relativizado por Da Hora traz à tona a questão do preconceito linguístico, posto que, se cada falante possui seu modo singular de comunicação, há implicações para a aceitabilidade de cada um em grupos, os quais tendem a expurgar aqueles que não se adequam à realidade na qual estão inseridos. Neste sentido, Da Hora (2014, p. 19) indica que é a “Labov, com seu estudo pioneiro sobre a fala de Nova Iorque (1966), que devemos a inserção da restrição (condicionador) *estilo* como uma variável que se correlaciona a diferentes formas de dizer.” Ou seja, se analisarmos os condicionadores extralingüísticos, verificaremos que há duas categorias, consoante Da Hora (2014, p. 20): “uma social, que focaliza a diferença entre a fala de diferentes falantes, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária, a etnia etc., e outra estilística, que focaliza as diferenças intrafalantes”.

Portanto, o estudo da variação possui valor social, isto é, a identidade do usuário. É neste sentido que relacionamos o preconceito linguístico com a variação estilística, ou seja, tentamos dirimir na visão dos alunos envolvidos nesta pesquisa a ideia de uniformidade de uso da língua, a fim de que eles concebam a percepção de que há diversas formas de comunicação; devemos, pois, encontrar aquela que melhor se adapta à situação de uso, trazendo também suas características individuais. Assim, a variação linguística pode ser um mecanismo tanto de eufemismo das relações de comunicação, como de acréscimo do preconceito já tão enraizado na nossa sociedade. Precisamos, pois, trabalhar a ideia da variação como algo que pode trazer à comunidade de fala ou visão mais social da língua, sem que o “erro” seja visto como patente no processo de comunicação.

Outra perspectiva referente à variação estilística, defendida por Severo (2014), propõe que “as noções de variação social e estilística se associam ao problema do encaixamento social” (Severo, 2014, p. 42), implicando traços utilizados para registrar mudança de estilo e estratificação social. É justamente por essa razão que o encaixamento social está relacionado a como se dão as formas de comunicação dentro dos diversos gêneros textuais seja na fala ou na escrita. Dependendo da situação social, caso o indivíduo não se encaixe na situação de uso da língua, este poderá sofrer preconceitos e até não ser alocado nas relações sociais de comunicação.

Saber usar a língua, mais especificamente – nesta pesquisa – quanto ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa, indica um modo de o indivíduo conseguir o encaixamento social, sem sofrer preconceitos linguísticos decorrentes de sua fala ou escrita. Ter o conhecimento sobre as diferentes possibilidades de uso dos complementos verbais diretos (clítico, lexical, sintagma nominal, objeto nulo) pode ser, mesmo que minimamente, uma forma de a sociedade perceber que o falante sabe como se comunicar em situações de maior ou menor grau de monitoramento.

Severo (2014) também desenvolve a concepção de que

Enquanto a variação social envolve uma relação entre traços linguísticos e subgrupos sociais (sexo/gênero, escolaridade, idade, e classe socioeconômica), a variação estilística é captada a partir de dois aspectos: (i) o grau de atenção que os falantes dedicam a sua fala, que varia desde o estilo monitorado ao casual (vernáculo); (ii) as “alternâncias pelas quais um falante adapta a sua linguagem ao contexto imediato de fala” (Labov, 2008 [1972], p. 313), estando esses dois aspectos correlacionados (SEVERO, 2014, p. 42).

Desta feita, relacionar o processo de comunicação com a situação em que esse processo se dá é totalmente relevante para a adequação do texto (oral ou escrito). No caso desta dissertação, fazer com que os alunos compreendam como a situação de acionamento da língua interfere na forma como eles vão utilizar os pronomes acusativos é também uma forma de aferir o uso da variação estilística, pois se esta indica a individualidade do comunicador, também revela como se processa sua comunicação, desde a mais casual até a mais formal.

É justamente por isso, que a autora nos determina que, conforme as funções comunicativas contidas nos estudos de Labov e Bakhtin, podemos perceber que

As funções expressiva e diretiva labovianas (e/ou função social) dialogam com a dimensão individual do estilo bakhtiniano, ou seja, com a relação valorativa que os sujeitos estabelecem com o sujeito discursivo, o que fica

mais evidente nos gêneros menos padronizados e circulantes pelas esferas literária e cotidiana (SEVERO, 2014, p. 42).

Portanto, a percepção social e a individual da língua estão imbricadas. Não podemos dissociar o indivíduo do meio no qual ele comunica suas informações. Esta dissertação, pois, procura mostrar essa relação existente no aspecto comunicativo quanto ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa como complementos verbais. Os alunos, dependendo da situação de uso, podem adequar o uso dos pronomes, que vai desde o modo mais casual – “O livro? Eu já peguei ele sim, professor” – até o mais formal - “O livro? Eu já o peguei, professor”. E isso não implica erro, mas sim o uso individual e situacional da variação estilística que se percebe no momento de acionamento da língua.

2.3 Estudo dos fundamentos sociolinguísticos

Com o objetivo de compreendermos melhor como se dá o uso dos pronomes acusativos de terceira como objetos diretos em relação à variação linguística, trabalharemos alguns aspectos da sociolinguística, que tem como base o estudo da língua. O objetivo é apresentarmos algumas noções essenciais da sociolinguística, seus objetos de estudo e conceitos básicos.

A sociolinguística não se restringe ao âmbito acadêmico, ela está presente diuturnamente na vida escolar. Necessita-se de uma aproximação maior entre a academia e o ensino da língua na escola. Seria, consoante estudos da Sociolinguística Educacional, um caminho para que o preconceito linguístico e a acepção de erro na língua fossem dirimidos. É justamente por este motivo que o estudo da sociolinguística educacional também se faz presente neste trabalho, posto que é uma subárea da sociolinguística. Utilizaremos os conceitos teóricos da sociolinguística educacional para o ensino da língua de forma a valorizar a língua em si, sem preceitos de erro nem conotações econômicas ou políticas.

Para se verificar essa concepção, Mollica (2014) aponta o caminho pelo qual o falante se insere na sociedade a partir do pensamento da sociolinguística educacional.

Cabe entendermos a lógica do falante, suas crença e atitudes em relação ao que pensa da escola como espaço para seu desenvolvimento linguístico, profissional e suas chances para inserção na sociedade. Cumpre conhecer o grau de importância que os indivíduos conferem à escola, procurando mostrar como a sociedade vincula letramento e iletramento à inclusão social (MOLLICA, 2014, p. 5).

Vale ressaltar que a ideia de língua não se restringe ao meio acadêmico ou àquilo que os livros contêm. Há, embora poucos tenham ciência, um documento que determina todos direitos que se referem ao escopo linguístico: a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, cujo artigo 10, inciso 2º, determina o princípio da igualdade linguística.

Esta Declaração considera inadmissíveis as discriminações contra as comunidades linguísticas, baseadas em critérios como seu grau de soberania política, sua situação social, econômica ou qualquer outra, assim como o nível de codificação, atualização ou modernização de suas línguas. (UNESCO, 1996, p. 29)

A ideia defendida neste inciso – embora muitas vezes lido apenas como justificativa para as línguas de minoria, como indígenas, por exemplo – deixa clara a concepção de que a

língua é ideológica, não geográfica; é democrática, não imposta; pertence a sua comunidade de fala, não a poucos usuários; desconhece interesses financeiros. Desta feita, cada pessoa, independente de sua situação social ou econômica é pertencente de uma comunidade linguística e dela não pode ser excluída pelo simples fato de não seguir o que preconiza um nicho social abastado e elitizado nem como compêndios gramaticais, em geral pautados numa só visão de norma.

O estudo da sociolinguística educacional nos mostra que a escola, de uma forma geral, impõe o ensino da norma padrão que é uma forma abstrata da língua, utilizada como meio de normatização e predominantemente requerida na escrita e desconsidera os traços linguísticos e culturais do aluno. Este desprezo pelos conhecimentos linguísticos do aluno provoca nele uma sensação de insegurança e, muitas vezes, a rejeição ao ato de aprender as formas consideradas “prestigiadas” da língua.

Neste sentido, muitas vezes de forma inconsciente, o aluno se retrai e tende a não usar aquilo que o professor explica em sala de aula, justamente pela sensação de não pertencimento à realidade linguística apresentada nas regras da gramática e da diferença entre a variedade ensinada em contraposição à sua variedade. Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 15), “o caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante”, ou seja, a escola é um caminho democrático e universal em que os bens culturais de um povo, como sua língua, podem ser disseminados sem barreiras ou preconceitos, fazendo crer que todos seus falantes estão inseridos no processo comunicativo da sociedade.

Além disso, a concepção de norma e variação também está imbricada no espectro social, isto é, devemos compreender que as mudanças de acionamento da língua dentro da sala ocorrem de acordo com as diversas situações de uso, como conversas informais, durante a explicação de um conteúdo, em apresentações escolares, em grupos de *whatsapp* ou na escrita de um trabalho escolar. Cabe ao professor, segundo Almeida Baronas (2014, p. 41) ter a “compreensão da língua portuguesa abrangendo as variadas normas presentes no país, ou seja, o trato da linguagem numa perspectiva sociolinguística”.

Neste sentido, é preciso reconhecer que formas de comunicação, sejam escritas ou orais, mais ou menos estigmatizada, estão presentes no cotidiano escolar. Essa percepção, oriunda da Sociolinguística Laboviana (2008), indica que uso da língua é inerente à ocorrência de formas e expressões que naturalmente variam e se modificam. Neste sentido, segundo estudos realizados pela pesquisadora Santana (2017, p. 36), “o pronome lexical, originalmente nominativo porém expresso em função acusativa, como em ‘todos os dias a mãe do Luiz

levava *ele* para o treino de futebol?, (...) é a forma de menor prestígio social, por vezes estigmatizada”.

Tendo a teoria Laboviana como base, apresentamos um quadro sintético sobre as noções básicas sobre a sociolinguística, conforme Coelho (2015), cujo detalhamento será determinado ao longo desta seção.

Quadro 1 – Coceitos básicos da sociolinguística

CONCEITOS BÁSICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA			
Tipo	Conceito	Especificação	Exemplos
Variedade	Diferentes formas de manifestação da fala em uma língua. Dialetos ou Falar.	Geográfica, social, idade, sexo, ocupação.	Tu e você
Variação	Duas ou mais formas alternativas de dizer a mesma coisa no mesmo contexto.	Diatópica, diacrônica, diafásica (estilística), diastrática e diamésica.	Macaxeira, aipim, mandioca. Tu falou.
Variável	Representa o traço, construção ou forma linguística cuja realização apresenta algumas variantes derivadas de observação pelo investigador.	Dialeto, socioleto, idioleto e cronoletos.	Dialeto mineiro, dialeto gaúcho, dialeto baiano e dialeto carioca. Mano, treta.
Variantes	Utilizado para designar o item que é alvo de mudança.	Padrão e não padrão.	Peixe, pexe. Nós e a gente. Eu vi ele. Eu o vi.

Com base em tais percepções, entendemos que os preceitos básicos da sociolinguística fazem-se necessários a fim de que consigamos, em sala de aula, não termos uma visão estigmatizadora da língua. Segundo Coelho (2015, p. 11), para compreendermos a sociolinguística, “é necessário abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta, acabada, que não é suscetível a variar e mudar.” Assim, verificamos que cotidianamente a língua passa por processos de transformações, seja pelo uso de uma nova palavra estrangeira, um bordão da televisão, uma gíria, isto é, palavras ou expressões que são criadas ou recriadas para contribuir no processo de comunicação em todos os níveis da sociedade. Essa ideia pode ser observada em Coelho (2015), pois

É necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua - os falantes - tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros (COELHO, 2015, p. 12).

Para a autora, a língua usada diariamente é determinada pelos seus falantes em processos de interações e influencia o modo de comunicação utilizado. Neste sentido, podemos determinar que a língua é um sistema organizado, mas que também varia de várias maneiras. Portanto, com o objetivo de trazermos à tona os termos basilares que estão relacionados à sociolinguística, como variedade, variação, variável e variante, mencionaremos as ideias mais significativas sobre eles.

A variedade (também denominada de dialeto e “o falar”) é a fala característica de determinado grupo. Por exemplo, é pela variedade que identificamos, geograficamente, a comunidade de fala gaúcha, a manauara, a paulista. Segundo Coelho (2015, p. 65), a variedade culta está “associada às camadas mais altas da pirâmide social”. Ou seja, os mais escolarizados, com maior remuneração, maior acesso à cultura letrada e residentes de centros urbanos, em geral, detêm essa variedade e a utilizam corriqueiramente em sua fala.

Os detentores dessas características dominam uma variedade prestigiada da sociedade, em detrimento da variedade estigmatizada, em geral acionada por indivíduos com menor acesso aos meios de aculturamento (como jornais, revistas, teatro, cinema), conforme Antunes (2007). Portanto, é justamente pelo fato de a variedade culta ser detentora de prestígio na sociedade que os professores, em geral, menosprezam a fala dos menos favorecidos, como os alunos de classe baixa, formadores da base do alunado das escolas públicas no cenário atual brasileiro.

Neste sentido, é muito comum os professores indicarem aos alunos os “erros” que estes cometem em seus processos de comunicação, tanto na escrita quanto na fala, tendo como parâmetro a norma culta da língua, senão a padrão. Na verdade, os “erros de português”, conforme Bortoni-Ricardo (2004),

são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade (...) e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37).

Torna-se, então, imprescindível indicar que tais diferenças não podem ser motivo para estigmatizar o aluno ou menosprezar sua fala⁶. Esta dissertação procura mostrar que as diferenças entre as variedades da língua devem ser apresentadas aos alunos, com o intuito de que eles reconheçam o momento oportuno para acionar cada tipo de variedade, da mais monitorada a menos monitorada. As atividades apresentadas na proposta de aplicação, com a ideia de haver um contínuo e não divisão estanque no monitoramento, procuram trazer essa discussão, mostrando para os alunos partícipes que há vários modos de acionamento da língua e ele que deve perceber a situação de uso apontada e acionar a variação⁷ mais adequada. Devemos, todos, sermos poliglotas da própria língua, conforme defendia o filólogo Evanildo Bechara (2001).

Além da **variedade**, outro conceito importante é o da **variação linguística**, isto é, o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado. O pesquisador, na sociolinguística, tem por objetivo descobrir quais os mecanismos que regulam a variação, como ela interage com os outros elementos do sistema linguístico e da matriz social em que ocorre e como a variação pode levar à mudança na língua, segundo preconiza Coelho (2015).

Variável é o lugar na gramática em que se localiza a variação; já **variante** são as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável, como por exemplo o uso dos pronomes clíticos e lexicais – “eu vi ele” ou “eu o vi”. Quanto à variação, as formas variantes costumam receber valores distintos pela comunidade. Assim, vale ressaltar a diferença entre variantes padrão e não padrão. As variantes padrão são as que pertencem às variedades cultas

⁶ Vale ressaltar que trabalhamos somente com a noção de comunidade linguística e não vamos entrar na discussão sobre aceitações de padrões de escrita a depender do gênero.

⁷ Os conceitos relacionados às variedades linguísticas estão sendo abordados durante toda esta seção, conforme Coelho (2015).

da língua; e as não padrão tendem a se afastar dessas variedades cultas. Assim, a padrão é de prestígio e conservadora; enquanto que a não padrão é estigmatizada e inovadora.

Vale ressaltar que os conceitos teóricos aqui elencados têm a função de indicar a influência que as variantes padrão e não padrão possuem na sociedade, que, de certo modo, levam alguns professores de língua portuguesa a estigmatizar os alunos de acordo com o uso que eles fazem da língua. Muitos profissionais não conseguem perceber que a língua, como uma forma variável de uso, pode se adaptar a diversas situações, com maior ou menor nível de monitoramento, como uma reportagem jornalística em um canal de televisão, que pode ter uma linguagem menos monitorada. Podemos perceber isso na imagem a seguir, que representa uma reportagem do portal G1.

Figura 7 – Notícia do Portal G1

The screenshot shows a news article from globo.com. At the top, there's a navigation bar with links for 'notícias', 'esportes', 'entretenimento', and 'vídeos'. Below the navigation is a search bar with the placeholder 'buscar' and a dropdown menu set to 'no Jornal Hoje'. A large orange button labeled 'ok' is to the right of the search bar. The main content area features a large 'J' logo on the left and the headline 'Gírias tomam conta do vocabulário dos jovens' in bold black text. Below the headline is a subtext: 'Pais e professores quase sempre reclamam das gírias. Mas os jovens adoram. Para eles, esse jeito de falar é uma forma de identificação do grupo.' To the right of the text is a photo of a young person. On the left side of the main content, there's a sidebar with a 'Últimas edições' section showing a calendar for July 2009. The 13th is highlighted in orange. Other dates like 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, and 31 are also listed. Below the calendar is a quote from a student named Camila. On the far right, there are buttons for adjusting the font size ('Tamanho da letra') with options 'A-' and 'A+'.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornalhoje/0,,MUL1227969-16022,00.html>

Na reportagem, seu título já emprega uma linguagem não muito comum nesse tipo de veículo de comunicação: “Gírias *tomam conta* do vocabulário dos jovens”. A expressão verbal “*tomam conta*” é um exemplo de uma adaptação que pode acontecer com a língua.

Por exemplo, uma conversa informal entre os alunos nos corredores da escola não pode ter o mesmo acionamento da língua que quando estão apresentando seminários ou dando palestras na igreja, por exemplo. Um texto de mensagem de *whatsapp* não pode conter o mesmo rigor de monitoramento que uma redação do ENEM, ou de uma prova de concurso,

por exemplo. A escola, então, é o local apropriado não para se determinar os “erros de português”, conforme preconiza Bortoni-Ricardo (2004, p. 37), mas para nortear o alunado quanto ao tipo de acionamento da língua adequado a cada situação de uso. Em geral, a gíria, por exemplo, não compromete a capacidade de expressão da criança e do adolescente, embora os pais e a escola tenham papel importante na orientação desse uso, posto que, mesmo sendo um uso normal, em certas ocasiões, necessita-se de um monitoramento maior da língua. Vejamos o exemplo a seguir.

Figura 8 – Exemplo do material de leitura Enem 2018

“No ensinaria não é visto que estamos vivendo” no dia dia, tâmos bem vendo pessoas reclamarem, que não tá tendo direito a uma educação, ale trabalhar em locais públicos não fazem a menor escrita dezenas

Fonte: material de leitura/Enem 2018/módulo 3

No exemplo acima, conseguimos perceber que o candidato utilizou dois vocábulos inadequados para a situação de uso – “tâmos” e “tá”. Isso configura uma variante que deve ser evitada em redações do Enem, mas que pode ser utilizada em conversas e textos escritos informais.

Partindo desse pressuposto, podemos perceber que, em sala de aula, onde alunos estão, a todo instante, interagindo de acordo com suas vivências, a língua se percebe como um genuíno instrumento de integração social, posto que é no momento da fala que a língua se cria e se recria. O problema é que, na escrita, essa mesma língua sempre tolhida, deixa a marca para os alunos que estão errados em escrever de qualquer modo que fuja à norma padrão da língua.

É justamente por este motivo que esta pesquisa encontra seu ancoradouro em Bortoni-Ricardo (2005), pois ela indica os níveis de monitoramento da língua, isto é, um contínuo de monitoramento da língua. Conforme a autora,

Já se observou que as variedades lingüísticas no Brasil não são compartmentadas. Caracterizam-se por uma relativa permeabilidade e fluidez que se pode representar com um *continuum* horizontal, em que as variedades se distribuem sem fronteiras definidas. (...) A esse *continuum*, que representa a variação diatópica (rural x urbana) e social, deve-se, por razões didáticas, acrescentar outro, que represente variações funcionais, estilísticas, que se interseccionam com aquelas. A escolha de um determinado grau de formalidade na fala depende basicamente do papel social que o falante desempenha a cada ato de interação verbal. (...) Em

qualquer circunstância, porém, há pelo menos três fatores determinantes dessa seleção: os participantes da interação, o tópico da conversa e o local onde ela se processa. O falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo ceremonioso a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 24).

Podemos, então, tendo como base os estudos de Bortoni-Ricardo (2005), demonstrar para o aluno sua percepção crítica de quando pode se manifestar de acordo com cada variedade - padrão ou não-padrão - em relação, especificamente nesta pesquisa, ao uso dos pronomes do caso reto como complementos verbais diretos do verbo. Com o intuito de trazer subsídios para que os professores saibam como ensinar estruturas linguísticas com consciência de haver várias variedades de fala, procuraremos indicar que o uso dos pronomes retos como objetos diretos podem ser usados em textos orais ou escritos com menor grau de monitoramento, o que não se adequa quando a situação exige uma monitoração maior da língua. O fito, ao final da pesquisa, é promover a ideia da adequação linguística quanto ao grau de monitoramento linguístico, tendo como base o uso dos pronomes clíticos de 3º pessoa como complementos verbais.

De todas as variações, se pensarmos no uso do pronome reto nos objetos, o que abordaremos será a variação social que está relacionada com domínio de produção escrita insuficiente de classes mais baixas ou de variação estilística proporcionada pelas diferenças entre fala e escrita. Ou seja, teria que se restringir tal acepção (nesse caso, há a relação de formal ou informal quanto ao uso da língua, que se adequa a cada situação de uso, ou seja, há um *continuum*, que perpassa situações de maior ou menor formalidade). Assim, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que

a variação estilística decorre, em suma, da adequação que os interlocutores fazem de sua fala ao contexto geral em que ocorre a comunicação. Certamente, em situações formais, usamos uma linguagem mais monitorada, ou seja, prestamos mais atenção à forma como falamos, enquanto que, em situações mais informais, usamos uma fala mais coloquial (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 46).

É justamente por este fato que, após vários anos em contato com os alunos de ensino fundamental, percebi que tal maturidade defendida pela autora, muitas vezes, não se configura na realidade. Comumente, os alunos não distinguem em qual situação devem acionar uma linguagem mais ou menos monitorada, ocasionando, assim, o uso contínuo da comunicação mais informal, seja na escrita, seja na fala. Este trabalho busca uma forma de fazer com que os alunos percebam essa diferença de acionamento da língua, distinguindo uma linguagem

mais informal de uma mais formal; especificamente em situações referentes ao uso dos pronomes do caso reto como objetos diretos.

Segundo a sociolinguística, esse uso é aceito para a variedade falada do aluno, embora, para a gramática normativa, é preciso “ensinar” o aluno outra variedade. Nesta pesquisa, apresentaremos aos alunos, então, as formas mais comuns de acionamento dos pronomes acusativos (pronome clítico, pronome lexical, sintagma nominal e objeto nulo) com o objetivo de mostrar as possibilidades de estruturas empregadas em função de objeto direto.

Vale ressaltar, ainda, que, em sala de aula, eu, como professor, não uso sempre a fala mais monitorada. Em muitas situações de maior formalidade, não seguimos o que preconiza os compêndios gramaticais. Por exemplo, ao utilizar um objeto direto nulo, como em “Vocês (alunos) acharam o exercício? Então, vamos fazer?”, ou um pronome de Caso Reto de 3º pessoa como objeto direto, como na resposta a pergunta: “Entenderam o exemplo? Então, vamos analisar **ele** para entendermos o assunto”. Essas construções distintas demonstram que nem sempre seguimos os preceitos da gramática normativa, isto é, adaptamos também nossa fala em situações que podem exigir um maior grau de monitoramento. E isso não pode ser considerado “erro”, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 37).

Em alguns casos, a variação torna-se tão natural que a maioria dos falantes não percebe a variação existente no processo comunicativo, como se pode verificar na imagem a seguir.

Figura 9 – Banner do restaurante sushiarte



Fonte: <http://restaurantesushiarte.com.br/>

Neste banner, é possível perceber o uso do objeto nulo, pois não há a determinação do complemento verbal do verbo transitivo direto “servir”, pois, segundo a gramática seria

esperado um complemento neste contexto (servir a quem?/ o quê?), entretanto este complemento está implícito pelo contexto informacional, não necessitando, obrigatoriamente, do OD. Poderíamos pensar que a forma “correta” seria “Estamos em reforma para servi-lo cada vez melhor”, entretanto há outras estratégias linguísticas com mesma intenção informacional que podem ser empregadas pelo falante. Nesse caso, optou-se por usar o verbo no infinitivo e omitir o OD.

Neste sentido, trazer essa discussão para a sala de aula é importante, pois mostra ao alunado que todos (inclusive os professores de português em sala) açãoam a língua não obrigatoriamente segundo a norma padrão, ou da forma esperada pela maioria, mas sim conforme a fluidez do processo comunicativo e com as escolhas e estratégias dos falantes. Daí a língua ser plural e de pertencimento democrático, sem amarras, limites ou preconceitos, como o famoso “erro” de português. Fazer o aluno crer que ele pode perceber e tem competência linguística para enxergar a situação comunicativa em que se encontra (uma redação de vestibular, uma conversa informal oral, uma conversa numa rede social, uma entrevista de emprego) e, assim, usar a língua de acordo com tal situação e com liberdade para empregar estratégias linguísticas variáveis que ele domina, é a forma mais completa de ensino da língua.

2.4 Gramáticas: tipos e análise sobre o emprego dos pronomes retos

Em trabalhos que envolvem aspectos gramaticais da língua é difícil não abordar o termo *gramática*, em suas diferentes designações. Variadas são as formas de compreensão deste termo, pois não se trata apenas de compêndio de regras sobre a língua, isto é, um manual que gere seu uso para toda e qualquer comunicação, esquecendo que este mesmo processo comunicativo implica usos diversos da língua, que determina variações. Desta feita, trabalharemos neste capítulo a forma como este assunto é abordado em livros de gramática comumente usados em escolas ou como fonte de pesquisa.

Inicialmente, vale indicar que o vocábulo *gramática* possui diversas denominações, de acordo com a forma como é empregada. Antunes (2007, p. 25) aponta que “normalmente, quando as pessoas falam em *gramática*, desconhecem que podem estar falando não de uma coisa só, mas de coisas bem diferentes”. Dessa maneira, é possível indicar que todas essas definições do termo *gramática*, abordadas neste capítulo, coexistem na realidade da língua, mesmo com suas particularidades, funções e limites.

De uma maneira introdutória, utilizaremos o texto de Antunes (2007), pois sua percepção dos diferentes tipos de acepções de *gramática* indica um norte para o entendimento da ideia de uso da língua portuguesa em sala de aula, especificamente no que diz respeito ao objeto de pesquisa deste trabalho, conforme já mencionado acima.

Inicialmente, tomemos por base que o termo *gramática* pode estar associado às regras que definem o funcionamento de determinada língua, isto é, o saber intuitivo que todo falante tem de sua própria língua, a qual tem sido chamada de *gramática internalizada*. Em outra concepção, Antunes (2007) determina que *gramática* também pode ser as regras que definem o funcionamento de determinada norma. Além disso, a autora vê tal termo como uma perspectiva de estudo, como a “*gramática gerativa*”, a “*gramática estruturalista*”, e a “*gramática funcionalista*”; ou uma tendência histórica, como a “*gramática tradicional*”. Outra indicação é que *gramática* é as famosas aulas de *gramática*. Por fim, ela explica que este termo também pode ser um livro, como a “*Gramática de Celso Cunha*”.

Com o objetivo de especificar cada conceito defendido pela autora, vamos nos aprofundar um pouco mais em cada um deles a seguir, para, assim, entendermos que o conhecimento do termo *gramática* torna-se importante para verificarmos, por fim, como nós, professores, enxergamos tal conceito e como os alunos a veem, isto é, em geral os professores percebem a *gramática* como um livro, um compêndio de regras; e alunos como as “chatas” aulas de *gramática*, cheia de regras cujos usos muitas vezes não conseguem aplicar.

Procuraremos, nesta seção, mostrar a existência de várias concepções do termo gramática, e, além disso, que cada falante tem dentro de si um sistema organizado de interlocução e de entendimento da língua. O que nos resta saber é se vamos, no ensino de Português, nos prender à norma padrão ou quais variedades da língua que inseriremos em nossas aulas, “haja vista a pluralidade de normas e variedades que envolvem a nossa língua”, conforme Santana (2017, p. 33).

Com base nessas percepções, Antunes (2007) elabora especificações sobre cada determinação do termo *gramática*, mas com ênfase maior às que estão relacionadas aos estudos sociolinguísticos. A concepção com maior destaque é a que possui um conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua. Ou seja, para ela a *gramática*

abrange todas as regras de uso de uma língua. Envolve desde os padrões de formação das sílabas, passando por aqueles outros de formação de palavras e de suas flexões, até aqueles níveis mais complexos de distribuição e arranjo das unidades para a constituição das frases e dos períodos (ANTUNES, 2007, p. 26).

É neste sentido que a autora afirma não existir língua sem gramática nem seu oposto, isto é, a gramática fora da língua. Congruente a tal informação, é sabido que toda língua é regulada por uma gramática, não um livro em si, mas aquela que vai sendo aprendida naturalmente, de acordo com as experiências de seus usuários, de suas tentativas de comunicação, de ouvir e de falar. Para Antunes (2007, p. 29), “o papel da escola, pois, é de ampliar esses saberes”. Não podemos, portanto, possuir uma visão reducionista de gramática, pois ela não é representada por um livro repleto de regras por vezes distantes da realidade comunicativa de cada aluno. Nós, professores de língua portuguesa, devemos compreender a gramática como um farol, cuja luz ilumina o melhor caminho a ser percorrido para a transmissão clara de uma mensagem, não se importando apenas com os ditames dos puristas gramátiques.

Na realidade da sala de aula, percebemos claramente tal ideia, pois os alunos não deixam de se comunicar pelo fato de possuírem, em algum aspecto, dificuldades em relação às regras da norma culta. Inconscientemente há sim o conhecimento da gramática, de regras específicas, que diferenciam nossa língua de outras, isto é, uma criança mesmo sem ir para a escola domina a língua, pois é falante dela. Ela sabe conjugar verbos, sabe que no português o sujeito vem antes do verbo e sabe marcar o plural, mesmo que seja só no primeiro elemento do sintagma ou da frase. Neste sentido, os falantes detêm uma forma natural de comunicação. Diante disso, podemos determinar que

a gramática da língua, no sentido de “gramática interiorizada”, de conhecimento das particularidades da gramática da língua nativa, faz parte do conjunto de saberes que as pessoas desenvolvem desde a mais tenra idade (ANTUNES, 2007, p. 26).

Não podemos pressupor, então, que apenas a norma culta segue uma gramática, todas as outras normas (consoante à discussão estabelecida nesta dissertação, na seção 2.2.) funcionam a partir de uma *gramática*, isto é, são reguladas de acordo com suas situações de uso. O problema, levando em consideração o ensino da língua, é existir o favorecimento de uma gramática, a lusitana, pautada na norma padrão da língua, e o atravancamento do ensino da língua conforme nosso uso cotidiano. Neste sentido, podemos perceber que

De um lado, temos a norma-padrão lusitanizante, ideal de língua abstrato, usado como verdadeiro instrumento de repressão e policiamento dos usos lingüísticos; do outro, temos as diversas variedades cultas, usos reais da língua por parte das classes sociais urbanas com escolaridade superior completa (BAGNO, 2002, p. 185).

Como verificamos, há uma prevalência em se perpetuar o ensino da gramática lusitana em detrimento da língua que realmente usamos em nosso dia a dia, não só alunos, mas todos os falantes desta língua.

A ideia de Bagno (2002), sobre a língua como instrumento de repressão e policiamento, está relacionada ao estudo de Antunes (2007), sobre a norma padrão sendo um projeto que, para muitos, visava certa uniformidade linguística, com o objetivo de criar uma língua comum, estandardizada, com ênfase no geral, sem preocupar-se com certas particularidades da língua (representa a classe de prestígio em relação ao uso da língua). Todavia, neste ponto, a autora afirma, de forma opositora, que para qualquer situação o que vale é o jeito de falar mais adequado ou mais esperado à situação. Logo, a norma socialmente prestigiada não é a única norma linguisticamente válida. Por fim, implicações acerca do uso de uma norma em detrimento de outra pode causar para o ensino da língua, posto que não há normas melhores nem mais bonitas, lógicas ou puras.

De uma forma geral, os linguistas acreditam nos alunos não enxergarem a língua materna como difícil ou complicada, mesmo os menos letrados ou analfabetos. É só quando chegam à escola, que se veem em meio a um emaranhado de regras, muitas delas na contramão do uso cotidiano, momento no qual os alunos são convencidos de que não sabemos

empregar a língua bem. Esta ideia não é compartilhada pelos gramáticos que não questionam a língua em uso, mas só a gramática institucionalizada nos livros.

Para Antunes,

a gramática, na língua vai sendo aprendida naturalmente, quer dizer, na própria experiência de ir fazendo tentativas, ouvindo e falando. Não há um momento especial nem uma pessoa específica destinados ao ensino dessa gramática. Ela vai sendo incorporada ao conhecimento intuitivo, pelo simples fato de a pessoa estar exposta à convivência com os outros, a atividades sociais de uso da língua, das conversas familiares às atuações mais tensas e formais. Ou seja, essa gramática está inherentemente ligada à exposição da pessoa aos usos da língua. A escola virá depois; para ampliar (ANTUNES, 2007, p. 28).

A gramática, no momento que é considerada um conjunto de normas reguladoras do uso da língua, não abarca toda a realidade dela, pois contempla apenas aqueles usos considerados aceitáveis na ótica da língua socialmente prestigiada. Enquadra-se, portanto, no domínio do normativo, o qual define o “certo”, como “deve ser a língua” e, por oposição, aponta o “errado”, como não deve ser dito.

Tal realidade é percebida nas salas de aula. Muitas das vezes, até inconscientemente, nós, professores de língua, sentimo-nos donos dela e, ao vermos tal domínio normativo desconsiderado, em geral na escrita de redações ou em apresentações de trabalhos escolares, automaticamente julgamos e consideramos erro a comunicação do alunado.

Dessa forma, este trabalho não se trata somente de conceber uma forma social de se trabalhar a língua, mas também um meio de tentar deixar clara a existência de tais diferenças na língua, esclarecendo para alunos e professores, os momentos mais adequados para seu uso.

Ainda sobre o estudo de Antunes (2007, p. 31), a autora traça um panorama de outras formas de concepção do termo *gramática*. Neste sentido, há a designação de “uma perspectiva científica ou um método de investigação sobre as línguas”, ou seja, diferentes formas de se investigar o uso da língua, seja em relação a ela como sistema, como conjunto de signos à disposição dos falantes, seja como voltadas para os usos reais que os interlocutores fazem da língua, nas diferentes situações sociais de interação verbal.

Outra visão apontada pela autora é a *gramática* como uma disciplina de estudo que, neste sentido, possui o maior índice de uso, pelo menos nos meios escolares. Ela afirma que

é tal a ênfase nessa disciplina que, de uns anos para cá, até mereceu uma carga horária especial, separada das aulas de redação e de literatura, como se redigir um texto ou ler literatura fossem coisa que se pudesse fazer sem

gramática; ou como se saber gramática tivesse alguma serventia fora das atividades de comunicação (ANTUNES, 2007, p. 32).

Muitas vezes, nós, professores, prendemo-nos a tal enfoque, sem percebermos que este sentido simplista diminui a própria visão dos alunos em relação à língua, limitando-se a verificar que se estuda gramática nas aulas de gramática, não em redação, não em literatura; assim como não em história, em geografia, em matemática.

Daí surge a visão de que nestas aulas singulares é preciso usar um livro, como se fosse um manual, cuja função é meramente verificar como se dá as instruções do uso da norma padrão, desde a fonética até a estilística. Na verdade, o ideal seria que um compêndio de gramática pudesse, também, focalizar a língua nos seus usos reais, testemunhados pelas situações de interação social. Antunes (2007, p. 33) ressalta, ainda, que tais livros poderiam aferir “aspectos de flexibilidade, de heterogeneidade da língua”, não simplesmente enfatizar a rigidez de algumas de suas regras ou formas.

De maneira geral, no Brasil, as gramáticas do português têm concebido uma ênfase especial à modalidade escrita da língua, sobretudo na literatura e, mais ultimamente, na escrita usada na imprensa.

A seguir, há a exemplificação de trechos específicos sobre os pronomes retos. Escolhemos fragmentos de algumas gramáticas cuja intenção era de descortinar a forma como tais livros retratam, para seus usuários, a classificação e uso dos pronomes.

Figura 10 – Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa

2 Classificação dos pronomes

Dependendo do que estiver indicando, o pronome pode ser de seis espécies:

- a) pronome pessoal;
- b) pronome possessivo;
- c) pronome demonstrativo;
- d) pronome relativo;
- e) pronome indefinido;
- f) pronome interrogativo.

2.1 Pronome pessoal

Pronome pessoal é aquele que indica as pessoas do discurso. Além das flexões de gênero (masculino/feminino), número (singular/plural) e pessoa (1^a/2^a/3^a), o pronome pessoal apresenta variações de forma, conforme a função por ele exercida na oração, podendo ser **reto** ou **oblíquo**.

Será **reto** quando exercer a função de sujeito da oração:

“Eu vou na esquina de lá, senão ele escapa outra vez!”

No exemplo, os pronomes **eu** e **ele** exercem a função de sujeito das orações. O pronome **eu** indica a primeira pessoa do discurso (a que fala), e o pronome **ele** indica a terceira pessoa do discurso (de quem se fala).

Será **oblíquo** quando exercer a função de complemento:

“Mamãe comeu tanto peru que um momento imaginei, aquilo podia lhe fazer mal.”

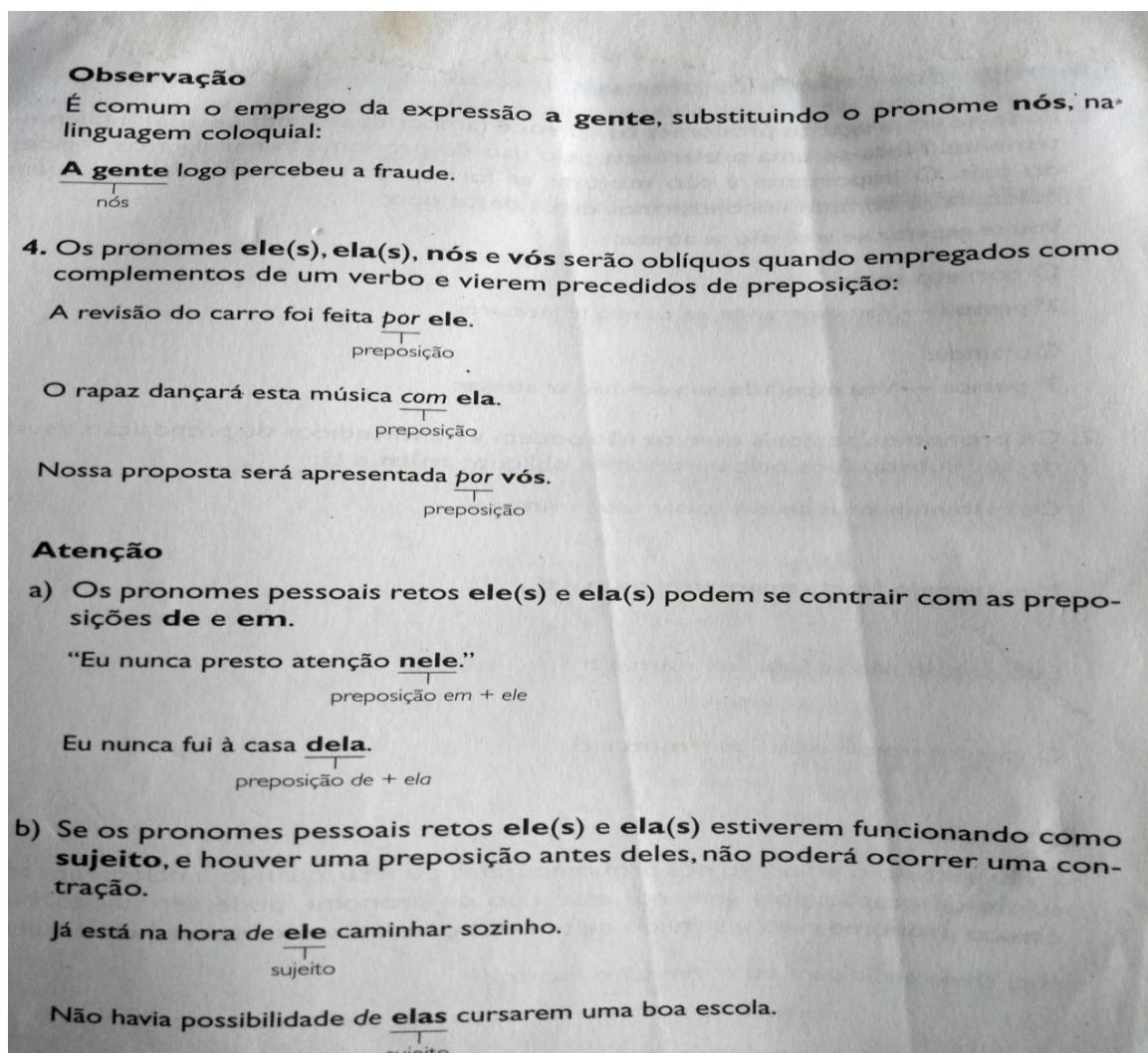
Observe o **lhe** da frase acima: é um pronome pessoal que indica a terceira pessoa do discurso (... comeu tanto que podia fazer mal... Mal a quem? A ela, no caso, mamãe). Exerce a função de complemento verbal (objeto indireto).

Fonte: NICOLA, José de. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa / José de Nicola, Ulisses Infante. - São Paulo: Scipione, 1997, p. 198.

Neste primeiro exemplo, a Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa, de José de Nicola – livro que possui bom conceito entre seus usuários e que é adotado em diversas escolas como livro didático de séries do ensino fundamental II e ensino médio – demonstra a classificação dos pronomes, sem conceitos nem exemplificações. Após, traz algumas observações de uso dos pronomes pessoais. O trecho em questão foi selecionado justamente pelo fato de o autor retratar o uso dos retos como sujeito (“Eu vou na esquina de lá, senão ele escapa outra vez!”) e oblíquos como complementos verbais (“Mamãe comeu tanto peru que

em um momento imaginei, aquilo lhe podia fazer mal.”). Não há sequer a indicação da possibilidade de os retos serem usados, mesmo que informalmente como complementos verbais diretos, não permitindo uma visão mais concreta da língua em situações reais de uso.

Figura 11 – Gramática em Textos



Fonte: SARMENTO, Leila Lauar. *Gramática em Textos*. São Paulo: Moderna, 2005. p. 160.

No segundo exemplo, a Gramática em Textos, de Leila Lauar Sarmento – outro compêndio deveras usado como livro didático em escolas de educação básica – traz, em seu item 4, explicação de como usar os pronomes ele(s), ela(s), nós, vós como retos ou oblíquos. O livro traça um panorama de uso, desprestigiando situações concretas de uso, pois não aborda o emprego dos pronomes retos como objetos diretos, nem para indicarem como inadequados, indicando que há uma visão da língua segundo somente a gramática da norma padrão, sem refletir sobre como o processo comunicativo se adequa a cada situação de uso.

Figura 12 – Novíssima gramática da língua portuguesa

<p>Pronomes pessoais são palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso.</p> <p>As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ 1^a pessoa a que fala: <i>eu, nós</i> ■ 2^a pessoa a com quem se fala: <i>tu, vós</i> ■ 3^a pessoa a pessoa ou coisa de que se fala: <i>ele, ela, eles, elas</i> <p>Os pronomes pessoais dividem-se em <i>retos</i> e <i>oblíquos</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ pronomes retos Funcionam, em regra, como sujeito da oração. ■ oblíquos Funcionam como objetos ou complementos. <p>Exemplos:</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Sujeito</th><th>Objeto</th><th>Verbo</th></tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Eu</td><td>te</td><td>convido.</td></tr> <tr> <td>Nós</td><td>o</td><td>ajudamos.</td></tr> <tr> <td>Ela</td><td>me</td><td>chamou.</td></tr> <tr> <td>Eles</td><td>lhe</td><td>bateram.</td></tr> </tbody> </table>			Sujeito	Objeto	Verbo	Eu	te	convido.	Nós	o	ajudamos.	Ela	me	chamou.	Eles	lhe	bateram.
Sujeito	Objeto	Verbo															
Eu	te	convido.															
Nós	o	ajudamos.															
Ela	me	chamou.															
Eles	lhe	bateram.															

Fonte: CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa / Domingos Paschoal Cegalla. - 48.ed. rev. - São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008. p. 180.

No terceiro exemplo, a Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, de Domingos Pascoal Cegalla – escolhido por sua relevância em cursos preparatórios para certames públicos – detém a explicação mais básica dentre todos os exemplares selecionados, devido ao fato de que apenas informa quais são os pronomes retos e como são usados, sem ao menos exemplificações. O trecho em questão que trata do assunto em pauta se encerra neste ponto, pois a continuação já inicia a explicação sobre as demais classificações da classe gramatical pronome.

Figura 13 – Gramática Escolar da língua portuguesa

Emprego dos Pronomes

PRONOME PESSOAL

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito ou complemento predicativo, enquanto o oblíquo como os demais complementos:

Eu saio. Eu não sou ele. Eu o vi. Não lhe respondemos.

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige esta partícula:

Eu o vi. Referiu-se a ti.

Casos há, entretanto, em que a forma reta pode ocorrer em vez da oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento estiverem distanciados, separados por pausa:

“Subiu! E viu com seus olhos.
Ela a rir-se que dançava.” [GD]

Fonte: BECHARA, Evanildo, 1928 - Gramática Escolar da língua portuguesa / Evanildo Bechara. - 1. ed. - 5. reimpr. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 142.

No quarto exemplo, a Gramática Escolar da língua portuguesa, de Evanildo Bechara, traz uma explicação bem simples sobre o uso dos pronomes, inclusive como objeto direto (“Eu o vi”), mas sem indicar que há a possibilidade de uma situação mais coloquial da língua (como *eu vi ele*). Ressaltamos que o exemplar selecionado é a gramática escolar devido ao nível aqui a ser avaliado, visto que há outra gramática - como a *Moderna Gramática Portuguesa*, que é um compêndio bem mais aprofundado.

Figura 14 – Nova gramática do português contemporâneo

4. Na fala vulgar e familiar do Brasil¹ é muito freqüente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em frases do tipo:

Vi **ele.**

Encontrei **ela.**

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV², deve ser hoje evitada.

5. Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto.

Assim:

a) quando, antecedido da preposição *a*, repete o objeto direto enunciado pela forma normal átona (*o*, *a*, *os*, *as*):

Não sei se elas me compreendem

Nem se eu **as** comprehendo **a elas.**

(F. Pessoa, *OP*, 160.)

Temia-a, **a ela**, à mulher que o guiava.

(Guimarães Rosa, *PE*, 126.)

b) quando precedido das palavras *todo* ou *só*:

Ricas prendas! **Todas elas**

Me deu ele; sim, donzelas...

Que não vo-lo negarei!

(J. de Deus, *CF*, 65.)

— Conheço bem **todos eles.**

(H. Sales, *DBFM*, 150.)

Por fim, no derradeiro quinto exemplo, a Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha, mesmo não sendo um livro adotado, foi selecionado devido ao uso como fonte de pesquisa para diversas provas no país, desde vestibulares a concursos públicos e ENEM - é a única que retrata o uso dos pronomes de forma mais completa, como se percebe nos itens 4 e 5. Os autores indicam o uso dos pronomes ele(s) e ela(s) como objetos diretos (“Encontrei ela”) de um modo mais coloquial, devido a raízes históricas do idioma. Logo após, há a informação que convém não confundir tais construções com outras, “perfeitamente legítimas”, em que os pronomes retos são usados como objetos diretos, ou seja, quando precedidos de preposição, por exemplo “não sei se eu **as** comprehendo a **elas**”. Salientamos que essa é uma estrutura formal usada basicamente na escrita apenas.

Tendo como base os exemplos de fragmentos das gramáticas, podemos assinalar que a maioria dos livros selecionados traz uma visão superficial acerca do uso dos pronomes, prendendo-se à classificação morfológica. Em alguns casos, há especificidades sobre o uso no contexto, mas, muitas vezes, de modo simplista. É importante ressaltar que as gramáticas normativas, conforme as exemplificadas acima, não servem como material de investigação, pois a abordagem delas não é científica. Elas prescrevem, fazem juízo de valor, ditam normas; e as ciências não fazem isso. A ciência descreve sem julgamento. Tais abordagens foram inseridas neste trabalho porque discorrem sobre o tema desta pesquisa, mas não servem como ponto central, mas apenas como comparativo entre o “ideal” com o “real” usado na língua.

Desta feita, de acordo com as nossas análises realizadas nesta seção, as gramáticas não mostram a língua em uso, o real, mas algo idealizado, parado no tempo, e assenta-se para outras questões como forma de tentar frear a variação linguística, privilegiando a norma padrão de origem lusitana em detrimento da língua real usada cotidianamente. Assim, tal percepção deixa clara a ideia de que a variante mais prestigiada é aquela que segue normas rígidas de uso, sem sequer a menção de outras variantes, mesmo que para indicação de modo coloquial de acionamento da língua; exceto pelo livro.

Faz-se necessário, então, que o professor, em sua sala, procure esclarecer aos alunos que há outras variantes em curso na língua, devendo este perceber em quais situações, mais ou menos monitoradas, irá acioná-las, especificamente nesta dissertação, em relação ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa como complementos verbais diretos.

Partindo deste pressuposto, o estudo da língua não se baseia somente nos compêndios gramaticais utilizados nas escolas. Para que se tenha um panorama mais amplo da questão linguística relacionada ao uso cotidiano da língua, devemos compreender como pesquisas

acadêmicas e manuais de redação tratam desse assunto, uma vez que têm diferentes enfoques sobre a língua e a gramática da língua.

Neste sentido, ao nos depararmos com o uso real da língua, podemos inserir a pesquisa realizada por Lopes, Oliveira e Carvalho (2016), consoante ao uso dos pronomes de 2º pessoa do singular (*tu* e *você*) no estado do Rio de Janeiro. O interessante, nesse estudo, é a relação que tais pronomes assumem na língua, pois pertencem a pessoas do discurso distintas; o “*você*”, pela variação diacrônica da língua, provém do *Vossa Mercê*, um pronome de tratamento que era direcionado à realeza, portanto de 3º pessoa.

Os autores da pesquisa tiveram como objeto de estudo o processo de variação que os pronomes *tu* e *você* assumem no uso da língua. Segundo os pesquisadores,

Como tentativa de detectar o valor social assumido por essas variantes, estamos propondo, por um viés experimental, outra forma de análise para tentarmos identificar a percepção que os falantes têm dessas formas em variação. Para tanto, elaboramos e aplicamos um experimento psicolinguístico a fim de mensurar o grau de aceitabilidade das formas *tu* e *você* em posição de sujeito em diferentes contextos situacionais (LOPES, OLIVEIRA E CARVALHO, 2016, p. 119).

Conseguimos perceber que o uso da língua não foi dissociado da realidade em que ela está inserida. O fato de os autores utilizarem um mecanismo psicolinguístico mostra a demanda que a língua possui, isto é, sua relação com um fenômeno eminentemente sociolinguístico. As relações sociais se percebem nos processos comunicativos, como afirmam os estudiosos.

a variante *você*, devido ao seu caráter neutro, seria amplamente aceita pelos falantes, nas mais diferentes relações interpessoais, ao passo que a variante *tu* apresentaria aceitabilidade relativa, fortemente condicionada por fatores sociopragmáticos, como o tipo de interação entre os interlocutores e os papéis sociais desempenhados por eles, a situação comunicativa em que se dá a interação, o grau de formalidade/familiaridade da relação etc. Assim, embora sejam formas variantes em determinados contextos de uso, a forma *você* teria valor socioindexical neutro (forma não marcada), enquanto a forma *tu* estaria associada a um grupo social específico ou a uma situação discursivo-pragmática determinada (LOPES, OLIVEIRA E CARVALHO, 2016, p. 119).

Portanto, assim como verificamos na aplicação da proposta contida nesta dissertação, a relação de uso da língua não se prende às regras contidas nas gramáticas escolares, mas ao uso no dia a dia das pessoas, aos seus contextos de uso. Além disso, podemos perceber outra visão referente ao uso da língua, como se verifica no Manual de Redação da Presidência da República.

Ressalte-se que há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita. Aquela é extremamente dinâmica, reflete de forma imediata qualquer alteração de costumes, e pode eventualmente contar com outros elementos que auxiliem a sua compreensão, como os gestos, a entoação, etc., para mencionar apenas alguns dos fatores responsáveis por essa distância. Já a língua escrita incorpora mais lentamente as transformações, tem maior vocação para a permanência, e vale-se apenas de si mesma para comunicar. A língua escrita, como a falada, comprehende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos (BRASIL, 2002, p. 4).

Percebemos, neste caso, que a língua escrita não possui o mesmo de evolução e incorporações que há na falada, por valer-se de si mesma para indicar a comunicação. A variação diamésica – a qual se refere “aos vários veículos ou meios de expressão que a língua utiliza”, conforme Ilari (2012, p. 180) – não é levada em consideração, pois o processo comunicativo se prende ao que determina as regras fixas encontradas nos livros, não aquelas verificadas na rua, nos ambientes informais, nas redes sociais, na escola.

Na busca de êxito nos estudos sobre o uso da língua, não se pode deixar de verificar como o uso dela se dá nos mais diversos meios. Não podemos prender a língua em regras específicas de manuais, sejam eles os oficiais, que ditam o uso do processo comunicativo nos documentos oficiais de uma nação, ou os livros de gramáticas. Mesmo que tentemos aproximar a língua da realidade (com o uso de diversos gêneros textuais escritos e orais), ainda nos prendemos ao ditames da sintaxe lusitana, mesmo sabendo que há, nela, tantas adequações como ocorrem no português do Brasil.

Portanto, para trazer uma clarificação quanto às origens da língua portuguesa e o porquê de a usarmos segundo o preconiza a sintaxe lusíada, na próxima seção discutiremos sobre o processo de evolução da nossa língua tanto de forma geral quanto em relação ao uso dos pronomes como complementos verbais.

2.5 O uso histórico dos pronomes no PB e no PE

Nesta seção, discorreremos sobre o histórico da nossa língua quanto à evolução que se apercebe dela nos dias atuais. Na proposta de aplicação, uma das formas utilizadas para que os alunos compreendam o motivo pelo qual seguimos regras gramaticais as quais, muitas vezes, não representam a nossa forma de se comunicar diariamente foi a relação entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB). Daí nasce a sensação de não pertencimento a essa língua, que não se representam o uso da língua portuguesa brasileira nas mais diversas situações de uso.

Para muitos alunos, o português da escola não desperta interesse e é visto como algo inatingível de aprendizado. Na prática, o uso das gramáticas com regras oriundas simplesmente do português lusitano reforça o preconceito linguístico determinado pela noção de erro que, diversas vezes, é indicado pelo livro e pelo professor. O aluno, então, se distancia da língua, posto que não consegue se enxergar como um usuário de uma língua cuja quantidade de regras somente mostra para ele o quanto engessada é a gramática normativa, muito distante do português que aciona todos os dias. Neste sentido, o alunado, em geral, acaba por não se apropriar do português da gramática por ser descontextualizada, tendo respaldo somente na literatura; e não no social/real do processo comunicativo.

Neste sentido, faremos uma análise do português lusitano à luz do texto de Martins (2007), da Universidade de Lisboa, que traz uma visão histórica do português de Portugal desde o galego. Para além disso, faremos um paralelo analítico entre o uso dos pronomes em relação ao PB e o PE com o objetivo de determinar como se dá a percepção de uso dos clíticos quanto à variação diatópica da língua.

É possível perceber, pelo artigo de Martins (2007), que o português escrito é observável a partir da segunda metade do século XII, mesmo que, em um período anterior, já existissem documentos – constituídos por documentos de caráter notarial – que representavam uma produção primitiva do português. Contudo, foi no início do século XIII que a produção documental particular em português cresceu e tornou-se dominante em relação à latina já no século seguinte, muito devido à produção do gênero *notícia*, um gênero diplomático que servia para registrar fatos com o intuito de preservar sua memória.

Em meados do século XII, há o início da produção literária, aliada à prosa, principalmente em virtude dos romances de cavalaria do ciclo do Graal de D. Afonso III, como afirma a pesquisadora.

Durante o período que nos ocupa o português escrito não se encontrava limitado à esfera da produção notarial. Sendo hoje geralmente aceite que a arte poética dos trovadores se constituiu desde sempre em tradição escrita, circulando não em suporte de oralidade e memória mas em “folhas” soltas depois reunidas em cancioneiros individuais e em grandes compilações colectivas, parece não haver margem para duvidar de que havia produção literária escrita em português desde a segunda metade do século XII (MARTINS, 2007, p. 165).

É perceptível, pois, que a escrita em português teve uma relação de paralelismo entre a produção de textos em um português mais conservador e outra em um menos conservador, também denominado de marginal. Martins (2007, p. 166) afirma que essa distinção não deve ser ignorada ao se avaliar se um “texto antigo está ou não escrito em português nem quando se utiliza o mesmo texto como fonte de conhecimento linguístico”. Ela distingue demonstra as diferenças entre o português conservador e o inovador a partir de um quadro sintético, que veremos a seguir.

Figura 15 – Quadro: duas escritas portuguesas no primeiro século da produção escrita

ESCRITA PORTUGUESA CONSERVADORA	ESCRITA PORTUGUESA INOVADORA
Caracterizada por um espectro muito largo de variação gráfica e pela persistência de opções gráficas latinizantes, que convivem com outras claramente romances. Parte das opções gráficas que contempla virão a ser abandonadas.	Apresenta-se depurada de vestígios anacrónicos da tradição latino-notarial e mostra ter-se constituído através de um processo de selecção entre variantes gráficas que traduziam diferentes soluções para a representação de segmentos fonológicos não latinos.
Escapa aos princípios de um sistema de escrita alfabetica em dois aspectos: na sua vertente mais conservadora, integra processos de representação supra-segmental (logográfica); na vertente mais criativa, apresenta processos de representação sensíveis a propriedades sub-segmentais (“escrita trácica”, nos termos de Marquilhas 2004).	É uma escrita claramente alfabetica à qual são estranhas, em geral, quer as formas de representação logográfica quer as formas de representação “trácica”.
Os textos em escrita portuguesa conservadora admitem muito limitadamente (em comparação com os textos latino-portugueses) léxico latino sem continuidade no português.	Os textos em escrita portuguesa inovadora excluem o léxico latino sem continuidade no português. (Naturalmente, palavras latinas poderão ocorrer em fórmulas, expressões ou termos pertencentes à linguagem jurídica).
Os textos em escrita portuguesa conservadora apresentam uma sintaxe portuguesa (portanto, não articulada com um sistema de flexão casual, ainda que se considere a morfologia casual empobrecida das variedades tardias do latim).	Os textos em escrita portuguesa inovadora partilham com os textos em escrita portuguesa inovadora uma sintaxe claramente portuguesa.

Quadro: duas escritas portuguesas no primeiro século da produção escrita. (MARTINS, 2007, p. 166)

Por este quadro conseguimos perceber a evolução que o português inovador teve em relação à língua latina, daí sua importância para esta dissertação. Muitas das regras que

aprendemos hoje são provenientes deste português inovador, que, no início do século XIII, quebrou as amarras do latim na escrita portuguesa. É importante salientar, ainda, que as mudanças ocorridas na língua são normais e servem de base para o PB.

Tal percepção não se ateve somente aos textos documentais, conforme já analisamos, a evolução do português também foi manifestada nos textos literários, inicialmente com os romances de cavalaria do ciclo do Graal de D. Afonso III. Conforme Martins (2007), houve uma supremacia do texto português sobre o castelhano, ocorrendo, assim, a separação das duas línguas e a, posterior, modernização do português. Para a autora, “a tese da prioridade do texto português sobre o texto castelhano, e da filiação deste naquele, ganha consistência, passando a fundar-se em argumentos linguísticos e filológicos sólidos”(Martins, 2007, p. 179). Neste sentido, após análises sobre os textos originais, consegue-se perceber que a separação entre o português e o castelhano foi embasada não somente pelos aspectos territoriais, econômicos e sociais, mas também pela própria língua, pois

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21).

Quanto às pressões sociais impostas à língua, podemos perceber, por exemplo, no léxico, a influência ligada a questões sócio-históricas, ou seja, as razões histórico-políticas, as distintas relações afetivas construídas em sociedade, a ironia – manifestada linguisticamente por meio de metáforas e metonímias –, entre outros. Esses exemplos de contextos sociais representaram e continuam representando o processo de “start” para mudanças linguísticas, gerando, inclusive, o preconceito.

Para alicerçar a ideia referente às mudanças ocorridas na língua, na proposta de aplicação apresentada aos alunos partícipes, há o uso de textos em galego-português e português arcaico. Muitos tiveram uma grande dificuldade para identificar o sentido das palavras e a informação contida no texto, posto que uma das atividades era transcrever a informação do texto original para o nosso português atual. Durante a aplicação, eles foram deixados livres para determinar o sentido que compreendessem da escrita do texto. Ao final dessa etapa, eles conseguiram perceber o processo de evolução linguística ocorrido no português com relação à ortografia distinta, seleção e escolha lexical, dentre outras questões depreendidas. Verificamos, também, que este processo evolutivo não se extinguiu, pois a língua, devido o seu uso diário, é transformado diuturnamente.

É possível perceber, no histórico de evolução da língua, que, após a distinção entre o galego e o castelhano, há uma evolução gradual entre o português antigo e o contemporâneo. Para embasar essas ideias, utilizaremos, assim como na seção anterior, pesquisas, referentes ao uso dos pronomes clíticos, realizadas por Martins (2007). É importante ressaltar que a indicação de uma pesquisa e seus dados determinam a relevância do material a ser estudado. Neste sentido, os dados colhidos (os debates realizados em sala e os materiais escritos) possuem o objetivo de procurar revelar aos alunos partícipes o modo pelo qual o uso dos clíticos de 3º pessoa e os pessoais retos podem ser usados como complementos verbais diretos. A partir das respostas obtidas e das atividades realizadas, analisaremos o amadurecimento linguístico deles quanto à forma como vão avaliar o tipo de acionamento da língua, principalmente em relação aos pronomes acusativos de terceira pessoa.

Para conseguirmos compreender as diferenças linguísticas localizadas no PE, é necessário termos um entendimento de como se dava a distinção do português em relação às demais línguas oriundas do latim. Segundo Martins (2015, p. 84), “a colocação dos pronomes clíticos no português europeu (assim como no galego) apresenta um conjunto de características que não encontramos na maioria das línguas românicas contemporâneas”. Todas as características citadas por ela, presentes apenas no português, estão relacionadas aos elementos que determinam a oposição entre o uso da próclise e da ênclise.

Na pesquisa realizada por Martins (2015), os textos analisados eram escritos provenientes do latim vulgar: documentos e livros literários quinhentistas e seiscentistas. Desta feita, a análise relacionada à fala não pode ser verificada, pois mesmo os textos dramáticos (como o de Gil Vicente) traziam características linguísticas próprias da escrita, conforme Martins (2015, p. 85), “o estudo de variedades de língua coloquial (ou sociolinguisticamente desprestigiada) exige a procura de fontes documentais específicas quando o registo escrito é a única porta de acesso”. Infelizmente há poucas fontes de materiais que correspondam às variedades orais ou menos prestigiadas nos estudos diacrônicos de mudança linguística.

Tendo como base a pesquisa realizada, nota-se, pela análise do livro objeto do artigo de Martins (2015) – Livro de Cozinha de Um Frade Português do Século XVI –, que, à época da escrita deste livro de receitas, já se verificava dois dialetos correntes no português, conforme a própria autora determina

A proposta principal da presente investigação é que a diferença (...) não corresponde a variação livre na colocação dos pronomes clíticos no

português quinhentista, mas reflete sim a existência de dois dialetos (ou duas gramáticas) no que diz respeito à sintaxe dos clíticos (MARTINS, 2015, p. 92).

Esta indicação mostra que a existência de dois dialetos correntes no português, neste caso em relação ao uso dos pronomes clíticos, implica uma característica que ainda hoje se apresenta na língua portuguesa: a variação linguística. Mesmo que o objeto desta dissertação não esteja relacionado à colocação dos pronomes clíticos, mas ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa como complementos verbais diretos, conseguimos perceber que a variação de usos se faz presente na língua desde os primórdios de sua concepção.

Não vamos avaliar aqui o porquê da distinção encontrada por Martins (2015), mas esclarecer que o processo evolutivo da língua traduz uma perspectiva que se verifica no cotidiano do uso da língua. Por esta perspectiva, dependendo da situação de uso, verificamos não dialetos diferentes, mas usos distintos da língua, que se adequam à situação em que o falante se encontra e ao meio pelo qual ela é transmitida. Daí a importância de reconhecermos o aspecto histórico que se apresenta na língua desde muito tempo. Martins (2015) afirma que

a acentuada variação dentro de uma mesma gramática ou a da convivência e competição entre duas gramáticas, uma das quais acabará por extinguir-se. Se a maior plausibilidade da segunda hipótese puder ser demonstrada com base em evidência empírica, abre-se caminho para uma interessante investigação socio-histórica sobre os fatores que terão determinado o desaparecimento da gramática que constituía a norma de prestígio no português quinhentista. Deste modo, o português subtraiu-se a uma linha evolutiva mais pan-ibérica e desenhou a especificidade da sua sintaxe dos clíticos (no que parece ser um percurso semelhante ao do galego) (MARTINS, 2015, p. 93).

Neste sentido, trabalhar com a hipótese de existência de duas gramáticas em dois dialetos e indicar que uma delas sofreu um processo de desaparecimento na língua, mesmo sendo a de prestígio, mostram que a língua não é estanque e que seu processo de variação diacrônica não está relacionado somente aos aspectos gramaticais, mas sim ao seu uso concreto em textos escritos ou falados, que determinam a real prática do aspecto comunicativo da língua. Dentro, portanto, do escopo de nossa pesquisa, podemos perceber que o que hoje os compêndios gramaticais indicam como regra de prestígio quanto ao uso dos acusativos “eu não o vi hoje”, pode ser que sofra um processo de adequação no decorrer do tempo e se permita usar a construção “eu não vi ele hoje” mesmo em situações mais formais da língua, seja na escrita ou na fala. O que foi verificado na pesquisa de Martins (2015)

mostra que uma língua de prestígio não é determinada pelas gramáticas, mas sim pelo uso concreto e social acima de tudo.

Ainda no aspecto linguístico relacionado ao PE e ao PB, apresentamos outra pesquisa que corrobora com a ideia das diferenças existentes entre o português usado no Brasil e o usado na Europa, o que implica regras gramaticais muito distantes da realidade de uso da língua por seus falantes nos contextos brasileiros: o artigo, *A sintaxe do português brasileiro*, de Charlotte Galves (1986). Este artigo tem por objetivo determinar que o PB se distingue do PE e de outras línguas românicas por aquele possuir estruturas oracionais típicas das Línguas de organização Tópico-Comentário e não como a sintaxe das línguas sujeito e predicado. Na pesquisa realizada por Galves (1986), há a percepção de que existem diferenças entre o PE e o PB em variados aspectos relacionados ao uso dos pronomes, precipuamente quanto aos pronomes de terceira pessoa. Neste caso, há uma proximidade entre a pesquisa realizada por Galves (1986) e aquilo que se pretende demonstrar nesta dissertação: o uso dos acusativos como objetos diretos.

Aí, o contraste (*entre PE e PB*) é muito mais forte. **Ele** não pode aparecer em posição objeto em PE, que só tem como recurso gramatical o uso do clítico o/a. Quanto ao PB, verificamos a mesma regularidade da posição sujeito quanto ao uso de **ele** em posição objeto: pode ser usado só (4), retomando um SN tópico explícito (5) ou ainda aparecer numa estrutura relativa com valor de pronome lembrete (6).

(4). Encontrei **ele** ontem.

(5) Esse rapaz, encontrei **ele** no trem.

(6) Esse rapaz aí que encontrei **ele**...

Por outro lado, como mencionamos a respeito de **ele** sujeito, um paralelismo se encontra nas duas línguas quanto ao uso de ele objeto e ao uso e interpretação do objeto nulo (GALVES, 1986, p. 34).

Observamos que esta distinção quanto ao uso do **ele** foi analisado pela autora com o intuito de mostrar as diferenças existentes entre o PB e o PE, o que também foi objeto de análise na proposta de aplicação aos alunos partícipes desta pesquisa de mestrado. O objetivo era determinar que a sintaxe estudada em sala de aula provém de uma estrutura que se dissocia da realidade da língua praticada em seu cotidiano. Dessa forma, taxar como erro aquilo que é usual da língua no dia a dia é uma expressão forte de preconceito linguístico e implica uma forma desmotivadora de se trabalhar o português. Neste sentido, o importante é tentar demonstrar para os alunos envolvidos na pesquisa que há uma distinção entre o que é determinado pela gramática, mais proximal do PE, e o que é percebido nas situações de uso no PB. O que de fato tentamos clarificar para tais alunos é que eles devem adquirir um

repertório linguístico que os torne aptos para que utilizem a língua da maneira mais adequada para cada situação que se apresente a ele, no caso em tela, quanto ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa como complementos verbais diretos.

Galves (1986) explica, no que se refere ao uso do **ele** como objeto direto – por meio de exemplos – que

o uso de *ele* em posição objeto é uma das grandes diferenças entre o PB e o PE. Até agora, deixamos implícita a idéia de que o uso de *ele* objeto era sempre paralelo ao do clítico *o/a* em PE. Aqui, vemos que não é tão simples: (14) tem duas interpretações possíveis, uma em que ela tem por antecedente Maria e a outra em que se refere a uma outra pessoa. Mas se substituirmos o pronome pleno pelo clítico, só a segunda interpretação é possível.

(14) Maria fez a lista dos convidados mas esqueceu de incluir *ela*.

(17) Maria fez a lista dos convidados mas esqueceu de incluí-la.

Vemos assim que o uso do pronome tônico *ele* era posição objeto não corresponde a uma simples substituição do clítico mas corresponde a uma reorganização da expressão das relações referenciais pela língua (GALVES, 1986, p. 36).

Podemos perceber que a utilização do pronome **ele** como complemento verbal, consoante o estudo de Galves (1986), não se restringe apenas à complementação verbal, mas à semântica do texto. Neste sentido, há um aprofundamento maior no trabalho realizado pela pesquisadora que no determinado nesta dissertação. O objetivo, nesta dissertação de mestrado, é possibilitar aos alunos a compreensão de que há mais possibilidades de uso dos pronomes acusativos de terceira como complementos verbais que os determinados pela gramática escolar e mostrar que essas possibilidades de usos e diferentes variedades linguísticas se aplicam nas línguas. Neste sentido, os alunos terão a percepção da língua não como algo engessado, mas sim de adequação à situação de uso, possibilitando um amadurecimento quanto à língua portuguesa, de acordo com as possibilidades de uso do objeto direto: uso do pronome clítico, do pronome lexical, do sintagma nominal e do objeto nulo, conforme exemplos a seguir.

- Exemplo 1: “Você viu meu livro? Sim, eu ***o*** vi.” (pronome clítico)
- Exemplo 2: “Você encontrou meu caderno? Sim, eu encontrei **ele**. (pronome lexical)
- Exemplo 3: “Você conhece a Maria? Sim, conheço **a Maria**.” (sintagma nominal)
- Exemplo 4: “Você conhece meu primo? Sim, (eu) conheço [Ø].” (objeto nulo)

Neste viés, Galves (1986) traz uma perspectiva que vem ao encontro do trabalho desenvolvido nesta dissertação relacionado ao uso do objeto nulo, que se faz muito presente nas produções escritas e, principalmente, faladas em diversos gêneros textuais.

É muito comum em português brasileiro frases em que a posição de objeto do verbo (transitivo) não é preenchido lexicalmente.

(31) Apanharam as maçãs e guardaram no porão.

(32) Ouvi várias vezes esse disco antes de decidir comprar.

(33) Quem não tem seu adesivo venha buscar logo. (ouvido no rádio)

Nestes casos, o clítico é obrigatório em PE e nas outras línguas românicas. Nestas línguas, existem restrições muito fortes sobre o aparecimento do objeto vazio. E, em particular, ele não é possível nas sentenças do tipo (31) e (33) porque não pode receber a interpretação determinada que elas impõem. Podemos pensar que, na posição objeto também nessas línguas, são os traços pronominais do pronome clítico que permitem recuperar um antecedente. Em PB, a ligação com o tópico é direta. É porque ele é sempre acessível que não se precisa de um mediador, o clítico (GALVES, 1986, p. 41).

Verificamos, consoante o estudo da pesquisadora, que mais uma vez há distinções entre o PB e o PE. O objeto nulo, muito comum no PB, não ocorre tanto no PE, justamente por possuir uma sintaxe mais românica, como determinamos anteriormente. No Brasil, esta possibilidade de uso do objeto é bem mais comum, como foi constatado na proposta de aplicação, no momento em que eu, como professor aplicador, intermediava uma atividade para os alunos: “Bem, pessoal, depois de assistirmos aos vídeos temos uma atividade. Vamos fazer agora?”. Esta mesma construção também foi verificada na fala dos alunos: “Vamos fazer sim, professor.” Em ambas as construções, há a aplicação do objeto nulo e isso não significa um erro de português, mas um uso diferente porque a gramática do PB se diferencia do PE.

Portanto, é importante ressaltar que tanto pesquisas acadêmicas de renomados autores, quanto esta dissertação, procuram demonstrar que há sim diferenças de uso dentro da própria língua; seja entre o PE e o PB, seja no PB.

Essas diferenças não podem ser motivo de estigmatizações nem preconceito linguístico, como se apercebe em muitos compêndios gramaticais usados em escola, mas sim devem traduzir como nossa língua é: plural e passível de adequação. Na proposta de aplicação, a ser explicada no capítulo três a seguir, que contém todas as atividades aplicadas para os alunos partícipes, há esta perspectiva: trazer ao consciente do aluno a possibilidade de acesso a essa pluralidade linguística, permitindo-o saber acionar a língua de acordo com cada

situação de uso; mais uma vez trazendo a citação do filólogo Evanildo Bechara (2001): ser poliglota da própria língua.

3 PROPOSTA DE APLICAÇÃO

3.1 Metodologia da proposta de aplicação

Em uma pesquisa, torna-se preponderante a determinação do método a ser seguido a fim de que, ao final do trabalho, o resultado seja o esperado. No caso desta pesquisa, as regras e procedimentos estão estabelecidos nos passos elencados mais a frente, cuja função é indicar o encadeamento lógico da produção do objeto da pesquisa. Para Gerhardt e Souza (2009, p. 11), “método é, portanto, um caminho em direção a um objetivo”. Pensando neste viés, o método está presente nas indicações de ações estabelecidas na pesquisa com o objetivo de tentar solucionar a problemática levantada neste trabalho vinculada à ação conjunta dos partícipes da pesquisa, isto é, os alunos que estarão envolvidos.

Esta pesquisa será realizada com uma turma de 9º ano – séries finais do ensino fundamental – de uma escola pública do Distrito Federal. Como haverá uma efetiva participação dos alunos, usamos a pesquisa-ação (Thiollent, 1992), pois o professor contará com a participação dos alunos que aceitarem realizar as atividades propostas. Como o ato de participar não é obrigatório, os alunos que estiverem envolvidos no processo da pesquisa, farão outras atividades de língua portuguesa relacionadas ao conteúdo programático do 9º ano do ensino fundamental, sem que exista quaisquer prejuízos referentes ao processo de ensino e aprendizagem.

Para que a proposta de aplicação seja compreendida em sua plenitude, há a explicação do passo a passo a ser seguido durante a aplicação. A proposta é composta de 3 (três) oficinas e cada uma delas traz aspectos relacionados a forma como a língua portuguesa, especificamente em uso no Brasil, pode ser adequar a cada situação de uso.

Na 1º oficina, pretendemos mostrar aos alunos como se dá a relação de uso da língua portuguesa, seja escrita ou oral, no Brasil e em Portugal. Além disso, levar os alunos a refletir sobre o uso dos pronomes como acusativos de terceira pessoa em textos escritos e orais no nosso país e em Portugal. Na 2º oficina, procuraremos mostrar aos alunos a origem da nossa gramática e por qual motivo há uma imposição da norma do Português Europeu tendo em vista sermos falantes do Português Brasileiro. Por fim, na 3º oficina, temos o objetivo de explicar como ocorre a variação estilística no processo comunicativo de acordo com situações de uso diversas a partir de textos de gêneros diversificados a fim de que os alunos identifiquem as formas variáveis de uso dos pronomes do caso reto pelo viés da variação estilística de acordo com o nível mais ou menos formal da língua (Cristine Gorski Severo e

Dermerval da Hora). Explicaremos como se dá a adequação linguística (Bortoni-Ricardo, 2004), que identifica como nós, usuários da língua, adaptamos a linguagem de acordo com a necessidade do momento, isto é, o uso pode ser de uma variedade padrão e outra mais popular. Outro fator a ser observado é a monitoração da língua (Bortoni-Ricardo, 2004), a qual indica que, dependendo da situação de uso da língua, há interações entre os interlocutores desde situações totalmente espontâneas, com um grau de monitoramento muito baixo da língua, até aquelas que são previamente planejadas, exigindo do usuário graus de monitoramento que dependem da situação de uso. Para finalizar, aplicaremos um formulário, do *Google Forms*, com o intuito de aferir algumas informações sobre o uso da língua portuguesa em relação a situações de maior ou menor informalidade tendo em vista o uso dos pronomes retos como complementos verbais, como forma de finalização da aplicação da pesquisa.

3.2 Oficina 1 – Nosso português ou o deles?

Objetivos: esta oficina inicial tem por objetivos mostrar aos alunos as diferenças de estruturas sintáticas empregadas no Português Brasileiro e Português Europeu a partir do uso por falantes dessas duas variedades da língua. A partir da conscientização das diferenças existentes, buscamos apresentar uma delas sobre o uso dos pronomes como acusativos de terceira pessoa em textos escritos e orais.

Duração: 3 horas/aulas de 50 minutos – total de 150 minutos.

1º AULA

1º momento da aula (duração de 10 minutos)

Apresentação da pesquisa – “Monitoramento dos pronomes pessoais em sala de aula: uma proposta de ensino baseada na sociolinguística educacional”.

2º momento da aula (duração de 40 minutos)

O professor pesquisador passará, usando projetor, dois vídeos: o 1º será o do *youtuber*⁸ brasileiro Winderson Nunes e o 2º será um outro *youtuber*, SirKazzio, de Portugal. Após os vídeos serem transmitidos, o professor levantará um debate tendo por base as seguintes questões:

- 1) A linguagem usada pelos *youtubers* é igual ou diferente? Por quê?
- 2) O que mais caracteriza cada fala dos *youtubers*?
- 3) Qual é a principal informação transmitida pelos *youtubers*?
- 4) Você considera as mensagens transmitidas por eles como um tipo de humor? Por quê?
- 5) Há diferença entre o modo de falar dos dois *youtubers*? Explique.

Vídeos:

- <https://www.youtube.com/watch?v=RwcMiXQBOBU>

(Este vídeo é de um *youtuber* português, considerado o mais famoso de Portugal. Neste vídeo, em particular, SirKazzio indica que pedirá sua namorada em casamento).

⁸ Youtuber é a nomenclatura utilizada para todos aqueles que possuem um canal no youtube, uma plataforma de vídeos que tem mais de 1 bilhão de usuários

- <https://www.youtube.com/watch?v=muMnltrLMQg>

(Este vídeo é de um *youtuber* muito famoso no Brasil. Neste vídeo, Winderson Nunes fala sobre sua nova casa, sobre doenças de pessoas mais idosas, sobre como está ficando adulto, entre diversos assuntos).

Como objetivo desta atividade, buscamos fazer com que os alunos percebam as diferenças existentes na língua portuguesa falada (do português brasileiro e do português europeu) em momentos sem monitoramento, realizada por dois jovens *youtubers* – um brasileiro e outro europeu – destinada a um público jovem. Neste sentido, a discussão será conduzida para que os alunos percebam como as marcas de oralidade (como “né” e gírias), a entonação, a pronúncia de vogais se diferenciam pelos dois falantes. Após este momento inicial, o professor passará novamente os vídeos, porém especificamente nos instantes em que os *youtubers* usam o pronome como acusativo de 3º pessoa (no vídeo do Winderson Nunes isso ocorre em 5 minutos e 21 segundos; já no de SirKazzio, ocorre em 2 minutos e 15 segundos). Neste momento, o pesquisador levantará o seguinte debate tendo em vista as perguntas a seguir.

- 1) O uso dos pronomes ocorreu da mesma forma?
- 2) É comum, no português brasileiro, usarmos o pronome clítico em situações menos monitoradas de fala ou escrita?
- 3) Quando nos comunicamos no dia a dia, usamos que tipo de pronome? O “o” ou o “ele”?
- 4) Nós conseguimos perceber em quais situações o uso de cada pronome poderia ser melhor empregado?

2º AULA

1º momento da aula (duração de 15 minutos)

Para que a discussão sobre o uso dos pronomes tenha uma vertente relacionada tanto à escrita quanto à fala, o professor pesquisador apresentará duas reportagens, uma portuguesa e outra brasileira, em que se espera uma linguagem mais monitorada devido ao canal comunicativo (meios de comunicação de renome em suas sociedades), ou seja, com maior cuidado em relação ao uso da sintaxe aprendida na escola.

No início deste momento, o pesquisador apresentará as reportagens a seguir, sendo que o 1º texto é uma reportagem do jornal “Correio da manhã”, considerado um dos mais importantes veículos de comunicação de Portugal. O texto, contido na versão online do jornal, retrata a ida do jogador português Cristiano Ronaldo para o clube italiano Juventus.

Figura 16 – Reportagem I (Jornal “Correio da Manhã”)

The screenshot shows a news article from CM Jornal. The headline reads: "Sou diferente de todos os outros. Se alguns estão acabados, eu não estou. A Juventus foi a única proposta que recebi", afirmou Cristiano Ronaldo, esta segunda-feira, durante a conferência de imprensa do apresentador da Juventus. "Era um clube onde gostava de jogar desde miúdo", assume, acrescentando que ir para Turim "foi uma decisão fácil dado o poderio do clube, uma das melhores equipas do Mundo".

The article includes a video thumbnail showing a woman being interviewed, with the caption: "Ele está feliz e eu tenho que aplaudir", disse de Ronaldo". Below the video, there is a quote from Ronaldo: "Foi uma história brilhante no Real Madrid, que me ajudou muito. Agradeço aos adeptos, que me ajudaram a ser o que sou hoje, mas esta é uma etapa nova. Estou muito feliz, é como se estivesses a começar de novo", sublinhou o craque português, pelo qual a vecchia signora pagou 100 milhões de euros ao clube espanhol.

On the right side of the page, there are several other news items listed:

- 3. Antiga casa de Tony no Algarve foi demolida
- 4. Ex-ministradeputa foto de nuzes de Helena Isidro da Casa dos Segredos
- 5. Judite arrasada por roupa que usou na Tailândia

At the bottom, there are navigation links for "GARDA MÍDIA", "ADICIONAR ALERTAS", and search filters for "Assuntos", "Cristiano Ronaldo", "Turim", "CR7", and "desporto".

Fonte: https://www.cmjornal.pt/desporto/detalhe/ir-para-a-juventus-foi-uma-decisao-facil-diz-cristiano-ronaldo?ref=HP_Destaque

O 2º texto é uma reportagem da revista on-line “Carta capital” na seção Chuteira FC, que aborda assuntos relacionados ao mundo futebolístico. Nesta reportagem, há a opinião sobre a conquista do 3º lugar pela Bélgica.

Figura 17 – Reportagem II (jornal “Carta Capital”)

The screenshot shows an article from Chuteira FC on Carta Capital. The title is "A Bélgica passou a integrar um grupo restrito de seleções que venceram seis partidas em uma Copa". The text discusses Belgium's performance in the 1986 World Cup, mentioning their semi-final victory over France and their third-place finish. It quotes Roberto Martínez: "Batemos recordes nesta Copa e deixamos um legado para o futebol belga. Os jogadores estão de parabéns porque acreditaram na qualidade que têm e também no trabalho duro que fizemos", disse o técnico Roberto Martínez. "Mostramos um belo futebol, isso é motivo de orgulho para nós."

The article also notes that Belgium's performance has led to them being included in a group of teams that have won six matches in a single World Cup, alongside Brazil (1970), Poland (1974), Argentina (1986), Italy (1990), and Holland (2010).

Below the main text, there is a sidebar with a timeline of articles from May 2018 to May 2017, and a sidebar for "Personagens" featuring profiles of De Bruyne, Hazard, and Tite.

Fonte: <http://chuteirafc.cartacapital.com.br/copa-belgica-terceiro-lugar/>

Após o professor apresentar os dois textos, pois não serão lidos integralmente, haverá uma reflexão, por meio de um debate, com base nas perguntas a seguir em relação à linguagem

utilizada de acordo com grau de monitoramento da língua, tendo em vista as diferenças existentes por serem de países diferentes.

- 1) Vocês (alunos) conseguem perceber se os textos são mais ou menos formais?
- 2) O que pode determinar a maior ou menor formalidade do texto?
- 3) Os textos retratam um assunto bem atual. Qual é?
- 4) Mesmo sendo textos jornalísticos, a língua deve ser sempre muito formal?
- 5) Os textos que escrevemos no dia a dia também seguem este mesmo formato ou apenas o que produzimos na escola?

Após tal momento, o pesquisador fará o realce dos seguintes fragmentos:

- Reportagem I: “Este encara-o ‘confiante no futuro’”.
- Reportagem II: “Os belgas exibiram diante da Inglaterra as virtudes que os fizeram ir tão longe”.

Assim, ele levantará os questionamentos a seguir:

- 1) O uso dos pronomes nos dois textos segue aquilo que se aprende sobre colocação pronominal?
- 2) Na fala, mesmo em situações nas quais se espera um maior cuidado quanto ao uso da gramática, usamos os pronomes dessa forma ou falamos como o Winderson Nunes?

Agora, o professor solicitará que os alunos escolham uma das reportagens e reescrevam o trecho que contém o uso do pronome acusativo da forma como conversam no dia a dia. Assim, o professor poderá perceber se os alunos tenderão a usar uma linguagem mais formal ou informal, mesmo que seja uma atividade escolar.

2º momento da aula (duração de 35 minutos)

Após os alunos terem a percepção do uso dos pronomes em situações de maior monitoramento da língua, o pesquisador dividirá a turma em duplas (os alunos que quiserem realizar a atividade individualmente serão atendidos) e entregará uma folha contendo dois trechos de reportagens com uma linguagem mais informal, mesmo sendo na escrita. O 1º fragmento é de uma revista voltada para o público infanto-juvenil de Portugal – “Visão Júnior” – e o 2º fragmento é também de uma revista destinada a esse mesmo público-alvo, mas do Brasil – “Capricho”. A seguir, há a imagem das reportagens que serão entregues aos alunos e seus respectivos links.

Figura 18 – Reportagem I (revista “Visão Junior”)

The screenshot shows a news article from the website. At the top, there's a red header bar with the magazine's logo. Below it, a main article discusses Tomás Amaral's achievement in gymnastics. To the right, there's a large image of a magazine cover titled "Visão Júnior" with a boy sticking his tongue out. Below the cover, there's a promotional banner for "NetBet" offering a 100% bonus up to R\$200.

Fonte: <http://visao.sapo.pt/visaojunior/2018-05-07-VISAO-Junior-de-maio>

Figura 19 – Reportagem II (revista “Capricho”)

The screenshot shows a news article about Kim Kardashian and her daughter North West's hairstyle. The article includes a photo of the two. To the right, there's a sidebar with a "Horóscopo" section for Cancer, a "BONUS 100% ATÉ R\$200" offer for NetBet, and a "Selecionar um signo" dropdown menu.

Fonte: <https://capricho.abril.com.br/beleza/kim-kardashian-e-north-west-usam-o-mesmo-penteado-e-muita-fofura/>

Ao entregar as folhas, o professor solicitará que cada dupla leia as reportagens e responda às seguintes perguntas em até 10 minutos.

- 1) O que os textos abordam?
- 2) A linguagem utilizada foi adequada para o tipo de revista e público-alvo?
- 3) Cite duas passagens em que houve a ocorrência dos pronomes clíticos.
- 4) Na 2º reportagem, o pronome usado está adequado para o tipo de linguagem?
- 5) Como poderia ser uma possível reescrita da frase em que o pronome foi utilizado na 2º reportagem se fosse em uma situação de fala ou conversa de aplicativo, como o “whatsapp”?

Após o término do tempo determinado, o professor solicitará que os alunos entreguem, por escrito, as folhas com as respostas das duplas. As respostas serão posteriormente analisadas e será verificado se os alunos participantes compreenderam como pode se dar o uso dos pronomes em situações diversas de uso.

3º AULA

1º momento da aula (duração de 30 minutos)

Neste período da aula, o pesquisador apresentará dois vídeos para mostrar o uso da língua portuguesa em situações em que se espera um monitoramento maior da língua. O 1º vídeo é uma reportagem do G1 com o atleta Neymar no qual ele concede uma entrevista após a copa de 2014. O 2º vídeo é uma apresentação em que o humorista português Ricardo Araújo e o também humorista brasileiro Gregório Duvivier retratam as diferenças linguísticas no Brasil e em Portugal.

A seguir, há o link com a reportagem e o vídeo:

- <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/07/gente-se-dedicava-ao-maximo-diz-neymar-em-entrevista-exclusiva.html>
- <https://www.youtube.com/watch?v=uSLIO2l8QHI>

Após a apresentação da reportagem e do vídeo, o pesquisador motivará os alunos a indicarem suas opiniões tendo como base os seguintes trechos de cada um dos textos.

- Reportagem do Neymar: “Então, querendo ou não, ele mais me ajudou do que eu ajudei **ele**” (em 8 minutos e 16 segundos).
- Vídeo do youtuber: “São coisas que o inglês e o francês não **o** fazem” (em 7 minutos e 7 segundos).

A fim de que haja uma percepção sobre o uso dos pronomes como acusativos de 3º pessoa, assim como da própria língua tendo em vista seus níveis de uso, o professor questionará os alunos sobre o grau de monitoramento da língua e como se dá o uso dos pronomes clíticos a partir das seguintes perguntas:

- 1) Após assistirmos aos vídeos, percebemos, em destaque, o uso dos pronomes “ele” e “o” nas falas do jogador Neymar e do humorista Ricardo Araújo. Neste momento, espera-se que exista um cuidado maior ao usar a língua e, no caso, os pronomes? Houve esse cuidado por parte dos dois?
- 2) Em todo o nosso cotidiano, quando devemos ter maior zelo ao usar a língua?
- 3) Mas isso acontece de fato?

Após este momento, o professor solicitará que os alunos, em 6 grupos de 4 a 6 alunos, produzam, oralmente, as seguintes situações de uso de acordo com as especificações abaixo. Cada grupo apresentará o resultado da sua atividade para a turma e o professor pesquisador gravará as falas com o uso de seu celular para uma posterior análise do resultado das atividades.

- 1º grupo: transformar a fala do jogador Neymar como se estivesse em uma situação extremamente formal, como um juiz em um tribunal.
- 2º grupo: transformar a fala do *youtuber* português como se fosse um brasileiro conversando com outro brasileiro em uma situação de conversa informal.
- 3º grupo: criar uma fala como se Neymar fosse um jogador português dando a entrevista na saída do campo num final de jogo. Os alunos podem tentar imitar o sotaque português e devem fazer uso dos pronomes acusativos de acordo com o grau de monitoramento da fala criada.
- 4º grupo: transformar a fala do *youtuber* português, retirando o pronome oblíquo e utilizando um substantivo com sentido equivalente ao que ele se refere.
- 5º grupo: criar uma fala como se o presidente do CBF (Confederação Brasileira de Futebol) estivesse dando uma entrevista sobre o fato de o jogador Neymar cair muito em campo. Os alunos devem usar os pronomes acusativos de acordo com o grau de monitoramento da fala criada.
- 6º grupo: imaginar que o *youtuber* português fosse um cantor de rap e criar um trecho de uma música sobre algum assunto atual. Os alunos podem tentar imitar o sotaque português e devem usar os pronomes acusativos de acordo com o grau de monitoramento da música criada.

2º momento da aula (duração de 20 minutos)

Para finalizar a aula, e fechar a discussão sobre o uso da língua em situações mais ou menos monitoradas seja no Brasil, seja em Portugal. O professor falará sobre a variação estilística, tendo como base a seguinte frase com conceito bem básico sobre esse tipo de variação, retirado do site “wikipedia”, que será apresentada em um slide do *powerpoint*:

*Estilística (do alemão *Stilistik*, pelo francês *stylistique*) é o ramo da linguística que estuda as variações da língua e sua utilização, incluindo o uso estético da linguagem e as suas diferentes aplicações dependendo do contexto ou situação. O objeto preferencial de estudos estilísticos é a literatura, não exclusivamente a "alta literatura", mas outras formas de textos escritos, na publicidade, política ou religião.*

3.3 Oficina 2 – Como surgiu nossa língua?

Objetivos: esta oficina tem por objetivos mostrar aos alunos a origem da nossa gramática e por qual motivo há uma imposição da norma do Português Europeu tendo em vista sermos falantes do Português Brasileiro.

Duração: 2 horas/aulas de 50 minutos – total de 100 minutos.

1º AULA

Objetivo: Nesta 1º aula, procuraremos mostrar como se deu a variação diacrônica da língua, conforme estudo de Ilari (2012), a partir de textos datados da época do galego-português (século 11) até o português do século XX (1928). Todos os textos apresentados possuirão uma tradução para o português brasileiro atual para que, assim, os alunos consigam depreender como se deu a atualização da língua através dos séculos.

1º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor pesquisador explicará que a nossa língua tem por origem Portugal, assim como nossa gramática. Para indicar, como mais informações, a origem do nosso idioma, haverá a apresentação de um vídeo que contém a história do povo português e sua língua desde o processo de povoamento da Europa até a formação do português moderno e atualizado de hoje. O vídeo contém músicas representativas do português antigo e é narrador tanto por uma portuguesa como por uma brasileira.

Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=EtBief6RK_I (duração de 12:42)

2º momento da aula (duração de 30 minutos)

Neste momento, o professor solicitará que os alunos, divididos em 5 grupos, façam a reescrita, por escrito, de trechos do português, destacados a seguir, em diferentes épocas, procurando traduzir seus sentidos no português atual. Após cada grupo apresentar o resultado de suas traduções, o professor apresentará a tradução para o português atual. Assim, o objetivo é mostrar a evolução da nossa língua, tanto em Portugal quanto no Brasil. O material produzido pelos alunos tem por objetivo mensurar se eles compreenderão as distinções entre o português antigo e o atual, do próprio uso deles.

1º trecho: “Ora faz ost’o senhor de Navarra” – cantiga de escárnio em galego-português do século 11.

Ora faz ost’o senhor de Navarra,
 pois en Proenç’ est’el-Rei d’Aragon;
 non lh’an medo de pico nen de marra
 Tarraçona, pero vezinhos son;
 nen an medo de lhis poer boçon
 e riir-s’an muit’Endurra e Darra;
 mais, se Deus traj’o senhor de Monçon
 ben mi cuid’eu que a cunca lhis varra.

Fonte: https://ca.wikipedia.org/wiki/Ora_faz_ost%E2%80%99o_senhor_de_Navarra

Tradução:

Agora faz isso o senhor de Navarra,
 pois em Provença é o rei de Aragão;
 não têm medo, nem do seu pico, nem à sua Marra
 em Tarazona, nem que está perto;
 não têm medo de lhes colocar aríetes
 e serão rir muito Inzura e Darren;
 mas, se Deus traz o senhor de Monção
 estou certo de que lhes destruirá a bacia.

Fonte: https://ca.wikipedia.org/wiki/Ora_faz_ost%E2%80%99o_senhor_de_Navarra

2º trecho: carta de Pero Vaz de Caminha sobre a descoberta do Brasil no início do século 16.

que a partida de belem como vosa alteza sabe foy sega feira ix de março, e sabado xiii do dito mes amtre as bijij e ix oras nos achamos antre as canareas mais perto da gran canarea e aly amdamos todo aquele dia em calma a vista delas obra de tres ou quatro legoas. e domingo xxij do dito mes aas x oras pouco mais ou menos ouuemos vista da jlhas do cabo verde .s. da jlha de sã njcolao, sego dito de Po escobar piloto

Fonte: [https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel_\(ortografia_original\)](https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel_(ortografia_original))

Tradução:

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e nove horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grã-Canária, e ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da ilha de S. Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.

Fonte: http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/carta_caminha.htm

3º trecho: Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões, 1552.

Canto IX

Tiveram longamente na cidade,
 Sem vender-se, a fazenda os dous feitores,
 Que os Infiéis, por manha e falsidade,
 Fazem que não lha comprem mercadores;
 Que todo seu propósito e vontade
 Era deter ali os descobridores
 Da Índia tanto tempo que viessem
 De Meca as naus, que as suas desfizessem.

Fonte: <https://fabiorenatovillela.blogspot.com/2010/12/adaptacao-de-os-lusiadas-ao-portugues.html>

Tradução:

Estiveram por muito tempo na cidade,
 Sem conseguir vender as mercadorias, os dois feitores,
 Pois os Mouros, com artimanhas e com falsidade,
 Articularam para que não a comprasse os seus mercadores;
 Pois tinham o intento e era a sua vontade
 Que ali ficassem retidos os ilustres descobridores
 Do Império da Índia, pois logo chegariam
 De Meca (1) as suas naus e, então, eles os atacariam.

(1) Meca: cidade sagrada para os árabes e a terra natal do profeta Maomé. Situada atualmente na Arábia Saudita.

Fonte: <https://fabiorenatovillela.blogspot.com/2010/12/adaptacao-de-os-lusiadas-ao-portugues.html>

4º trecho: Cantiga da Ribeirinha, de Paio Soares de Taveirós, escrita no século 12.

No mundo non me sei parelha,
 mentre me for' como me vai,
 ca ja moiro por vós - e ai!
 mia senhor branca e vermelha,
 Queredes que vos retraiá
 quando vos eu vi em saia!
 Mao dia me levantei,
 que vos enton non vi fea!

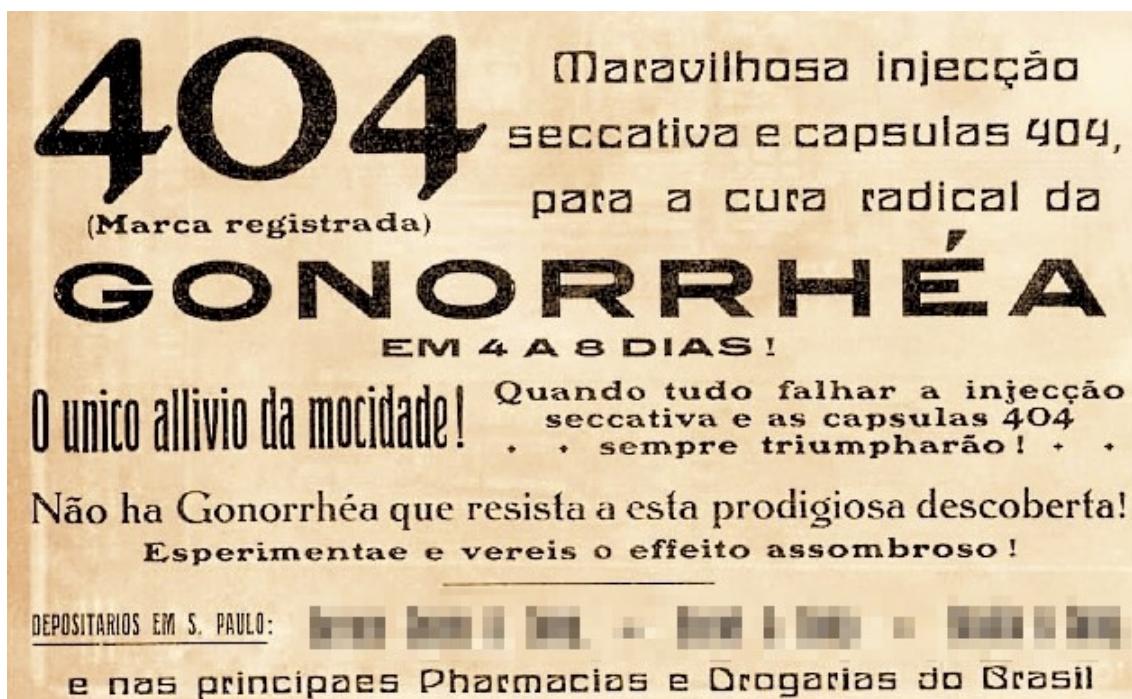
Fonte: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/5666792>

Tradução:

No mundo ninguém se assemelha a mim (parelha: semelhante)
 enquanto a vida continuar como vai,
 porque morro por vós, e ai
 minha senhora de pele alva e faces rosadas,
 quereis que vos descreva (retrate)
 quando vos eu vi sem manto (saia: roupa íntima)
 Maldito dia! me levantei
 que não vos vi feia (ou seja, a viu mais bela)

Fonte: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/5666792>

Figura 20 – 5º trecho: Propagando do remédio para gonorreia, século XIX



Fonte: <https://martaianSEN.blogspot.com/2012/08/anuncios-de-medicamentos-do-inicio-do-seculo-XX.html>

Tradução:

Maravilhosa injeção seccativa (com sangue) e cápsulas 404 para a cura final da gonorreia em 4 a 8 dias! O único alívio dos jovens! Quando não der certo, a injeção secativa e as cápsulas 404 sempre triunfarão! Não há Gonorreia que resista a esta descoberta maravilhosa! Experimente e verá o efeito assombroso! Depositados (encontrados) em São Paulo ... e nas principais farmácias e drogarias do Brasil.

Fonte: <https://martaianSEN.blogspot.com/2012/08/anuncios-de-medicamentos-do-inicio-do-seculo-XX.html>

6º trecho: Texto do escritor Fernando Pessoa, escrito em 1928.

A 'esperança, como um fósforo inda aceso

A 'esperança, como um fósforo inda aceso,
Deixei no chão, e entardeceu no chão ileso.
A falha social do meu destino
Reconheci, como um mendigo preso.

Cada dia me traz com que 'sperar
O que dia nenhum poderá dar.

Fonte: <http://arquivopessoa.net/textos/1370>

Tradução:

A esperança como um fósforo ainda aceso,

A esperança como um fósforo ainda aceso,
Deixei no chão, e entardeceu no chão ileso.

A falha social do meu destino
Reconheci, como um mendigo preso.
Cada dia me traz com que esperar
O que dia nenhum poderá dar.

Fonte: http://www.avozdapoesia.com.br/obrasлер.php?obra_id=11929

2º AULA

Objetivo: Nesta 2º aula, procuraremos destacar as diferenças ainda existentes no português europeu e no português brasileiro atualmente, mesmo após vários séculos de modernização da língua. Após isso, destacaremos que tais diferenças ainda influenciam o ensino de gramática no Brasil, mesmo que tenhamos distinções de uso para o PE; tal evidência mostra que ainda somos regidos por regras gramaticais que não refletem nossa língua cotidiana. Assim, o professor promoverá um debate para que os alunos percebam essas diferenças e, depois, por meio de textos de gêneros diversos, mostrará que, embora aprendamos, na escola, regras do PE, atualmente utilizamos um português mais identificatório do povo e da cultura brasileiro.

1º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor apresentará algumas expressões e regras gramaticais, destacadas a seguir, que indicam diferenças existentes entre as regras da gramática do Português europeu e do brasileiro.

Fonológica:

1. Marcelo, no Brasil, é pronunciado com “u” no final; enquanto que em Portugal fala-se Marcelo com “o” mesmo.
2. Outra diferença existente é na pronúncia das vogais, pois em Portugal os falantes costumam “eliminar” as vogais átonas, pronunciando apenas as vogais tônicas, como a palavra “Esperança”. No Brasil ela é pronunciada como “esperança”, e em Portugal como “esp’rança”.

Diferenças na grafia:

3. PB **comumente** e PP **comummente**; PB **escoteiro** e PP **escuteiro**; PB **ímã** e PP **íman**; PB **caminhão** e PP **camião**.

Acentuação:

4. Diferenças na acentuação (PB – Português do Brasil e PP – Português de Portugal): PB **acadêmico** (com “e” fechado) e PP **académico** (com “e” aberto); PB **fenômeno** (com “o” fechado) e PP **fenómeno** (com “o” aberto).

Sintaxe:

5. Uso do pronome oblíquo iniciando sentenças: no Brasil dizemos “Me dá um abraço?” e em Portugal dizemos “Dá-me um abraço?”.
6. Uso do gerúndio, ao invés de infinitivo + preposição: no Brasil dizemos “Estou ligando para você”, e em Portugal dizemos “Estou a ligar para você”.

Sinônimos:

Quadro 2: Diferenças entre PB e PE

Português do Brasil	Português de Portugal
Abridor	tira-cápsulas
Açougue	talho
Aeromoça	hospedeira de bordo
Apostila	sebenta
Bala	rebuçado
Banheiro	casa de banho
Cafezinho	bica
Calcinha	cueca
carteira de identidade	bilhete de identidade
carteira de motorista	carta de condução
Celular	telemóvel
Conversível	descapotável
faixa de pedestres	passadeira
Fila	fila ou bicha (gíria)
Geladeira	frigorífico

2º momento da aula (duração de 5 minutos)

O professor mostrará um vídeo de uma reportagem da TV Cultura sobre as diferenças da gramática do Brasil e de Portugal, assim como a apresentação da Gramática do Português Brasileiro, de Ataliba Castilho.

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=05Ya0Bv47ng> (duração de 2:56)

3º momento da aula (duração de 25 minutos)

O professor, após a exposição do vídeo e das diferenças apresentadas, promoverá um debate sobre o motivo pelo qual há diferenças entre o português de Portugal e o do Brasil, assim como por qual motivo seguimos algumas regras, principalmente na escrita, que são mais comuns no português europeu.

- 1) Turma, há muitas diferenças em relação ao nosso português ao europeu?
- 2) Alguém sabe mais alguma expressão ou regra que mostre essa diferença?
- 3) As regras do PE estão mais presentes na nossa fala ou na nossa escrita?
- 4) Usamos essas regras em todos os momentos de fala? Por quê?
- 5) Por que seguimos tantas regras que não usamos no nosso dia a dia de fala?

A partir da participação dos alunos, o professor mostrará que, mesmo o português tendo sofrido diversas “atualizações” ao longo dos séculos, ainda utilizamos, como uma prescrição gramatical, regras muito específicas do PE, pois sempre considerado elitizado, ainda mais por ser o usado pelos mais respeitados escritores da nossa língua. Além disso, o professor também indicará que, embora diversos escritores e pensadores tenham usado ou usem a gramática do PE, há várias pessoas hoje (jornalistas, escritores, compositores, cartunistas) que procuram transmitir as informações utilizando o PB, mais usual para a maioria da população. Para ilustrar essa visão, o professor apresentará trechos de textos, destacados a seguir.

Exemplo 1

Figura 21 – Charge “Aula de português”



Fonte: <http://www.ivancabral.com/2007/11/aula-de-portugus.html>

Exemplo 2

Gírias

Roupas, discos, filmes, costumes, cortes de cabelo. Tudo cai de moda. Algumas gírias teriam o mesmo destino se não fossem os neo-retrôs, que mantêm vivas expressões que surgiram há 20 ou 30 anos. Como eles fazem isso? Muitas vezes resistindo às gírias novas.

Gustavo Soares Garcia Muchiutti, 15, diz não falar nunca "se pá" (talvez), "irado" (ótimo) ou "sussa" (sossegado). Em vez disso, escapam sempre de sua boca "beleza", "zoar", "aloprar", "tá ligado?", "se bobear", "detonar"... "Eu não sei por que as gírias antigas continuam. A gente sempre ouve e acaba reproduzindo."

Das novas, Flávia Bessa Maia, 17, só fala "uó". "Acho que as gírias antigas permanecem porque elas vão sendo resgatadas pelo cinema e pela televisão, e as pessoas acabam repetindo."

Leônio Amancio da Silva Júnior, 16, está se esforçando para não falar "sussa", por achar estranho, e diz que seu ar neo-retrô é involuntário.

"Tenho o cabelo compridinho, uso All Star e falo "beleza", "galera" e "mó legal", sem lembrar que isso é antigo. Não sei o motivo, mas me identifiquei com esse estilo.

(AK e LF)

Fonte: Folha de São Paulo – FolhaTeen (16 de maio de 2005).

Exemplo 3 - vídeo

Vídeo em que o apresentador do Balanço geral do Espírito Santo canta e usa gírias.

<https://www.facebook.com/williangORDOX/videos/apresentador/1666941276726759/>

Exemplo 4 - música

Tudo Que Ela Gosta de Escutar

Charlie Brown Jr.

Essa é uma história de amargar

Conheci uma garota meu irmão vou lhe falar

Tudo que ela quer, o pai dela dá

Desde casa em Ubatuba, até ap. no Guarujá

Fim de festa olho pra ela, ela sorri pra mim

Me secou a noite inteira

Ela só pode estar afim

Ela tem carro importado e telefone celular

Eu só tenho uma magrela e um ap. no bnh

Eu falo tudo que ela gosta de escutar

Deve ser por isso que ela vem me procurar

Eu falo, eu falo tudo que ela gosta de escutar

Deve ser por isso que ela vem me procurar

O pai dela riu de mim porque o meu carro é popular

E ainda me deu uma notícia de desanimar

"rapaz você não é bom pra minha filha não

Quem é teu pai? quem é você? o que que você faz? vou investigar você"

Fim de festa olho pra ela, ela sorri pra mim

Me secou a noite inteira

Ela só pode estar afim

Ela tem carro importado e telefone celular

Eu só tenho uma magrela e um ap. no bnh
 Eu falo tudo que ela gosta de escutar
 Deve ser por isso que ela vem me procurar
 Eu falo, eu falo tudo que ela gosta de escutar
 Deve ser por isso que ela vem me procurar

Eu falo tudo que ela gosta de escutar
 Deve ser por isso que ela vem me procurar
 Eu falo, eu falo tudo que ela gosta de escutar
 Deve ser por isso que ela vem me procurar

Aliviou? Calma aí quer um trato que eu te dou! Mulher tu pode até falar, mas foi assim que tu gostou!

Fonte: <https://www.letras.mus.br/charlie-brown-jr/75414/>

Exemplo 5 – poema

Com licença poética

Adélia Prado

Quando nasci um anjo esbelto,
 desses que tocam trombeta, anunciou:
 vai carregar bandeira.
 Cargo muito pesado pra mulher,
 esta espécie ainda envergonhada.
 Aceito os subterfúgios que me cabem,
 sem precisar mentir.
 Não sou feia que não possa casar,
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
 Inauguro linhagens, fundo reinos
 — dor não é amargura.
 Minha tristeza não tem pedigree,

já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdoblável. Eu sou.

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTY4MzUz/>

Exemplo 6 – poema

Antiguidade d'onde viemos

Ana Elisa Ribeiro

“Péricles disse
que a maior virtude
de uma mulher
era ficar calada.

Péricles se fodeuu.

Péricles, hoje,
levaria uma surra
dada por mil mulheres
como eu.”

Fonte: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasil/minas_gerais/ana_elisa_ribeiro.html

3.4 Oficina 3 – Situações de uso dos pronomes acusativos

Objetivos: esta oficina tem por objetivos explicar como ocorre a variação estilística no processo comunicativo de acordo com situações de uso diversas a partir de textos de gêneros diversificados a fim de que os alunos, de uma forma lúdica, identifiquem as formas variáveis de uso dos pronomes do caso reto pelo viés da variação estilística de acordo com o nível mais ou menos formal da língua, conforme determina os textos de Cristine Gorski Severo e Dermeval da Hora⁹. Além disso, o professor explicará como se dá a adequação linguística, conforme estudo de Bortoni-Ricardo (2004), que identifica como nós, usuários da língua, adaptamos a linguagem de acordo com a necessidade do momento, isto é, o uso pode ser de uma variedade padrão e outra mais popular, as quais devem ser empregadas em situações específicas de comunicação. Outro fator a ser observado é a monitoração da língua, também objeto de estudo de Bortoni-Ricardo (2004), a qual indica que, dependendo da situação de uso da língua, há interações entre os interlocutores desde situações totalmente espontâneas, com um grau de monitoramento muito baixo da língua, até aquelas que são previamente planejadas, exigindo do usuário graus de monitoramento que dependem da situação de uso.

Duração: 5 horas/aulas de 50 minutos – total de 250 minutos.

1º AULA

Objetivo: mostrar aos alunos um texto-exemplo de adequação linguística, no qual a língua foi adaptada de acordo com seus interlocutores e a situação, que passou de mais formal para mais informal devido aos usuários da língua na situação específica. Neste sentido, o professor procurará promover uma reflexão sobre como usamos a língua dependendo da situação de uso, com graus maiores ou menores de monitoramento e adequando o uso ao momento de interação comunicativa.

1º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor iniciará o momento da aula realizando as seguintes perguntas aos alunos:

⁹ Estes textos estão contidos na obra GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkühl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. (Orgs.). **Variação estilística:** reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

- 1) Quando vocês estão conversando entre si, a linguagem é mais espontânea ou alguém fica pensando se tal expressão ou construção da frase está correta?
- 2) No momento de apresentar um trabalho na escola, por exemplo, há uma preocupação maior ao falar?
- 3) E se fosse, por exemplo, em um evento na igreja ou em outro local em que vocês fossem apresentar algo, haveria uma preocupação maior ainda em como comunicar a informação?
- 4) É mais fácil seguir aquilo que a gramática taxa como certo se escrevermos antes o que vamos comunicar?
- 5) Mas será que sempre devemos seguir as regras da gramática que aprendemos nas aulas de português?
- 6) Em quais momentos, então, podemos seguir ou não tais regras?

2º momento da aula (duração de 10 minutos)

Neste momento, o professor mostrará o seguinte texto, que foi usado por uma questão no ENEM de 2009:

Gerente: — Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente: — Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente: — Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente: — Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente: — Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

Fonte: BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado).

No texto, há uma adequação do uso da língua por parte da gerente em relação ao cliente, Júlio. Em um primeiro momento, a gerente Helena utiliza uma fala mais formal e monitorada, mas, ao saber que seu cliente é seu amigo, o tom da conversa torna-se menos formal, diminuindo o monitoramento linguístico, para apresentar um grau de menor formalidade, o que caracteriza a amizade entre os dois.

3º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor indicará que os alunos, em 5 grupos, leiam os fragmentos de textos a seguir e os reescrevam, passando para o tipo de adequação e monitoramento solicitado.

Fragmento 1

- Dia cumade! O cumpade tá?
- num tá não... Foi caçá pacá, lá pras banda do matão...
- oia, cumade que naquelas banda, tem onça pintada! O cumpade foi ansim mermo?
- i num é que foi? I eu disse pra ele: 'home, oia que é perigoso'...
- i que foi que ele respondeu?
- a onça vem i eu pego ela di jeito, muié, num si priocupe... Qué entrá un poco, i prová da minha cumida, cumpade?
- obrigadu por mi ofrecê da sua cumida, cumade, má angora mi vô mermo!

Fonte:http://www.poesias.omelhordaweb.com.br/comentario_poesia.php?cdPoesia=52490&cdResponsavel=1539

Atividade: passar o texto para o português mais formal em uma cidade urbana.

Fragmento 2

Leve o carro a uma garagem ou outro espaço com chão plano e área de trabalho suficiente.

Deixe o veículo parado por 5 a 10 minutos para aquecer o óleo e tome muito cuidado ao lidar com óleo morno ou quente.

Coloque o carro no ponto morto, remova as chaves e acione o freio de mão. Saia do veículo.

Instale blocos ou calços nas rodas para segurar os pneus. Os blocos devem ser colocados nos pneus que ficarão no chão.

Localize os pontos de elevação do carro. Caso não tenha certeza de onde eles estão, verifique o manual do veículo para obter especificações.

Fonte: <https://pt.wikihow.com/Trocar-o-Óleo-do-Carro>

Atividade: passar o texto para o português mais informal.

Fragmento 3

Vida de Corno

Falcão

Ei! Você meu amigo
 Que está sorrindo com o que eu passei
 Cuidado com a sua cabeça
 Pois amanhã será sua vez
 Você passa a noite fora
 E quem é que garante que o Ricardão
 Não come a sua comida
 E dorme tranquilo no seu colchão
 Ela não me respeitou
 E tome gaia
 Foi embora e quer voltar
 E tome gaia
 Mas eu não vou aceitar
 E tome gaia
 Nessa casa seu retorno
 Não quero viver outra vez uma vida de corno

Fonte: <https://www.letras.mus.br/falcao/133675/>

Atividade: passar o texto para o português mais formal.

Fragmento 4

Ceilândia na cena, viela, expansão
 Onde fiz a minha história, meu irmão
 Se liga, irmão, só os fortes sobreviverão
 As luzes da cidade escura não ofuscaram o meu brilho, não
 Firmão vou viver, firmão vou viver
 E que é forte, basta crer.

Japão Viela

Fonte: <https://vaiserrimando.com.br/2012/08/15/20-de-40-japao-viela-17-beat-dj-raffa-santoro>

Atividade: passar o texto para o português mais formal.

Fragmento 5

Candidato Caô Caô

Marcelo D2

Ai meu irmão, toma vergonha
 Vocês não aprenderam a votar, né?!
 Só parada podre malandro!

Ele subiu o morro sem gravata
 Dizendo que gostava da raça
 Foi lá na tendinha
 Bebeu cachaça
 Até bagulho fumou
 Foi no meu barracão
 E lá usou
 Lata de goiabada como prato
 Eu logo percebi
 É mais um candidato
 Para a próxima eleição...

Ele fez questão de beber água da chuva
 Foi lá no terreiro pedir ajudar
 Bateu cabeça no congá
 Mas ele não se deu bem
 Porque o guia que estava incorporado
 Disse esse político é safado
 Cuidado na hora de votar...

Também disse:
 Meu irmão se liga
 No que eu vou te dizer
 Hoje ele pede seu voto

Amanhã manda a polícia te bater...

Fonte: <https://www.letras.mus.br/marcelo-d2/1951015/>

Atividade: passar o texto para o português mais informal em uma conversa entre moradores de uma cidade interiorana sobre política.

2º AULA

Objetivo: Após todas as informações repassadas sobre a modernização da língua, uso da gramática lusitana como padrão para o PB e adequação da língua para cada situação específica, a partir do seu grau de monitoramento, o professor promoverá a discussão sobre o uso dos pronomes retos acusativos de 3º terceira pessoa dentro deste escopo. Assim, o objetivo é que os alunos consigam perceber que os pronomes, assim como várias outras estruturas da língua (uso das classes de palavras, acentuação, sintaxe) podem sofrer um processo de adequação linguística, dependendo da situação de uso. Dessa forma, esta aula vem procurar mostrar esta adequação através do uso de gêneros textuais diversos (elencado a seguir), sem que haja a ideia do certo ou errado na língua, mas o uso adequado ou inadequado.

1º momento da aula (duração de 30 minutos)

Com o uso do *powerpoint*, o professor pesquisador mostrará como se aplica a variação linguística na realidade do uso da língua especificamente em relação aos pronomes retos como objetos diretos. A fim de que os alunos possam visualizar as cinco formas mais comuns de como os pronomes podem ser usados, o pesquisador apresentará trechos de livros literários, entrevistas, tirinhas e músicas, elencados a seguir. A cada fragmento utilizado, os alunos, em 5 grupos, responderam, por escrito, se a forma de uso dos pronomes é mais formal ou informal de acordo com a situação de uso. Assim, neste momento, o professor pesquisador fará uma explicação sobre os níveis de formalidade¹⁰ na língua a qual varia de acordo com

¹⁰ A consciência de que existem diferentes formas de se comunicar e o nível de formalidade da língua depende do grau de monitoramento que a situação de uso exige, tal como preconiza as pesquisas realizadas por Bortoni-Ricardo (2005).

cada situação de uso, não havendo, pois, o uso correto ou incorreto; mas o adequado ou inadequado para cada situação.

Textos que serão usados neste 1º momento

TEXTO I – música

Cuida Bem Dela

Henrique e Juliano

Sabe aquela menina sentada ali?
Com um olhar desconfiado, tão inocente
Eu já fui doente naquela mulher

Eu sei que agora ela deve tá olhando de lado
Tão sem graça, vendo o presente e o passado
Conversando de um assunto, ela já sabe qual é

Esse é meu único aviso
Se ela quis ficar contigo
Faça ela feliz, faça ela feliz

Cuida bem dela
Você não vai conhecer alguém melhor que ela
Promete pra mim
O que você jurar pra ela, você vai cumprir

Cuida bem dela
Ela gosta que repare no cabelo dela
Foi por um triz, mas fui incapaz de ser o que ela sempre quis
Faça ela feliz

TEXTO II – prosa poética

Meus dias com você

Clare Swatman

Quando o marido de Zoe morre, o mundo dela desaba. Mas e se fosse possível tê-lo de volta?

Numa fatídica manhã, Ed e Zoe têm uma discussão terrível, algo recorrente no seu casamento em crise, e ela acaba se despedindo de forma brusca quando ele sai para o trabalho.

Pouco tempo depois, um ônibus acerta a bicicleta de Ed, matando-o e deixando Zoe arrasada por não ter lhe dito quanto o amava. Se tivessem ficado mais um pouco juntos aquela manhã, ele ainda estaria vivo? Será que poderiam ter reconstruído o amor que os unira?

Após dois meses, Zoe ainda não conseguiu se conformar. De luto, decide cuidar do jardim do marido, quando acaba caindo e desmaiando. [...]

Fonte: Disponível em: <<http://www.editoraarqueiro.com.br>>.

TEXTO III – charge

Figura 22 – Charge “Edibar”



Fonte: <http://sugestoesdeatividades.blogspot.com/2015/02/pronomes-obliquos.html>

TEXTO IV – romance

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a exemplificá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara.

Fonte: trecho de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis

TEXTO V – tirinha

Figura 23 – Tirinha “as cobras”



2º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor solicitará que os alunos, em duplas, pesquisem em casa, usando a internet, duas situações de uso dos pronomes em textos orais. Podem ser entrevistas, falas de *youtubers*, reportagens. Usando o programa *word*, cada dupla copiará o link da internet contendo a situação de uso, fará a transcrição apenas o momento da fala em que o pronome foi utilizado como objeto direto e indicará, por escrito, duas informações:

- 1) Se tal uso está adequado ou inadequado para a situação específica tendo como base a gramática normativa.
- 2) Se as informações, mesmo que não sigam os preceitos da gramática, estão adequados para a situação de uso.

Cada dupla enviará o documento com a atividade, contendo os links e as duas respostas dos questionamentos, por e-mail para o professor.

3º AULA

Objetivo: nesta aula, o professor fará o comparativo entre os textos pesquisados pelos alunos e aquilo que preconizado pela gramática normativa. Assim, o objetivo é que os alunos percebam que não podemos considerar como erro gramatical tudo aquilo que não condiz com as regras gramaticais estudadas na escola.

1º momento da aula (duração de 40 minutos)

O professor apresentará, utilizando projetor e internet, os links com as situações de uso identificadas pelas duplas na atividade proposta. Para cada apresentação, o pesquisador solicitará a participação da turma, questionando se, de fato, o uso dos pronomes se adequa àquela situação de uso. Após cada texto apresentado, o professor fará o comparativo com as respostas obtidas em sala e a percepção da dupla que realizou a pesquisa, tendo como as respostas apresentadas.

2º momento da aula (duração de 10 minutos)

O professor, com base no que fora discutido em sala, mostrará que, para cada situação de uso, há uma forma de usar os pronomes acusativos, mesmo que estes não estejam organizados como determina a gramática normativa ensinada na escola, o que não pode ser considerado um erro, como tanto se determina no dia a dia, levando a um preconceito linguístico, conforme apontam Bagno (1999), Coelho (2015) e Bortoni-Ricardo (2005).

4º AULA

Objetivo: neste momento da oficina, o professor trabalhará diretamente com os pronomes acusativos de 3º pessoa com o objetivo de elencar como as formas de uso desses pronomes (uso do pronome clítico, do pronome lexical, do sintagma nominal e do objeto nulo) se apresentam nas mais diversas comunicações. Para tanto, o professor usará textos de gêneros para determinar esse uso.

1º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor, por meio de textos de gêneros diversificados elencados a seguir (trechos de romances, charge, tirinhas e frases criadas), questionará o uso das quatro formas mais comuns dos pronomes retos como acusativos de 3º pessoa da forma mais monitorada para a menos monitorada: **uso do pronome clítico, do pronome lexical, do sintagma nominal e do objeto nulo**. Para cada texto a seguir, os alunos, em duplas, responderão a três perguntas, elencadas a seguir, durante a aula e entregará para o professor aplicador.

ATIVIDADE

Leia os textos a seguir, localize os pronomes usados como complementos verbais e, depois, responda às seguintes perguntas:

- 1) Eles se referem a que tipo de uso: clítico, lexical, sintagma nominal ou objeto nulo?
- 2) O uso do pronome se adequa ao texto? Por quê?
- 3) Se você considera o texto mais informal, reescreva o trecho que contém o pronome acusativo de um modo mais formal. Caso você considere o trecho mais formal, reescreva o trecho com o pronome acusativo, tornando-o mais informal.

Textos que serão usados nesta atividade

TEXTO I – charge

Figura 24 – Charge “Neymar”



Fonte: <https://revistaquem.globo.com/Essa-E-Nossa/noticia/2014/06/brasil-x-camaroes-veja-os-melhores-memes-deste-jogo-da-copa-do-mundo.html>

TEXTO II – tirinha

Figura 25 – Tirinha “Garfield”



Fonte: <http://atividadesdeportuguesliteratura.blogspot.com/2015/11/interpretacao-tirinha-garfield-funcao.html>

TEXTO III – tirinha

Figura 26 – Tirinha “Mafalda”



Fonte: <https://ramoscheiosdeamoras.wordpress.com/2011/04/21/a-diferenca-entre-homem-e-mulher-explicada-em-tirinhas/>

2º momento da aula (duração de 30 minutos)

O professor criará um grupo de “whatsapp” para a turma, excluindo aqueles que não possuam celular ou não tiverem acesso a essa rede social. Então, solicitará que cada um dos alunos elabore uma pergunta que possa, na resposta, ter o uso do pronome reto como acusativo de 3º pessoa. Tal pergunta pode ser para uma pessoa do convívio do estudante (pais, irmãos, parentes, amigos, professores, direção da escola). A entrevista será gravada pelo próprio telefone celular do aluno, pelo aplicativo de gravador de voz, e será enviada para o grupo de “whatsapp” criado pelo pesquisador. Antes de enviar, o aluno indicará seu nome para que o

professor pesquisador identifique quem está enviando cada gravação. Além de enviar o áudio no grupo da rede social, cada aluno transcreverá a pergunta realizada e a resposta obtida em um documento do *word*, que será entregue para o professor pesquisador no próximo encontro.

5º AULA

Objetivo: nesta última aula, o professor procurará mostrar aos alunos que todas as falas produzidas por eles, solicitadas na aula anterior, assim como todos os textos apresentadas nas aulas, servem para determinar que a língua sofre, diuturnamente, processos de adequação, dependendo da situação de uso. Assim, devemos por de lado a concepção de certo e errado na língua para a usarmos como poliglotas dessa mesma língua, sabendo acioná-la de acordo com cada situação. Dessa maneira, poderemos dirimir as consequências do preconceito linguístico que hoje está enraizado na nossa cultura.

Momento único (duração de 50 minutos)

O professor, junto com os alunos, analisará as falas das entrevistas para aferir se os pronomes foram utilizados e, caso tenham sido, como foi esse uso: mais ou menos informal, tendo como base os usos observados na aula anterior: **uso do pronome clítico, do pronome lexical, do sintagma nominal e do objeto nulo**. Assim, mostrará a importância de saber comunicar cada informação de acordo com a situação que se apresente no cotidiano, inclusive em relação aos pronomes acusativos de 3º pessoa: objeto da pesquisa em tela. Além disso, o pesquisador mostrará a importância de se verificar o grau de monitoramento da língua, evitando que a indicação de “certo” ou “errado”, mas sim de adequado ou inadequado.

O professor solicitará que os alunos respondam a um questionário, utilizando a plataforma do *Google Forms*, cujo intuito é aferir algumas informações sobre o uso da língua portuguesa em relação a situações de maior ou menor informalidade tendo em vista o uso dos pronomes retos como complementos verbais.

Para finalizar, o professor pesquisador agradecerá a participação de todos os alunos e da direção da escola cujo efetivo engajamento com a proposta foi crucial será crucial para o processo da pesquisa em tela.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentaremos os dados coletados por meio de gravação em áudio e posterior transcrição, além de imagens das atividades escritas. Os dados gravados e transcritos foram originados por intermédio de debates realizados a partir de questionamentos direcionados¹¹. As respostas das atividades escritas foram disponibilizadas a partir de imagens digitalizadas das próprias respostas dos alunos participantes da pesquisa. Ressaltamos que nem todas as respostas (em áudio ou escritas) foram disponibilizadas neste capítulo de análise, pois houve uma repetição de informações por parte dos alunos partícipes, mostrando um pensamento convergente das análises realizadas. Assim, para evitar muitas repetições de análises, optamos por inserir apenas algumas transcrições de áudio e imagens das respostas escritas. Os dados coletados dos alunos participantes da pesquisa (numerados de 1 a 15, a fim de resguardar o anonimato), procuram demonstrar o pensamento crítico deles quanto ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa.

Dividimos este capítulo em quatro seções. A primeira está relacionada à oficina inicial da pesquisa, que trata das diferenças entre o português europeu e o português brasileiro. A segunda se refere à oficina 2, que trabalha a origem da nossa gramática e por qual motivo há uma imposição da norma do Português Europeu tendo em vista sermos falantes do Português Brasileiro. A terceira está relacionada à última oficina, que procura explicar como ocorre a variação estilística no processo comunicativo de acordo com situações de uso diversas a partir de textos de gêneros diversificados. Por fim, a última seção mostra a análise das respostas do questionário efetuado aos participantes após a aplicação das atividades.

¹¹ Todos os questionamentos realizados nos debates estão contidos na proposta de intervenção, conforme o capítulo 3.

4.1 Oficina 1: Como é o uso do português brasileiro e do português europeu?

Após a apresentação da pesquisa, indicando seu título “Monitoramento dos pronomes pessoais em sala de aula: uma proposta de ensino baseada na sociolinguística educacional”, um breve resumo dela, a justificativa, os objetivos que se pretendem alcançar e as oficinas contidas na proposta de intervenção, o professor explicou, nesta primeira oficina, um panorama de como se dá o uso do português a partir das diferenças de estruturas sintáticas empregadas no Português Brasileiro e Português Europeu. Para que esse panorama fosse alcançado, dividimos a oficina em três aulas, cujas discussões aplicadas e atividades realizadas serão apresentadas a seguir.

1^a aula

Nesta primeira aula, mostramos para os alunos dois vídeos (o 1º do *youtuber* brasileiro Winderson Nunes¹² e o 2º um outro *youtuber*, SirKazzio, de Portugal¹³). Após os vídeos serem transmitidos, o professor levantou um debate inicial tendo por base algumas questões referentes ao assunto dos vídeos e à linguagem empregada. A seguir, elencamos algumas das respostas obtidas neste primeiro debate.

1º Debate

1) A linguagem usada pelos *youtubers* é igual ou diferente? Por quê?

Nesta pergunta inicial, os alunos, de forma geral, compreenderam que há diferenças entre o português europeu e o brasileiro, porém não pelos aspectos linguísticos dos dois *youtubers*, mas pela forma como se comunicam, conforme verificamos nas respostas dos alunos 3, 5 e 8.

A3: “É diferente porque o Winderson é mais descolado e engraçado”.

A5: “O português também é engraçado, mas acho ele mais formal”.

A8: “O jeito de falar dos dois é igual, pois falam pra jovens”.

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=muMnltrLMQg>

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=RwcMiXQBOBU>

2) O que mais caracteriza cada fala dos *youtubers*?

Os alunos, nesta pergunta, perceberam que as diferenças encontradas estão mais relacionadas ao modo como os youtubers falam, ou seja, pelo uso de gírias e quantidade de tolices faladas, como verificamos nas respostas dos alunos 1, 5, 8 e 12. A fala do A12 é interessante porque demonstra um pensamento de como o *youtuber* europeu trabalha o nível de linguagem, pois ele acredita que o brasileiro fala mais “errado”, enquanto que o europeu procura falar mais certo. Assim, percebemos já uma visão do preconceito linguístico sobre a questão do erro.

A1: “O vídeo do Winderson tem mais palavrões que o do Sirkassio”.

A5: “O Winderson é mais engraçado porque ele fala mais besteiras”.

A8: “O Sirkassio também é engraçado, mas ele não fala tanta besteira”.

A12: “O Winderson não se preocupa em falar mais certo e parece que o Sirkassio tem essa preocupação”.

3) Qual é a principal informação transmitida pelos *youtubers*?

Nesta questão, o objetivo era verificar se, mesmo com linguagens mais informais, os alunos conseguiram perceber a ideia central de cada vídeo. Pelas respostas obtidas, verificamos que isso foi possível, conforme os alunos 6, 8 e 12.

A6: “O Winderson fala sobre sua vida como adulto”.

A8: “O Winderson fala sobre sua casa nova”.

A12: “O Sirkassio fala que vai pedir sua namorada em casamento”.

4) Você considera as mensagens transmitidas por eles como um tipo de humor? Por quê?

A relevância desta pergunta está relacionada à questão humorística dos vídeos, pois queríamos aferir se, mesmo com falas distintas, há a percepção, por parte dos alunos, dos traços humorísticos nos dois *youtubers*. A resposta do aluno 9 representou bem esta ideia.

A9: “Sim, os dois não falam de forma séria. Eles dizem o que querem dizer de forma engraçada, mesmo que o Winderson fale mais palavrões e besteiras”.

5) Há diferença entre o modo de falar dos dois *youtubers*? Explique.

Nesta pergunta, a resposta do aluno 9 sintetizou muito bem a questão da formalidade da língua, pois, de forma geral, os alunos entenderam que a fala do europeu possui mais traços de formalidade, por não falar tantas gírias, enquanto que o brasileiro, por falar mais gírias, representa melhor como nós nos comunicamos.

A9: “Sim, o Sirkassio parece que é mais formal e ele não fala igual a como nós (brasileiros) falamos no dia a dia. O Winderson mostra mais o nosso jeito de falar”.

2º Debate

Neste 2º debate, após o professor repetir os dois vídeos, salientando os momentos específicos quanto ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa, procuramos verificar com os alunos como se deu o uso dos pronomes, ou seja, se houve distinções de uso entre o PE e o PB.

- O uso dos pronomes ocorreu da mesma forma?

Nesta primeira pergunta, os alunos perceberam que há diferenças entre o PE e o PB, como se verifica nas respostas dos alunos 2 e 14. Novamente a questão do “erro” se apercebe nas respostas. Assim, de forma geral, os alunos acreditam que o PE é mais correto que o PB.

A2: “Não, o Winderson usa como a gente fala”.

A14: “A gente não fala como o Sirkassio, pois ele usa o “pronome certo” e já o Winderson fala mais parecido com a gente”.

- É comum, no português brasileiro, usarmos o pronome clítico em situações menos monitoradas de fala ou escrita?

Os alunos, em geral, disseram que no PB há um uso recorrente dos pronomes retos de 3^a pessoa no lugar de objeto direto, sem o uso dos clíticos; diferentemente do que ocorre no PE, conforme a resposta do aluno 15.

A15: “Não... a gente sempre usa como o Winderson usou. Acho que só em Portugal é assim”.

- Quando nos comunicamos no dia a dia, usamos que tipo de pronome? O “o” ou o “ele”?

Novamente encontramos a percepção de que o “ele” é mais usual na língua. Uma resposta interessante foi a alunos 13, cuja visão mostra que o uso do clítico se deu em uma situação de maior formalidade, em que houve um monitoramento maior do uso da língua.

A2: “A gente usa o “ele” mais vezes”.

A5: “Acho que nunca usei o ‘o’”.

A13: “Eu já usei, mas ‘tava’ numa apresentação da igreja”.

- Nós conseguimos perceber em quais situações o uso de cada pronome poderia ser melhor empregado?

Nesta pergunta, os alunos conseguiram fazer a análise de que, em situações que exigirão uma maior formalidade, eles deverão usar o clítico como forma de mostrar um uso mais formal da língua, conforme se verifica nas respostas dos alunos 2, 5 e 12.

A2: “Acho que se fosse numa apresentação de trabalho ou no emprego...”.

A5: “Acho que quando vamos apresentar alguma coisa na escola, mas eu não uso assim... (risos)”.

A12: “Quando eu tiver trabalhando, acho que vou ter que usar o ‘o’...”.

2ª aula

Nesta segunda aula, procuramos demonstrar a ideia do uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa a partir de textos que exigem uma formalidade maior da língua, pois são reportagens de jornais escritos (em suas edições online) do Brasil e de Portugal. Por meio de debates e atividades, o professor procurou mostrar aos alunos como os textos foram escritos, em português da Europa e do Brasil, de acordo com grau de monitoramento, tendo em vista as diferenças existentes por serem de países diferentes.

Texto I

Reportagem do jornal “Correio da manhã”, considerado um dos mais importantes veículos de comunicação de Portugal. O texto, contido na versão online do jornal, retrata a ida do jogador português Cristiano Ronaldo para o clube italiano Juventus.

Reportagem I

Figura 27 – Reportagem I (Jornal “Correio da Manhã”)

The screenshot shows a news article from CM JORNAL (Correio da Manhã). The headline reads: "SOU DIFERENTE DE TODOS OS OUTROS. SE ALGUNS ESTÃO ACABADOS, EU NÃO ESTOU. A JUVENTUS FOI A ÚNICA PROPOSTA QUE RECEBI", afirma Cristiano Ronaldo. The article discusses Ronaldo's decision to leave Real Madrid for Juventus, mentioning his desire to play for a club where he could continue his career. It also quotes him as saying he was happy at Real Madrid but excited about the new challenge at Juventus. The page includes social media sharing options, a sidebar with other news items, and a navigation bar at the bottom.

Fonte: https://www.cmjornal.pt/desporto/detalhe/ir-para-a-juventus-foi-uma-decisao-facil-diz-cristiano-ronaldo?ref=HP_Destaque

Texto II

O 2º texto é uma reportagem da revista on-line “Carta capital” na seção Chuteira FC, que aborda assuntos relacionados ao mundo futebolístico. Nesta reportagem, há a opinião sobre a conquista do 3º lugar pela Bélgica.

Reportagem II

Figura 28 – Reportagem II (jornal “Carta Capital”)

A campanha na Rússia foi muito superior à de 32 anos atrás. O time venceu seis partidas e perdeu uma (para a França na semifinal), marcou 16 gols e sofreu sete. Em 1986 a Bélgica conseguiu apenas uma vitória no tempo regulamentar (2 a 1 sobre o Iraque), empatau quatro vezes (Paraguai na fase de grupos, União Soviética nas oitavas de final, Espanha nas quartas e França na disputa pelo terceiro) e perdeu duas (México na fase de grupos e Argentina na semifinal). Anotou 12 tentos e levou 13.

"Batemos recordes nesta Copa e deixamos um legado para o futebol belga. Os jogadores estão de parabéns porque acreditaram na qualidade que têm e também no trabalho duro que fizemos", disse o técnico Roberto Martínez. "Mostramos um belo futebol. Isso é motivo de orgulho para nós."

A Bélgica passou a integrar um grupo restrito de seleções que venceram seis partidas em uma Copa. As outras são: Brasil em 1970 (campeão), Polônia em 1974 (terceira colocada), Argentina em 1986 (campeão), Itália em 1990 (terceira colocada) e Holanda em 2010 (vice-campeão). A França poderá igualar essa marca se ganhar a final neste domingo. A única seleção a vencer os sete jogos em uma Copa foi o Brasil de 2002.

Os belgas exibiram diante da Inglaterra as virtudes que os fizeram ir tão longe. Quando tiveram espaço puxaram contra-ataques vertiginosos (os dois gols saíram assim, marcados por Meunier e Hazard), quando encontravam a defesa inglesa armada trocavam passes curtos, tabelavam e driblavam.

O que a Bélgica precisa melhorar para continuar lutando por colas grandes é a defesa. Contra o Japão nas oitavas de final as falhas defensivas quase levaram a uma eliminação que teria sido vergonhosa, no segundo tempo contra o Brasil concedeu várias chances claras aos comandados de Tite e diante da Inglaterra sofreu um bocado nos 30 primeiros minutos da segunda etapa. O perigo de levar o gol de empate só acabou aos 38 minutos, quando De Bruyne arrancou em velocidade e tocou para Hazard entrar livre e fazer 2 a 0.

maio 2018
abril 2018
março 2018
fevereiro 2018
janeiro 2018
dezembro 2017
novembro 2017
outubro 2017
setembro 2017
agosto 2017
julho 2017
junho 2017
maio 2017

Fonte: <http://chuteirafc.cartacapital.com.br/copa-belgica-terceiro-lugar/>

1º Debate

1) Vocês conseguem perceber se os textos são mais ou menos formais?

Os alunos tiveram a percepção de que há uma formalidade maior da língua, tanto no PB como no PE, por se tratarem de textos escritos. As respostas dos alunos 4 e 7 demonstram essa ideia.

A4: “Acho que os dois são formais, pois são de jornais”.

A7: “Os dois são formais porque a gente percebe que os textos são diferentes do quando conversamos”.

2) O que pode determinar a maior ou menor formalidade do texto?

Novamente a ideia de “certo” e “errado” se apresenta na concepção de uso da língua por parte dos alunos. A nossa ideia original era que os alunos visualizassem como a língua é realizada nos dois textos, por serem de países distintos, isto é, como o uso dos clíticos. Porém, a maioria notou que a formalidade se apresenta caso a gramática aprendida na escola seja seguida, conforme se verifica na resposta do aluno 13.

A13: “O uso do português correto, aquele que segue o que a gramática certinha”.

3) Os textos retratam um assunto bem atual. Qual é?

Encontrar a ideia central de cada texto é importante para que a compreensão da informação seja plena. Assim, questionamos sobre esta ideia central, cuja resposta se apercebe nas falas dos alunos 4 e 8.

A4: “Futebol”.

A8: “A ida do jogador CR para a Juventus e como foi a Bélgica na copa do mundo”.

4) Mesmo sendo textos de jornais, a língua deve ser sempre muito formal?

A pergunta se refere ao nível de formalidade de cada texto. A visão dos alunos mostra que em textos escritos, como de jornais, exige-se um maior monitoramento da língua, como se verifica na resposta dos alunos 11 e 15.

A11: “Acho que sim, né, porque no jornal tudo tem que ‘tá’ certinho, a escrita”.

A15: “Claro, como a gente vai lê um texto sem que ele tá certo, fica mais difícil de entender se tiver tudo errado”.

5) Os textos que escrevemos no dia a dia também seguem este mesmo formato ou apenas o que produzimos na escola?

Nesta pergunta, os alunos entendem que, na escrita, devem seguir os ditames da gramática, porém nem sempre eles seguem tais parâmetros consoante cada gênero em questão. Em situações de maior informalidade, como em conversas no *whatsapp*, não há esse cuidado ao escrever. O diálogo entre o professor e o aluno 12 retrata essa ideia.

A12: “A gente tenta escrever certo né, professor, mas não dá... (risos)”.

Professor: Por quê?

A12: “Porque são muitas regras pra gente aprender. No *whats*, por exemplo, a gente escreve de qualquer jeito e todo mundo entende”.

Professor: Mas isso é bastante comum, não é? Quando a gente fala, nós nos preocupamos com o que vamos falar ou a gente fala de qualquer jeito?

A12: De qualquer jeito, né? Na hora de escrever *tipo* uma redação a gente tem mais cuidado.

Podemos perceber que os alunos distinguem os meios de comunicação de uma forma bem clara, isto é, na fala, há a percepção de que existe uma liberdade maior no processo comunicativo; enquanto que na escrita, dependendo do caso (redação escolar e *whatsapp*, como citados), podem ter uma monitoração maior ou menor.

2º Debate

Neste segundo debate, questionamos os alunos sobre os momentos específicos em que os pronomes clíticos foram utilizados nas duas reportagens:

- Reportagem I – “Correio da Manhã”: “Este encara-**o** ‘confiante no futuro’”.
- Reportagem II – “Carta Capital”: “Os belgas exibiram diante da Inglaterra as virtudes que **os** fizeram ir tão longe”.

O objetivo era aferir se eles tinham a percepção de que, na escrita, há o uso das regras que são ensinadas sobre colocação pronominal e uso dos clíticos; além de questioná-los sobre o uso desses pronomes na fala, isto é, se também utilizamos os clíticos ou usamos uma linguagem menos monitorada.

- 1)** O uso dos pronomes nos dois textos segue aquilo que se aprende sobre colocação pronominal?

Nesta pergunta, os alunos tiveram a ideia de que há regras a serem seguidas nos processos comunicativos, principalmente na escrita. As respostas dos alunos 7 e 13 mostram essa visão.

A7: “Sim, porque tem regra que fala sobre isso, né?”

A13: “Acho também, porque no jornal tudo tem que estar igual o que a gramática fala”.

- 2)** Na fala, mesmo em situações nas quais se espera um maior cuidado quanto ao uso da gramática, usamos os pronomes dessa forma ou falamos como o Winderson Nunes?

Neste caso, os alunos perceberam que não é sempre que há a preocupação em escrever conforme as regras da gramática escolar exigem. Segundo eles, como são muitas regras, eles indicam a presença do “erro grammatical”, como se verificou na resposta dos alunos 13 e 15. O

professor procurou mostrar que não seguir plenamente o que dita a gramática aprendida na escola é normal. Não podemos criar a ideia de que a língua é engessada, mas ela se molda a cada situação de uso.

A13: “À vezes, professor. A gente não consegue lembrar sempre como é o jeito certo de escrever”.

A15: “Nem sempre, professor. Quando começamos a falar numa apresentação não dá para ficar lembrando do que vamos apresentar e no jeito certo de falar... é muita coisa junto!”

Atividade escrita

Na atividade escrita, relacionada aos textos das reportagens do jornal “Correio da manhã” e da revista on-line “Carta capital”, solicitamos que os alunos escolhessem um dos dois trechos das reportagens utilizadas nesta 2º aula e os reescrevessem consoante uma situação de fala ou conversa de aplicativo, como o *whatsapp*. O objetivo era aferir se em uma situação menos monitorada o uso do clítico ainda seria presente. Destacamos a seguir as respostas dos alunos 8 e 12, que sintetizam a ideia da turma nesta atividade.

Figura 29 – Resposta do aluno 8

*Os belgas mostraram a frente da Inglaterra as virtudes
e os fazem eles ir tão longe.*

Figura 30 – Resposta do aluno 12

*Os belgas mostraram para a Inglaterra as virtudes que
fizeram eles irem tão longe.*

Os alunos, de forma geral, apresentaram as mesmas concepções de uso quanto aos pronomes acusativos que eles tiveram na fala. Para estes alunos, assim como para os demais, o uso do clítico é mais presente em textos escritos e com maior grau de monitoramento. Caso fossem se comunicar sem uma percepção de formalidade da língua, construiriam a frase sem o uso do clítico, como fizeram nas respostas destacadas, pois utilizaram o pronome lexical: “fazem eles” e “fizeram eles”.

Atividade escrita

Nesta atividade, por escrito, os alunos analisaram duas reportagens: uma é de uma revista voltada para o público infanto-juvenil de Portugal – “Visão Júnior” – e outra é também de uma revista destinada a esse mesmo público-alvo, mas do Brasil – “Capricho”.

Texto I

Este primeiro texto é a explicação das reportagens que estão contidas na edição de maio da revista “Visão Junior”, uma versão voltada para o público infantil e juvenil da revista “Visão”, ambas de Portugal.

Reportagem I

Figura 31 – Reportagem I (revista “Visão Junior”)

The screenshot shows the homepage of the Visão Júnior website. At the top, there's a red header bar with the magazine logo and navigation links for 'Assinar', 'Loja', 'Newsletter', and social media. Below the header, a banner reads 'Uma edição para quem se preocupa com o estado do nosso planeta!'. Several text snippets from articles are listed:

- Notícias**: Os filmes que se estreiam este mês nas salas de cinema estão carregados de heróis do passado, do presente e do futuro. Estas e outras notícias futuras e passadas
- Para que servem as provas de aferição?**: Se estudam no 2.º, no 5.º ou no 8.º ano, vais fazer em breve provas de aferição. O ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, explica para que elas servem e porque existem
- Tomás, o campeão**: Aos 12 anos, Tomás Amaral ganhou uma medalha de ouro numa competição internacional de ginástica aeróbica, em que participavam os melhores atletas da Rússia e da Roménia. Foi a primeira vez que um português a conquistou!
- Que animais dão puns?**: Por muito que nos custe admitir, toda a gente dá puns. É tão embrarçoso que às vezes culpamos os gatos ou os cães. Já o periquito... não dá. Os cientistas descobriram que alguns bichos não dão puns, que outros o fazem para comunicar e outros ainda para... sobreviver!
- 10 medos estranhos**: Tens medo do escuro? De filmes de terror? De aranhas? Quando o medo é muito forte, dá-se-lhe o nome de fobia, porque nos faz sentir fisicamente mal. E há fobias de coisas que provavelmente nem sequer imaginas: de espelhos, de bonecos, de umbigos...

To the right of the text snippets is a large image of the May issue cover of Visão Júnior. The cover features a young boy with his mouth wide open, looking surprised. The title 'VISÃO JÚNIOR' is at the top, with 'LEIA' in the top right corner. Below the title, it says 'ESPECIAL FÉRIAS' and 'Chateado que nom um peruí?' (translated: 'Angry that what's a perui?'). It also includes 'YOU TUBE', 'MUSICA', and 'JOGOS'. The date '04.07.2018' is at the bottom right. Below the cover image is a smaller graphic with the text 'ASSINE JÁ' and '14 FÁCTOS LOUCOS'.

Fonte: <http://visao.sapo.pt/visaojunior/2018-05-07-VISAO-Junior-de-maio>

Texto II

Este segundo texto, de uma revista voltada para o público juvenil no Brasil, comenta sobre o penteado de uma personalidade da internet “Kim Kardashian” e sua filha.

Reportagem II

Figura 32 – Reportagem II (revista “Capricho”)

The screenshot shows a magazine page from 'CAPRICHO' magazine. At the top, there are navigation links: Horóscopo, Justin Bieber, Signo de Câncer, Racismo, Look do Dia, 15 Anos, Loja CAPRICHO, and a search icon. There is also a 'Assine' (Subscribe) button and a small portrait of a woman.

Kim Kardashian e North West usam o mesmo penteado. É muita fofura!

A gente já avisa: o look é tendência entre as it girls! Veja como a mãe e a filha ficaram

Por Da Redação
© 16 Jul 2018, 16h11

Sabe quando você gosta tanto de um penteado que quer usá-lo sempre? Normal, né? Quem também está vivendo esse momento de amor por um tipo específico de look é a **Kim Kardashian**. Vira e mexe, ela tem aparecido com parte do cabelo preso num rabinho de cavalo lá no topo da cabeça. E não é que até a **North West** resolveu aderir à tendência e virou ~gêmea~ da mãe?

#BEA

Horóscopo

Câncer – 21/06 a 21/07
Previsão para 17 de Julho
Dê uma atenção especial ao seu corpo, rotina e hábitos saudáveis, ...

BONUS 100% ATÉ R\$200

NetBet

Cadastre-se

Fonte: <https://capricho.abril.com.br/beleza/kim-kardashian-e-north-west-usam-o-mesmo-penteado-e-muita-fofura/>

Inserimos questões sobre a ideia central trabalhada em ambos os textos, assim como sobre o uso dos pronomes clíticos, conforme verificamos nos questionamentos da atividade.

Perguntas contidas na folha:

- 6) O que os textos abordam?
- 7) A linguagem utilizada foi adequada para o tipo de revista e público-alvo?
- 8) Cite duas passagens em que houve a ocorrência dos pronomes clíticos.
- 9) Na 2º reportagem, o pronome usado está adequado para o tipo de linguagem?
- 10) Como poderia ser uma possível reescrita da frase em que o pronome foi utilizado na 2º reportagem se fosse em uma situação de fala ou conversa de aplicativo, como o “whatsapp”?

Os alunos conseguiram perceber que, mesmo sendo reportagens voltadas para crianças e adolescentes, há o uso, tanto no PB quanto no PE, do clítico. Muitos alunos se pronunciaram durante a atividade, indicando que nos dois textos o uso do clítico (em negrito) mostra uma aproximação com um grau de formalidade da língua, apesar de que no PE há diferenças para o PB, como o uso da 2º pessoa verbal “És um cromo da bola?” ou o verbo no infinitivo: “E muitas outras estão a começar”. A seguir, destacamos as respostas do aluno 3.

Figura 33 – Resposta do aluno 3

- 1) Os dois texto, fala sobre de duas coisas que é muito importante fala que a garotinha de 5 anos que acompanhou a tcharã
- 2) Sim por que ele ta sendo para o publico mesmo vê, eu acho muito certo
- 3) Sim a linguagem está certo.
- 4) eu acho qui seria muito bem mais fassio nem o zapp "
- 5) tão no texto.

Legenda das respostas:

- 1) “Os dois texto, fala sobre de duas coisas que é muito importante fala que a garotinha de 5 anos que acompanhou a tcharã”
- 2) “Sim por que ele ta sendo para o publico mesmo vê, eu acho muito certo”
- 3) “tão no texto”
- 4) “Sim a linguagem está certo.”
- 5) “eu acho qui seria muito bem mais fassio com o zapp.”

É possível perceber que o aluno 3 entende ser a linguagem de *whatsapp* mais informal e, consequentemente, mais fácil; sendo um pensamento uniforme da turma. Além disso, todos os alunos indicaram que os textos foram escritos conforme os ditames da gramática, o que não necessariamente seriam seguidos se fossem em um momento de conversa informal ou em aplicativos de redes sociais.

3ª aula

Nesta última aula da primeira oficina, o pesquisador apresentou dois vídeos para mostrar o uso da língua portuguesa em situações em que se espera um monitoramento maior da língua. O 1º vídeo é uma reportagem do G1 com o atleta Neymar no qual ele concede uma

entrevista após a copa de 2014¹⁴. O 2º vídeo é uma apresentação em que o humorista português Ricardo Araújo e o também humorista brasileiro Gregório Duvivier retratam as diferenças linguísticas em Brasil e Portugal¹⁵. O objetivo era motivar os alunos a indicarem suas opiniões quanto ao uso dos pronomes como acusativos de 3º pessoa, tendo em vista os diferentes níveis de uso da língua, que são os diferentes registros em que a linguagem pode ser utilizada pelos falantes, conforme o contexto. A seguir, apresentamos as respostas obtidas no debate proposto.

Debate

- 1)** Após assistirmos aos vídeos, percebemos, em destaque, o uso dos pronomes “ele” e “o” nas falas do jogador Neymar e do humorista Ricardo Araújo. Neste momento, espera-se que exista um cuidado maior ao usar a língua e, no caso, os pronomes? Houve esse cuidado por parte dos dois?

Em geral, os alunos responderam que não, pois, para eles, na fala não há necessidade de uma preocupação em saber utilizar os pronomes à luz das gramáticas escolares. Na entrevista com o jogador Neymar, os alunos perceberam que o uso do acusativo de terceira pessoa foi pertinente, pois o jogador não estava lendo nada (texto oralizado, conforme Marcuschi, 2007), e sim respondendo usando suas próprias palavras. Já para o trecho do humorista português, os alunos acreditam que o uso do clítico é normal no PE, pois ele também não estava lendo nada e utilizou o clítico. Essa percepção mostrou claramente para eles a diferença de uso dos pronomes quanto ao PE e ao PB, pois na fala do português existiu o uso do pronome representativo de um maior grau de monitoramento; enquanto que na fala do Neymar tal uso não existiu.

- 2)** Em todo o nosso cotidiano, quando devemos ter maior zelo ao usar a língua?

Para os alunos, devemos utilizar a língua com maior grau de monitoramento quando escrevemos uma redação escolar ou de vestibular; quando lemos um texto para uma apresentação na escola ou na igreja; quando estamos em uma entrevista de emprego. Muitas

¹⁴ <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/07/gente-se-dedicava-ao-maximo-diz-neymar-em-entrevista-exclusiva.html>

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=uSLIO2l8QHI>

das respostas seguem por esse raciocínio. A seguir, a resposta do aluno 15 traduz esse pensamento geral.

A12: “A gente procura usar quando vamos apresentar um trabalho aqui (na escola), na igreja, se vamos fazer alguma leitura ou participar de alguma coisa que temos que falar em público. Acho que quando a gente for buscar emprego, temos que ter maior cuidado para usar os pronomes, né?”.

3) Mas isso acontece de fato?

Em sua maioria, os alunos falaram que não usam na realidade os pronomes clíticos. Muitos não tinham a consciência de que construções sintáticas como “Eu vi ele” se afastavam dos ditames da gramática escolar. Para qualquer situação de uso da língua, os acusativos eram inseridos. Neste momento, houve diversas manifestações de que os pronomes clíticos poderiam ser utilizados em situações de maior formalidade. O professor salientou, também, que o não uso dos clíticos não representa “erro”, como em uma palestra, entrevista falada, apresentação de seminário. Salientamos que, em situações de maior formalidade – como em entrevistas para empregos, na escrita de textos (redação escolar, por exemplo) – o melhor é utilizar o pronome clítico. A língua, pois, sofre adequações. O importante é não termos o preconceito linguístico, que muitas vezes se torna aparente nos discursos de pessoas com maior contato com a língua. O preconceito linguístico é um tipo de discriminação que resulta da realização de comparativos indevidos entre um modelo idealizado da língua falada com a maneira como as pessoas realmente se comunicam, como – especificamente no caso do uso dos pronomes acusativos – na construção a seguir:

“Você já pegou o livro na mochila?”

“Sim, eu já peguei ele.” ou “Sim, eu já peguei.”

Em ambas as construções não há o uso do clítico, e sim do pronome lexical (1º situação) e objeto nulo (2º situação), utilizações mais comuns em situações de menor formalidade.

Atividade oral

Para concluir a primeira oficina, o professor solicitou que os alunos produzissem, em grupos e oralmente, as seguintes situações de uso de acordo com as especificações abaixo.

Cada grupo apresentou o resultado da sua atividade para a turma e o professor pesquisador gravou as falas com o uso de seu celular. A seguir, apresentamos o resultado de cada grupo da atividade estabelecida.

- 1º grupo: transformar a fala do jogador Neymar como se estivesse em uma situação extremamente formal, como um juiz em um tribunal.

“Então, neste caso, com o objetivo de querer ou não querer, ele mais me ajudou do que eu **o ajudei**”.

- 2º grupo: transformar a fala do *youtuber* português como se fosse um brasileiro conversando com outro brasileiro em uma situação de conversa informal.

“Aí, são coisas que o inglês e o francês não fazem **isso** todo dia, mano!”.

- 3º grupo: criar uma fala como se Neymar fosse um jogador português dando a entrevista na saída do campo num final de jogo. Os alunos podem tentar imitar o sotaque português e devem fazer uso dos pronomes acusativos de acordo com o grau de monitoramento da fala criada.

Vês (risos), estamos a conquistar mais um troféu. Isso nós **o** conquistamos com muita garra, ora pois!

- 4º grupo: transformar a fala do *youtuber* português, retirando o pronome oblíquo e utilizando um substantivo com sentido equivalente ao que ele se refere.

“Neste sentido, são coisas que o inglês e o francês mostram essas diferenças sempre”.

- 5º grupo: criar uma fala como se o presidente do CBF (Confederação Brasileira de Futebol) estivesse dando uma entrevista sobre o fato de o jogador Neymar cair muito em campo. Os alunos devem usar os pronomes acusativos de acordo com o grau de monitoramento da fala criada.

Bem, não acredito que o Neymar seja um cai-cai. Ele é um ótimo jogador e um dia será o melhor do mundo. Temos que dar tempo a ele para amadurecer e vê-lo se transformar num fenômeno.

- 6º grupo: imaginar que o *youtuber* português fosse um cantor de rap e criar um trecho de uma música sobre algum assunto atual. Os alunos podem tentar imitar o sotaque português e devem usar os pronomes acusativos de acordo com o grau de monitoramento da música criada.

Aí, mano, tamo te falando o papo reto: o Neymar é o melhor que há. Vamos vê **ele**, nessa copa, brilhar!

4.2 Oficina 2: Como surgiu nossa língua?

Nesta segunda oficina, apresentamos aos alunos a origem da nossa gramática e por qual motivo há uma imposição da norma do Português Europeu tendo em vista sermos falantes do Português Brasileiro. Para alcançarmos nossos objetivos, dividimos a oficina em duas aulas, cujas discussões aplicadas e atividades realizadas serão apresentadas a seguir.

1^a aula

Nesta primeira aula, procuramos mostrar como se deu a variação diacrônica da língua, conforme estudo de Ilari (2012), a partir de textos datados da época do galego-português (século 11) até o português do século XX (1928). Foi apresentado um vídeo inicial que contém a história do povo português e sua língua desde o processo de povoamento da Europa até a formação do português moderno e atualizado de hoje, a partir de músicas representativas do português antigo e com duas narradoras: uma portuguesa e uma brasileira¹⁶.

Os alunos, inicialmente, acharam o vídeo enfadonho, devido à narração com o sotaque europeu, mas passaram a se interessar pelas informações contidas no vídeo, pois o professor pesquisador, a todo instante, mostrava como a evolução da língua no Brasil nos distanciou da mesma língua no velho mundo.

Após este vídeo inicial, passamos para um segundo momento, em que os alunos fizeram uma atividade de adequação da língua, pois o professor solicitou que os alunos, divididos em 5 grupos, fizessem a reescrita de trechos do português, em diferentes épocas, procurando traduzir seus sentidos no português atual. A seguir, elencamos as respostas dos 5 grupos.

1º trecho: “Ora faz ost’o senhor de Navarra” – cantiga de escárnio em galego-português do século 11.

Ora faz ost’o senhor de Navarra,
pois en Proenç’ est’el-Rei d’Aragon;
non lh’an medo de pico nen de marra
Tarraçona, pero vezinhos son;

¹⁶ https://www.youtube.com/watch?v=EtBief6RK_I

nen an medo de lhis poer boçon
e riir-s'an muit'Endurra e Darra;
mais, se Deus traj'o senhor de Monçon
ben mi cuid'eu que a cunca lhis varra.

Fonte: https://ca.wikipedia.org/wiki/Ora_faz_ost%80%99o_senhor_de_Navarra

Figura 34 – Resposta do grupo 1

O que faz meu senhor de Navarra, reis em presen-
ça do Rei de Aragon; não tem medo de liso
nem da face (varraca), meu vizinho (rei);
Nem em medo de lhe perder (boçan) e fiz muita
Endurra e Darra; mas, se deus (traj'o)
Senhor de Monçon bem me cuido que
nunca (lhis Varra).

**2º trecho: carta de Pero Vaz de Caminha sobre a descoberta do Brasil no início do
século 16.**

que a partida de belem como vosa alteza sabe foy sega feira ix de marzo, e sabado xiii do dito
mes amtre as biij e ix oras nos achamos antre as canareas mais perto da gran canarea e aly
amdamos todo aquele dia em calma a vista delas obra de tres ou quattro legoas. e domingo xxij
do dito mes aas x oras pouco mais ou menos ouuemos vista da jlhas do cabo verde .s. da jlha
de sã njcolaa, sego dito de Po escobar piloto

Fonte: [https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel_\(ortografia_original\)](https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel_(ortografia_original))

Figura 35 – Resposta do grupo 2

que o Partida de Belém como vossa alteza
se foy ~~segunda~~ feira 9 de março, e saludos
13 do dito mes Horas nos achamos entre
canareas mais perto da gran Belaria e di ordencas
Jlhas ~~segundo~~ dia em calma e vendo
delas obras de ferro ou quattro Jagoas.
e Domingo do dito mes as Horas pouco
mais ou menos ouuemos vista das ilhas
do cabo Verde .s. de ilha de sã nicolao
segoo dito de escobar piloto.

3º trecho: Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões, 1552.

Canto IX

Tiveram longamente na cidade,
 Sem vender-se, a fazenda os dous feitores,
 Que os Infiéis, por manha e falsidade,
 Fazem que não lha comprem mercadores;
 Que todo seu propósito e vontade
 Era deter ali os descobridores
 Da Índia tanto tempo que viesssem
 De Meca as naus, que as suas desfizessem.

Fonte: <https://fabiorenatovillela.blogspot.com/2010/12/adaptacao-de-os-lusiadas-ao-portugues.html>

Figura 36 – Resposta do grupo 3

*Tiveram longe dia na cidade sem vender-se, a fazenda
 e os dous feitores que i infieis, por muita falsidade,
 fizerem tempo que não à comprem mercadores;
 que todo seu propósito e vontade va deter os
 descobridores da india tanto tempo que haõ viestos
 de meca as naus, que as suas desfizessem.*

4º trecho: Cantiga da Ribeirinha, de Paio Soares de Taveirós, escrita no século 12.

No mundo non me sei parelha,
 mentre me for' como me vai,
 ca ja moiro por vós - e ai!
 mia senhor branca e vermelha,
 Queredes que vos retraia
 quando vos eu vi em saia!
 Mao dia me levantei,

que vos enton non vi fea!

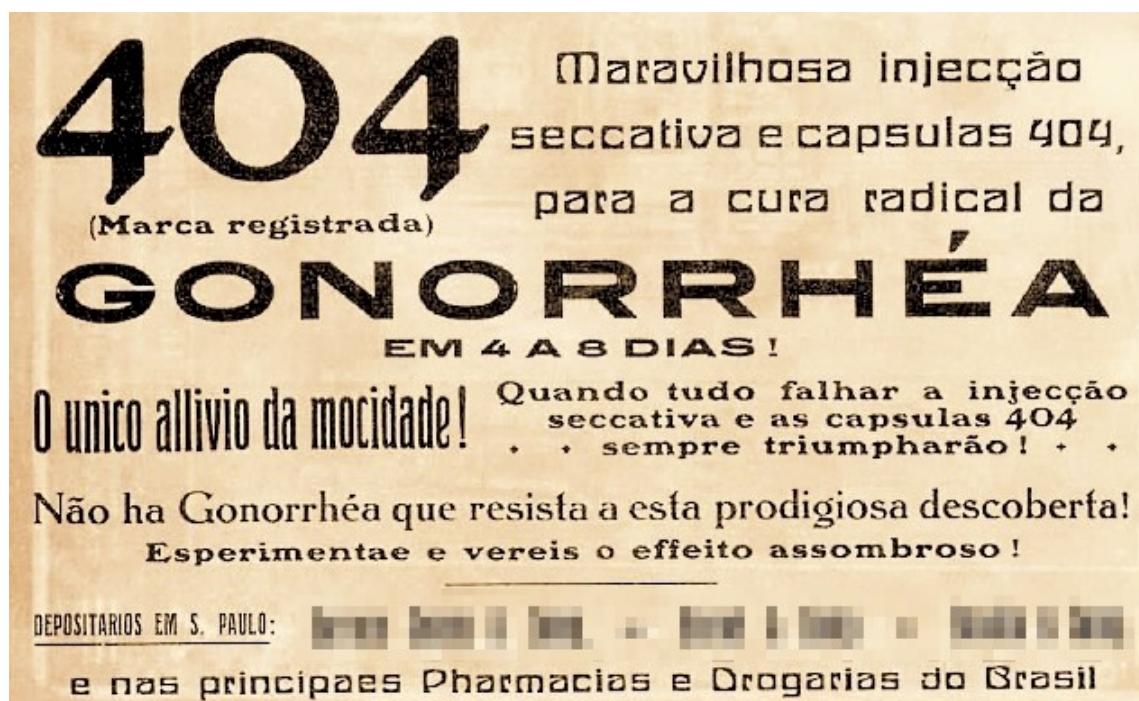
Fonte: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/5666792>

Figura 37 – Resposta do grupo 4

No mundo não me vai parrelha
 mente me far' como me vai,
 se ja moro por trás - e ai!
 mal senhor branco e vermelha,
 querendo que trai retrai
 quando vos eu vi em esia!
 'no dia me levantei,
 que vos então não vi fia!

5º trecho

Figura 38 – 5º trecho: Propagando do remédio para gonorreia, século XIX



Fonte: <https://martaianesen.blogspot.com/2012/08/anuncios-de-medicamentos-do-inicio-do-seculo-XX.html>

Figura 39 – Resposta do grupo 5

Marcilhos injetos consecutivos e copaylos 404, para a cura imediata de Gonorréia em 4 ou 8 dias!

Quando tudo falhar a injetos consecutivos os copaylos 404 sempre triunfarão!

Não há Gonorréia que resista a este vírus descoberto!

E os principais farmácias e drogarias do Brasil

6º trecho: Texto do escritor Fernando Pessoa, escrito em 1928.

A 'sperança, como um fósforo inda aceso

A 'sperança, como um fósforo inda aceso,
Deixei no chão, e entardeceu no chão ilesó.
A falha social do meu destino
Reconheci, como um mendigo preso.
Cada dia me traz com que 'sperar
O que dia nenhum poderá dar.

Fonte: <http://arquivopessoa.net/textos/1370>

Figura 40 – Resposta do grupo 6

A esperança, como um fósforo ainda aceso, deixei no chão, e entardeceu no chão ilesó.

A falha social do meu destino
Reconheci, como um mendigo preso.
Cada dia me traz com que esperar
O que dia nenhum poderá dar.

Tendo como base as respostas de cada grupo elencadas acima, conseguimos perceber que os trechos mais antigos, dos séculos 11 e 12, trouxeram mais dificuldades para os alunos traduzirem, pois, como foram escritos em galego-português, não se aproximam da escrita atual da língua portuguesa. O professor, então, mostrou que as diferenças são muitas, mas há uma correlação quanto à estrutura sintática que ainda hoje se encontra no português atual, como a sequência SUJEITO + PREDICADO. Os grupos que fizeram a tradução dos textos mais próximos da nossa época conseguiram compreender melhor tanto a ideia central das informações quanto a estrutura organizacional dos textos. A atividade conseguiu alcançar seu objetivo, principalmente após o professor apresentar as traduções originais de cada trecho, pois os alunos compreenderam que a evolução da língua, conforme a variação diacrônica – segundo Ilari (2012) –, tende a se aproximar das comunicações diárias, mesmo que ainda contenham regras que não refletem como nos comunicamos nas mais diversas situações de uso.

2ª aula

Na segunda aula desta oficina, procuramos destacar as diferenças ainda existentes no português europeu e no português brasileiro atualmente, mesmo após vários séculos de modernização da língua. Após isso, explicitamos que tais diferenças ainda influenciam o ensino de gramática no Brasil, mesmo que tenhamos distinções de uso para o PE.

Com o objetivo de demonstrar tais distinções, o professor pesquisador apresentou algumas expressões e regras gramaticais¹⁷, que indicam diferenças existentes entre as regras da gramática do Português europeu e do brasileiro. Depois, mostrou um vídeo de uma reportagem da TV Cultura sobre as diferenças da gramática do Brasil e de Portugal¹⁸, assim como a apresentação da Gramática do Português Brasileiro, de Ataliba Castilho, cujo princípio baseia-se nas expressões e formas de comunicação puramente brasileiras, sem determinar apenas uma variedade (a lusitana e mais formal) como única no processo comunicativo.

Ao final, para conseguir mostrar aos alunos que ainda somos regidos por regras gramaticais que não refletem nossa língua cotidiana, o professor, após a exposição do vídeo e das diferenças apresentadas, promoveu um debate sobre o motivo pelo qual há diferenças

¹⁷ As diferenças apresentadas estão relacionadas à fonética, à grafia, à acentuação, à sintaxe e à sinônimia. Os exemplos referentes utilizados nesta explicação constam na proposta de aplicação.

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=05Ya0Bv47ng>

entre o português de Portugal e o do Brasil, assim como por qual motivo seguimos algumas regras, principalmente na escrita, que são mais comuns no português europeu.

Debate

Neste debate, procuramos ouvir dos alunos suas percepções sobre as diferenças entre o PE e o PB. As respostas mais relevantes estão contidas a cada pergunta.

1) Turma, há muitas diferenças em relação ao nosso português ao europeu?

Nesta pergunta inicial, os alunos, em geral, conseguiram entender que há diversas diferenças, principalmente devido à atividade de tradução que fizeram anteriormente, tendo em vista a questão temporal, isto é, a variação diacrônica da língua. Muitas palavras possuem sentidos diferentes e isso pode contribuir, segundo eles, para problemas de comunicação entre brasileiros e portugueses. As respostas dos alunos 1 e 10 mostram essa visão.

A1: “Vixe, professor, tem um montão, pois a gente viu naquele dever de traduzir as paradas. Como que consegue entender aquilo tudo?”
A10: “Acho que eu fosse até Portugal, não ia entender quase nada. O sotaque deles é diferente e tem palavras que aqui tem um sentido e lá tem outro.”

2) Alguém sabe mais alguma expressão ou regra que mostre essa diferença?

De modo geral, os alunos não conseguiram apresentar mais alguma expressão além das elencadas nesta oficina. Às vezes, falavam expressões em espanhol, mas, após explicação do professor, percebiam tal equívoco.

3) As regras do PE estão mais presentes na nossa fala ou na nossa escrita?

De forma quase unânime, os alunos disseram que é na escrita, pois, como não têm contato com nenhuma pessoa que seja de Portugal, não conseguem visualizar as diferenças na fala. Somente apontaram que o sotaque é diferente. O aluno 11 foi o único que se distanciou da visão dos demais.

A11: “Acho que tem diferença na fala também, pois eu assisti filme que tinha um ator português e ele falava diferente, puxando mais o ‘erre’ nas palavras.”

4) Usamos essas regras em todos os momentos de fala? Por quê?

Todos os alunos disseram que, na fala, somos mais livres e não nos prendemos às regras da gramática escolar, principalmente em conversas mais informais. Os alunos 12 e 15 apresentaram ideias que resumem bem a percepção de todos.

A12: “Quando a gente conversa, a gente não fica muito preocupado em seguir um monte regra. É mais rápido, a gente fala atropelado (risos) e o povo se vira pra entender (risos).”

A15: “Eu já acho, professor, que tem muita regra e quando falamos não conseguimos lembrar de todas.”

5) Por que seguimos tantas regras que não usamos no nosso dia a dia de fala?

Nesta pergunta, tivemos opiniões diferentes. Alguns consideraram que realmente precisamos de uma organização em regras para que haja clareza nas mais diversas situações de comunicação, seja na escrita ou na fala; enquanto que alguns já acreditam que não devia ter tanta regra assim, pois isso facilitaria os processos comunicativos, mesmo que existam “regras” gramaticais em todas as variáveis da língua. Elencamos duas respostas, a do aluno 3 e a do aluno 7, para ilustrar o pensamento geral.

A3: “A gente devia fazer um movimento, sei lá, tipo, ir nas ruas, fazer manifestações, pra pedir pra diminuir esse tanto de regra chata. Tem um monte de coisa que a gente aprende e nem usa!”

A7: “Eu já acho o contrário. Se não tivesse (sic) as regras, a gente não ia entender nada do que o outro fala. Acho que deve ter que ensinar sim as regras, mas o legal seria também mostrar que tem diferenças entre o que a gente fala e o que tem nos textos que a gente lê.”

Para ilustrar ainda mais tais discrepâncias, principalmente após o debate, o professor mostrou trechos de textos de diversos gêneros textuais (música, charge, reportagem, poema,

vídeo)¹⁹ para indicar que, embora diversos escritores e pensadores tenham usado ou usem a gramática do PE, há várias pessoas hoje (jornalistas, escritores, compositores, cartunistas) que procuram transmitir as informações utilizando o PB, mais usual para a maioria da população.

¹⁹ Os trechos de textos de diversos gêneros textuais estão contidos na proposta de aplicação.

4.3 Oficina 3: Situações de uso dos pronomes acusativos

Nesta terceira e última oficina, apresentamos aos alunos como ocorre a variação estilística no processo comunicativo de acordo com situações de uso diversas a partir de textos de gêneros diversificados. Além disso, o professor explicou como se dá a adequação linguística, conforme estudo de Bortoni-Ricardo (2004), que identifica como nós, usuários da língua, adaptamos a linguagem de acordo com a necessidade do momento, isto é, o uso pode ser de uma variedade padrão e outra mais popular, as quais devem ser empregadas em situações específicas de comunicação. Para alcançarmos nossos objetivos, dividimos a oficina em cinco aulas, cujas discussões aplicadas e atividades realizadas serão apresentadas a seguir.

1ª aula

Nesta primeira aula, o professor promoveu uma reflexão sobre como usamos a língua dependendo da situação de uso, com graus maiores ou menores de monitoramento e adequando o uso ao momento de interação comunicativa. Para que a discussão determinasse a opinião dos alunos em relação às situações de uso da língua, houve um primeiro debate, cujas reflexões estão elencadas a seguir.

1º Debate

- 1)** Quando vocês estão conversando entre si, a linguagem é mais espontânea ou alguém fica pensando se tal expressão ou construção da frase está correta?

Em geral, os alunos apontaram que a linguagem é mais espontânea, pois nas conversas diárias não há tempo para ficar pensando nas regras do português, mas naquilo que realmente querem dizer. Todos foram de acordo que a quantidade de regras que eles têm que aprender na escola faz com que a língua se torne difícil e os desmotivem ao aprendizado. Os alunos 2 e 4 representaram muito bem as ideias defendidas pelo grupo no tocante a essa questão.

A2: “Ah, professor, tem regra demais. Eu fico perdidinho quando vou ter que apresentar algum trabalho ou coisa assim. Mas nas conversas normais, eu nem ligo se tá tudo certo ou não”.

A4: “Eu também, professor. Eu até que tiro nota boa em português e procuro falar com mais cuidado. Mas nas conversas com a galera não fico pensando em regra não. Vou falando e só”.

- 2)** No momento de apresentar um trabalho na escola, por exemplo, há uma preocupação maior ao falar?

Como muitos falaram, essa preocupação existe, mas não foram todos que manifestaram a ideia de que monitoram a fala em apresentações de trabalhos escolares, por exemplo. Os alunos 7 e 9 exemplificaram ideias distintas sobre o mesmo assunto em pauta.

A7: “Minha mãe, que é professora, me cobra mais para eu falar certo. Então eu tenho mais cuidado, não fico dizendo ‘pra mim fazer’, por exemplo (risos). Mas às vezes, principalmente nas conversas, eu não sigo tudo que vejo em sala”.

A9: “Já eu não, professor. Eu falo de qualquer jeito mesmo...(risos). Na minha família, o povo fala errado e fica meio difícil eu seguir o que a escola ensina. Até que eu consigo passar na matéria, mas falar, falar certinho tudo eu não consigo não.”

- 3)** E se fosse, por exemplo, em um evento na igreja ou em outro local em que vocês fossem apresentar algo, haveria uma preocupação maior ainda em como comunicar a informação?

De modo geral, os alunos disseram que deveriam realmente ter uma preocupação maior. Alguns falaram que, como possuem mais facilidade com a língua, seguem com maior proximidade as regras ensinadas na escola, mas outros, por não terem tanta facilidade, não se preocupam muito e transmitem as informações com as percepções individuais de comunicação. Neste ponto, o professor indicou que não há certo ou errado na língua; há o adequado ou inadequado. Em algumas situações de uso, é importante monitorar mais a forma como a comunicação é transmitida, mas em situações de informalidade, essa preocupação é dispensada.

- 4)** É mais fácil seguir aquilo que a gramática taxa como certo se escrevermos antes o que vamos comunicar?

Todos concordaram com a informação da questão. Se eles escrevem o texto antes para depois ler, como em apresentações na escola, fica bem mais fácil seguir os ditames da gramática escolar. Falar de forma espontânea traz dificuldade porque exige um nível comunicativo que muitos ainda não possuem. Os alunos 3 e 7 representaram essa ideia.

A3: “Eu, quando vou apresentar trabalho aqui na escola, procuro escrever antes para não ficar errando na hora de falar.”

A7: “Eu também, mas na hora sempre erro alguma coisa...(risos). É bem difícil ficar pensando no que falar e falar ao mesmo tempo”.

5) Mas será que sempre devemos seguir as regras da gramática que aprendemos nas aulas de português?

Nesta questão, todos disseram que, como existem muitas regras, fica difícil seguir sempre aquilo que aprendem, além do que até para aprender é difícil, porque não usam as regras ensinadas nas comunicações diárias. Assim, há um ciclo vicioso: os alunos não aprendem porque não usam as regras gramaticais; e não usam tais regras porque não aprendem. Esta concepção, pois, mostra bem a realidade do ensino de língua portuguesa. Como há um engessamento da língua em certo ou errado, aquilo que foge ao certo é rechaçado pelos que detém o conhecimento linguístico, como os professores de português. E isso é desmotivador para os alunos; encorajando, pois, o preconceito linguístico, o qual deve ser combatido, isto é, quebrando os mitos que cercam a fala “correta” da língua, principalmente conscientizando as pessoas da pluralidade e da diversidade cultural presentes no Brasil. Existem muitas variantes de região para região e nenhuma delas deve ser menosprezada por ser diferente. O interessante, então, é mostrar que a língua é fluida e pode se adequar às mais diversas situações de uso.

6) Em quais momentos, então, podemos seguir ou não tais regras?

Os alunos apontaram que deve haver um maior monitoramento da língua em apresentações escolares, eventos sociais (como na igreja), no trabalho. Isso demonstra que eles entendem que há situações diversas de acionamento da língua e isso é o mote para

demonstrar, no caso do uso dos pronomes clíticos, como adequar a comunicação para cada situação de uso.

Atividade escrita

Após o debate, apresentamos aos alunos um fragmento de texto em que houve uma adequação da fala dos interlocutores quanto ao monitoramento linguístico, tornando a conversa mais informal. Assim, solicitamos que os alunos, em 5 grupos, lessem fragmentos de textos e os reescrevessem, passando para o tipo de adequação e monitoramento solicitado. Salientamos que a proposta é fazer esta atividade usando o conceito dos três contínuos, consoante Bortoni-Ricardo (2004), como material base na construção do exercício apenas, sem a pretensão de ensinar formalmente esse conteúdo aos alunos participes da pesquisa, pois fugiria deveras da intencionalidade da aplicação. As respostas obtidas estão contidas a seguir.

Fragmento 1

- Dia cumade! O cumpade tá?
- num tá não... Foi caçá pacá, lá pras banda do matão...
- oia, cumade que naquelas banda, tem onça pintada! O cumpade foi ansim mermo?
- i num é que foi? I eu disse pra ele: 'home, oia que é perigoso'...
- i que foi que ele respondeu?
- a onça vem i eu pego ela di jeito, muié, num si priocupe... Qué entrá un poco, i prová da minha cumida, cumpade?
- obrigadu por mi ofrecê da sua cumida, cumade, má angora mi vô mermo!

Fonte:http://www.poesias.omelhordaweb.com.br/comentario_poesia.php?cdPoesia=52490&cdResponsavel=1539

Atividade: passar o texto para o português mais formal em uma cidade urbana.

Figura 41 – Resposta do fragmento 1

- Bom dia madrinha! O padrinho está?
 - Não está não me fui caçar pacá, lá no meio do matão.
 - Olha, madrinha que naquela região tem onça pintada! Ela foi assim mermo?
 - Ela foi mesmo assim? Ela disse para ele: "Rapaz, lá é perigoso".
 - O que foi que ele respondeu?
 - A onça veio com gago ela de feito, mulher não se preocupe. Que lata com gracinha, é preciso da minha comida.
 - Obrigada por me oferecer comida, madrinha, mas agora eu vejo isso!

Fragmento 2

Leve o carro a uma garagem ou outro espaço com chão plano e área de trabalho suficiente. Deixe o veículo parado por 5 a 10 minutos para aquecer o óleo e tome muito cuidado ao lidar com óleo morno ou quente.

Coloque o carro no ponto morto, remova as chaves e acione o freio de mão. Saia do veículo. Instale blocos ou calços nas rodas para segurar os pneus. Os blocos devem ser colocados nos pneus que ficarão no chão.

Localize os pontos de elevação do carro. Caso não tenha certeza de onde eles estão, verifique o manual do veículo para obter especificações.

Fonte: <https://pt.wikihow.com/Trocar-o-óleo-do-Carro>

Atividade: passar o texto para o português mais informal em uma cidade do interior.

Figura 42 – Resposta do fragmento 2

Pegue o carro e leve para garagem ou para lugar com espaço suficiente.

Deixe o carro parado por um tempo até esquentar o óleo e cuidado pra não se queimar.

Deixe o carro parado, tire as chaves e puxe o freio de mão. Saia fora do carro.

Bote pedras atrás do pneu. As pedras no chão vão segurar o pneu.

Procure o painel do carro. Se você não saber onde é, olhe a folha que eles entregam e acompanha os documentos do carro.

Fragmento 3

Vida de Corno

Falcão

Ei! Você meu amigo
 Que está sorrindo com o que eu passei
 Cuidado com a sua cabeça
 Pois amanhã será sua vez
 Você passa a noite fora

E quem é que garante que o Ricardão
 Não come a sua comida
 E dorme tranquilo no seu colchão
 Ela não me respeitou
 E tome gaia
 Foi embora e quer voltar
 E tome gaia
 Mas eu não vou aceitar
 E tome gaia
 Nessa casa seu retorno
 Não quero viver outra vez uma vida de corno

Fonte: <https://www.letras.mus.br/falcao/133675/>

Atividade: passar o texto para o português mais formal em uma apresentação de reportagem.

Figura 43 – Resposta do fragmento 3

Cuidado, as homens que são casados, e não dão nem em sua casa, libra cora pode comer sua comida e dormir na sua cama, ela não te respeita e te trai. Quando você desabrir e quiser terminar, ela só querer se reconciliar.

Fragmento 4

Ceilândia na cena, viela, expansão
 Onde fiz a minha história, meu irmão
 Se liga, irmão, só os fortes sobreviverão
 As luzes da cidade escura não ofuscaram o meu brilho, não
 Firmão vou viver, firmão vou viver
 E que é forte, basta crer.

Japão Viela

Fonte: <https://vaiserrimando.com.br/2012/08/15/20-de-40-japao-viela-17-beat-dj-raffa-santoro>

Atividade: passar o texto para o português mais formal em um texto de jornal escrito.

Figura 44 – Resposta do fragmento 4

Em cidadia onde eu nasci, está difícil a situação de os fortes
 sobreviverão; Por isso eu também tenho que lutar para sobreviver.
 meu grupo não ajuda, Eu fiz o que mais eu pude Eu n'tendi

Fragmento 5

Candidato Caô Caô

Marcelo D2

Ai meu irmão, toma vergonha
 Vocês não aprenderam a votar, né?!
 Só parada podre malandro!

Ele subiu o morro sem gravata
 Dizendo que gostava da raça
 Foi lá na tendinha
 Bebeu cachaça
 Até bagulho fumou
 Foi no meu barracão
 E lá usou
 Lata de goiabada como prato
 Eu logo percebi
 É mais um candidato
 Para a próxima eleição...

Ele fez questão de beber água da chuva
 Foi lá no terreiro pedir ajudar
 Bateu cabeça no congá
 Mas ele não se deu bem
 Porque o guia que estava incorporado
 Disse esse político é safado

Cuidado na hora de votar...

Também disse:

Meu irmão se liga

No que eu vou te dizer

Hoje ele pede seu voto

An

Fonte: <https://www.letras.mus.br/marcelo-d2/1951015/>

Atividade: passar o texto para o português mais informal em uma conversa entre moradores de uma cidade interiorana sobre política.

Figura 45 – Resposta do fragmento 5

É possível perceber, pelas respostas obtidas, que houve um entendimento por parte dos alunos em relação aos níveis de monitoramento da língua em relação às situações de uso. Muitos conseguiram realizar a adequação do texto para o monitoramento solicitado sem muitas dificuldades. Isso mostra que os alunos possuem a compreensão de que a língua, mesmo repleta de formalidades e regras específicas, pode ser maleável e se moldar a cada situação real de uso. Nós, como falantes, podemos ter essa percepção e acioná-la de acordo com cada realidade. Tal ideia também se aplica ao uso dos pronomes acusativos e clíticos. Não se pode considerar como erro uma construção em que se tenha o objeto nulo ou o “ele” como objeto direto. Nossa ideia é a de que, com tantos exemplos de textos e discussões, os

alunos partícipes da pesquisa possam tirar da mente a concepção de erro na língua e se tornarem usuários maduros do processo comunicativo, ou seja, sabendo escolher e ter competência para saber utilizar o nível mais adequado de monitoramento para cada situação, em especial sobre o uso dos pronomes pessoais como complementos verbais diretos. As aulas a seguir procuram promover essa ideia direcionada ao uso dos pronomes.

2^a aula

Nesta segunda aula, temos, por objetivo, fazer com que os alunos consigam perceber que os pronomes, assim como várias outras estruturas da língua (uso das classes de palavras, acentuação, sintaxe) podem sofrer um processo de adequação linguística, dependendo da situação de uso. Para mostrar como se dá essa adequação, apresentamos as cinco mais comuns possibilidades de uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa (uso do pronome clítico, do pronome lexical, do sintagma nominal e do objeto nulo a partir de trechos de livros literários, entrevistas, tirinhas e músicas, elencados a seguir. A cada fragmento utilizado, os alunos, em 5 grupos, responderam, por escrito, se a forma de uso dos pronomes é mais formal ou informal de acordo com a situação de uso. As respostas de cada grupo estão elencadas a seguir.

Atividade escrita

TEXTO I – música

Cuida Bem Dela

Henrique e Juliano

Sabe aquela menina sentada ali?
 Com um olhar desconfiado, tão inocente
 Eu já fui doente naquela mulher

Eu sei que agora ela deve tá olhando de lado
 Tão sem graça, vendo o presente e o passado
 Conversando de um assunto, ela já sabe qual é

Esse é meu único aviso
 Se ela quis ficar contigo
 Faça ela feliz, faça ela feliz

Cuida bem dela
 Você não vai conhecer alguém melhor que ela
 Promete pra mim
 O que você jurar pra ela, você vai cumprir

Cuida bem dela
 Ela gosta que repare no cabelo dela
 Foi por um triz, mas fui incapaz de ser o que ela sempre quis
 Faça ela feliz

Figura 46 – Resposta do texto 1

Faça ela feliz, está adequado porque o texto é infantil
 Por se tratar de uma música, no modo formal ficaria
 Diga-a feliz.

TEXTO II – prosa poética

Meus dias com você

Clare Swatman

Quando o marido de Zoe morre, o mundo dela desaba. Mas e se fosse possível tê-lo de volta?

Numa fatídica manhã, Ed e Zoe têm uma discussão terrível, algo recorrente no seu casamento em crise, e ela acaba se despedindo de forma brusca quando ele sai para o trabalho.

Pouco tempo depois, um ônibus acerta a bicicleta de Ed, matando-o e deixando Zoe arrasada por não ter lhe dito quanto o amava. Se tivessem ficado mais um pouco juntos aquela manhã, ele ainda estaria vivo? Será que poderiam ter reconstruído o amor que os unira?

Após dois meses, Zoe ainda não conseguiu se conformar. De luto, decide cuidar do jardim do marido, quando acaba caindo e desmaiando. [...]

Fonte: Disponível em: <<http://www.editoraarqueiro.com.br>>.

Figura 47 – Resposta do texto 2

Ti-ti, está formal com o texto
Início - o, está formal com o texto.

TEXTO III – charge

Figura 48 – Charge “Edibar”



Fonte: <http://sugestoesdeatividades.blogspot.com/2015/02/pronomes-obliquos.html>

Figura 49 – Resposta do texto 3

Enterrá-la, só é alguma coisa pois está formal e na charge geralmente usa-se a informalidade.

TEXTO IV – romance

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a exemplificá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroco, dava-me pancadinhas na cara.

Fonte: trecho de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis

Figura 50 – Resposta do texto 4

inflegi·me - iinclini·me - obcurci·me - exemplifici·lo - classifici·lo - vendempi·lo
:lo - idestimava·me - ifogia·me - dozo·me

TEXTO V = tirinha

Figura 51 – Tirinha “as cobras”



Figura 52 – Resposta do texto 5

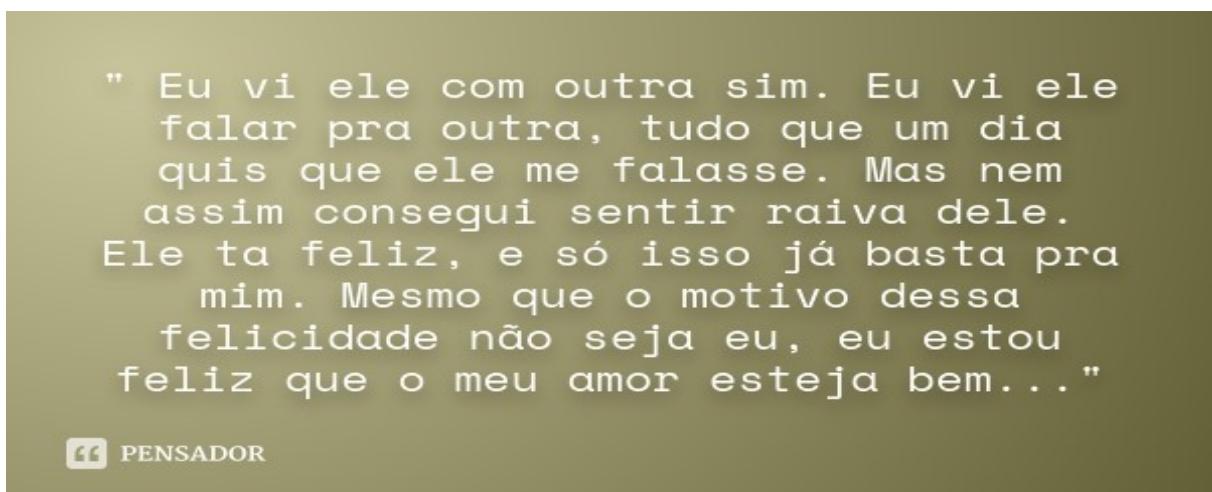
Massacra-las é... São informais e está adequado para é uma tirinha e é engraçado.

Tendo como base as respostas obtidas nesta atividade, conseguimos perceber que os alunos identificaram as situações mais formais e menos formais da língua, possibilitando a verificação se os pronomes utilizados estão ou não adequados à situação de uso. Na resposta do grupo III, por exemplo, a visão que os alunos tiveram é que, por o texto ser uma charge, não há adequação, pois o uso do clítico determina uma maior formalidade do que a charge exige. Neste momento, explicamos que isso não é obrigatório, pois cada texto pode ter ou não um nível de formalidade maior ou menor. Não é por ser uma charge ou romance de Machado de Assis, como no grupo IV, que o clítico deva ser ou não utilizado. Tudo depende de como o autor quis produzir seu texto e qual sua intenção comunicativa, como se evidencia na resposta do grupo V, que é uma tirinha em que há a ocorrência do uso dos pronomes de duas formas: o clítico e o lexical. No último quadrinho, as personagens indicam que devem utilizar o pronome corretamente. O grupo V, por sua vez determinou em sua resposta que o uso do clítico estava adequado, pois “é uma tirinha e é engraçado”; demonstrando que, mesmo em textos mais informais, há a possibilidade do uso mais formal dos pronomes como objetos diretos. Dessa forma, esta aula mostrou a adequação do uso dos pronomes através do uso de gêneros textuais diversos (elencado a seguir), sem que haja a ideia do certo ou errado na língua, mas o uso adequado ou inadequado.

Dando continuidade à aula, o professor solicitou que os alunos, em duplas, pesquisassem em casa, usando a internet, duas situações de uso dos pronomes em textos orais, podendo ser entrevistas, falas de *youtubers*, reportagens. A entrega ficou marcada para ser feita via e-mail do professor antes da próxima aula, quando nos encontrariámos novamente. Além das duas situações, cada dupla responderia a duas perguntas sobre o uso dos pronomes em cada situação. A seguir, elencamos as respostas de duas duplas (1 e 3), pois conseguiram desenvolver totalmente a atividade solicitada. As demais (2, 4 e 5) não inseriram as informações solicitadas. As duplas 2 e 4 não conseguiram achar as duas situações e a dupla 5 não respondeu às questões.

Atividade escrita

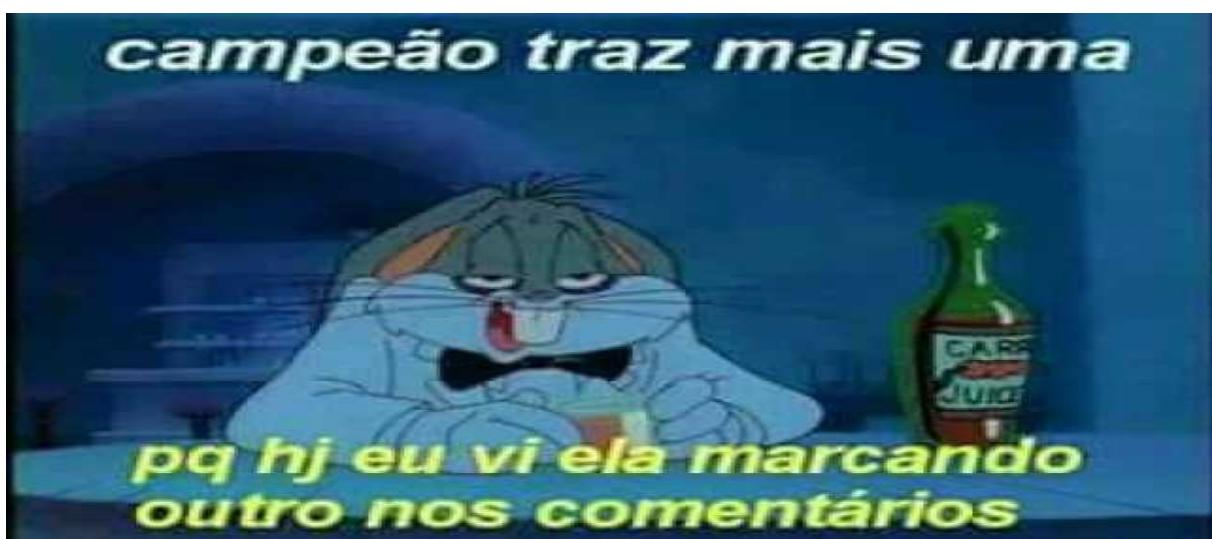
Figura 53 – Resposta da dupla 1



Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTk0MjY5OA/>

- 1) O uso está inadequado, pois o texto é um poema, então deveria estar escrito de acordo com as regras da gramática.
- 2) Como é um texto de poema, o melhor seria estar mais de acordo com a gramática.

Figura 54 – Resposta da dupla 3



Fonte: <https://pt.dopl3r.com/memes/engra%C3%A7ado/campeao-traz-mais-uma-ca-pq-hj-eu-vi-ela-marcando-outro-nos-comentarios/318060>

- 1) O texto é um meme, então pode ter uma escrita menos formal. Então está adequado sim.

- 2) Em um texto como o meme podemos usar uma linguagem mais informal. Então não tem problema escrever “pq hj eu vi ela”.

3^a aula

Seguindo o cronograma estabelecido na proposta, fizemos, nesta terceira aula, a análise das respostas da atividade determinada no final da segunda aula. Como o objetivo era que os alunos percebessem que não podemos considerar como erro gramatical tudo aquilo que não condiz com as regras gramaticais estudadas na escola, os apontamentos feitos pelas duplas 1 e 3 foram bem pertinentes.

A dupla 1 ainda traz a concepção de certo e errado na escrita, pois considerou o uso da construção “Eu vi ele com outra sim...” como inadequada para o texto por este se tratar de um poema. Determinamos, neste momento, que os textos, escritos ou falados, podem ser adaptados em relação ao grau de monitoramento e isto implica no uso dos pronomes também. Não há nenhum problema utilizar uma linguagem que fuja dos preceitos gramaticais, pois o texto em questão trata de um assunto particular do autor, mas que também pode estar relacionado a qualquer pessoa. Além disso, não é porque o texto em questão foi escrito por um autor desconhecido que pode estar fora dos padrões estabelecidos pela gramática. Neste momento, citamos o texto “Pronominais”, de Oswald de Andrade, um dos ícones da literatura brasileira, em que a construção “Me dá um cigarro” mostra que no dia a dia há a possibilidade de transgredir as regras estabelecidas pela gramática.

A dupla 3 conseguiu perceber que na construção de um meme pode haver uma liberdade maior, ou seja, não é obrigatória a existência de construções sintaticamente enrijecidas pela gramática normativa. Os alunos apontaram que ficou mais fácil para esta dupla determinar tal raciocínio por se tratar de um meme, porém mostramos que, em um exercício anterior, havia uma charge com o uso da construção “enterrá-la na areia” e isso não afastou a visão cotidiana da linguagem empregada nem determinou que o texto fosse considerado como mais formal. Assim, independente do gênero textual, o mais importante é que a informação esteja sendo transmitida com clareza, podendo conter ou não estruturas sintaticamente aliadas aos preceitos gramaticais.

Neste momento, modificamos um pouco o planejamento estabelecido pela proposta, pois tivemos que antecipar as atividades da 4^a aula devido ao fato de apenas duas duplas terem produzido a atividade estabelecida na 3^a aula. Portanto, a seguir elencamos as atividades determinadas na 4^a aula da última oficina.

4ª aula

Nesta aula, indicamos uma atividade escrita feita em duplas em que questionamos sobre o uso de quatro formas de acusativos de 3º pessoa: uso do pronome clítico, do pronome lexical, do sintagma nominal e do objeto nulo. Cada dupla deveria ler os textos apresentados e depois responder a três perguntas sobre dos pronomes retos como acusativos de 3º pessoa e se eles estão ou não adequados para os textos contidos na atividade. Para analisarmos aquilo que foi observado pelos alunos, elencamos as respostas das duplas 1 e 5, pois conseguiram responder com maior clareza o que foi solicitado na atividade. A seguir, inserimos a atividade solicitada aos alunos.

ATIVIDADE – OFICINA 3

Leia os textos a seguir, localize os pronomes usados como complementos verbais e, depois, responda às seguintes perguntas:

- 1) Eles se referem a que tipo de uso: clítico, lexical, sintagma nominal ou objeto nulo?
- 2) O uso do pronome se adequa ao texto? Por quê?
- 3) Se você considera o texto mais informal, reescreva o trecho que contém o pronome acusativo de um modo mais formal. Caso você considere o trecho mais formal, reescreva o trecho com o pronome acusativo, tornando-o mais informal.

TEXTO I – charge

Figura 55 – Charge “Neymar”



Fonte: <https://revistaquem.globo.com/Essa-E-Nossa/noticia/2014/06/brasil-x-camaroes-veja-os-melhores-memes-deste-jogo-da-copa-do-mundo.html>

TEXTO II – tirinha

Figura 56 – Tirinha “Garfield”



Fonte: <http://atividadesdeportuguesliteratura.blogspot.com/2015/11/interpretacao-tirinha-garfield-funcao.html>

TEXTO III – tirinha

Figura 57 – Tirinha “Mafalda”



Fonte: <https://ramoscheiosdeamoras.wordpress.com/2011/04/21/a-diferenca-entre-homem-e-mulher-explicada-em-tirinhas/>

Texto I

Texto II

Texto III

Figura 58 – Resposta da dupla 1

Texto I

I-lexical

2 - não tem pronome apontativo.

3 - Váku fera!!!!!!

esse compasso lá demônio.

Texto II

I-lexical

2 - não tem pronome

3 - 2º quadrinho - Eu finalmente a peguei no lugar!

Texto III

1 - Utilizou malo

2 - Sim, porque percebe-se que apesar da situação não ser formal, a personagem utiliza incorrectamente o português

3 - Acho que está adequado

Figura 59 – Resposta da dupla 5

Texto I

I: Brigadei comigo, me impusste já normalmente.

B2: Não. Parece o pronome "tu" não se adequa na frase

Texto II

Sabe aquela trem, farrando na jardim? Eu finalmente fiquei com
medo de dormir no jardim. Eu sentei assim. Vou ver qual que é o príncipe
na lista. Num tem como num sentir um grito daquele.

B2: Sim. Parece o pronome "eu" se adequa perfeitamente na frase.

Texto III

Talvez eu também devia planejar o desenho da minha vida.
Vou só falar: No verme que fui, se indo, compreendo sempre melhorinho
não mais... Será que fui comum? Não devem dizerem que é
desistir de ter vida, fico assim. Como é que o verme vai falar
para todos falar uma palavra. Será que ele tem aquela cara?
B2: Sim, pelo menos mativa que se adequa na frase II

Conseguimos perceber, pelas respostas obtidas das duplas 1 e 5, mas principalmente da primeira dupla, que a ideia sobre monitoramento linguístico, principalmente quanto ao uso dos pronomes, foi compreendida.

Na dupla 1, percebemos que, mesmo eles tendo confundido a resposta da questão 2, houve uma compreensão em relação ao tipo de pronome utilizado (primeira pergunta) e se

havia ou não adequação deste uso em relação ao texto (terceira pergunta). Porém, a dupla 1, na resposta da segunda questão sobre o texto 3, ainda trabalhou com a ideia de certo ou errado. Assim, fizemos uma reanálise destes conceitos para que todos conseguissem perceber que o mais importante não era determinar se a construção frasal está certa ou errada, mas adequada ou não à situação de uso. A dupla 5, por sua vez, conseguiu assimilar a concepção de adequação, pois em todas as respostas da questão 2 eles indicaram se houve ou não adequação linguística.

Portanto, esta atividade foi bastante importante para a finalização da aplicação da proposta, pois serviu para trabalhar os conceitos aplicados durante toda a construção teórica inserida nesta dissertação, principalmente sobre o preconceito linguístico, conforme determina Bagno (1999), Coelho (2015) e Bortoni-Ricardo (2005). Além dos conceitos sobre monitoramento, consoantes Bortoni-Ricardo (2005); também em relação à adequação linguística, em concordância ao estudo de Bortoni-Ricardo (2004). Levamos em conta, ainda, para a composição e aplicação das atividades aqui trabalhadas, os estudos sobre variação linguística (como a diacrônica), conforme estudos de Coelho (2015) e Antunes (2007).

Para finalizar a aula, passamos a última atividade para os alunos, que consistia em criar um grupo de *whatsapp* para a turma e solicitar que cada um dos alunos elabore uma pergunta que possa, na resposta, ter o uso do pronome reto como acusativo de 3º pessoa. As respostas estão elencadas na 5ª aula a seguir.

5ª aula

O objetivo da última atividade – grupo de *whatsapp* – era mostrar aos alunos que a língua sofre, diuturnamente, processos de adequação, dependendo da situação de uso. A atividade consistia em o professor pesquisador criar um grupo de *whatsapp* para a turma, excluindo aqueles que não possuam celular ou não tiverem acesso a essa rede social. Então, solicitar que cada um dos alunos elaborasse uma pergunta que pudesse, na resposta, ter o uso do pronome reto como acusativo de 3º pessoa. Tal pergunta poderia ser para uma pessoa do convívio do estudante (pais, irmãos, parentes, amigos, professores, direção da escola).

A entrevista seria gravada pelo próprio telefone celular do aluno, pelo aplicativo de gravador de voz, e seria enviada para o grupo de *whatsapp* criado pelo pesquisador. Antes de enviar, o aluno indicaria seu nome para que o professor pesquisador identificasse quem estaria enviando cada gravação. Além de enviar o áudio no grupo da rede social, cada aluno

transcreveria a pergunta realizada e a resposta obtida em um documento do *word*, que seria entregue para o professor.

Assim, o intuito é que devemos por de lado a concepção de “certo” e “errado” na língua para a usarmos como poliglotas dessa mesma língua, conforme Bechara (2001), sabendo acioná-la de acordo com cada situação. Em particular, não houve, nesta atividade, uma participação efetiva dos alunos envolvidos na pesquisa, pois muitos não estavam presentes. Assim, para demonstrar como foi a produção da atividade, elencamos as respostas dos alunos 3 e 6.

A3: Em seu áudio, o aluno entrevistou sua mãe com a seguinte pergunta: “Mãe, você viu se meu uniforme da escola já está limpo?”. A resposta obtida foi: “Eu vi ele sim, já está limpo.”

A6: No áudio gravado, o aluno entrevista seu tio, indagando-lhe: “Tio, você encontrou a revista que estava procurando?”. O tio, então, respondeu: “Sim, eu encontrei.”

Conseguimos perceber, nas duas gravações, usos distintos dos pronomes acusativos. Na resposta do áudio do aluno 3, há o uso do pronome lexical, enquanto que, no áudio do aluno 6, há o uso do objeto nulo. Assim, verificamos que são duas construções muito pertinentes às situações de fala em que estão inseridas. Ao questionar para os alunos presentes na aula se essas construções estavam certas ou erradas, houve um consenso de que existiu uma adequação. Tal apontamento feito pelos alunos foi de grande valia, pois ratificou toda a aplicação da proposta. Neste sentido, podemos concluir que o último objetivo elencado na introdução desta dissertação – promover o senso crítico dos alunos em relação ao uso da língua a fim de que sejam poliglotas de sua própria língua, conforme Bechara (2001) – conseguiu ser alcançado.

Outro ponto de análise se refere ao padrão econômico do uso do pronome tendo em vista os conceitos trabalhados na variação estilística, conforme Severo (2014, p. 42), quanto ao “encaixamento social”. Assim, percebemos que os alunos, após os debates e as atividade propostos, conseguiram compreender a ideia de que devemos estar atentos ao grau de atenção que os falantes dedicam a sua fala, isto é, variando seu estilo de falar desde um grau menos monitorado até um nível de maior monitoramento, dependendo da situação de uso, a fim de que estejam encaixados nas esferas sociais nas quais estarão inseridos.

Para concluir a aplicação da proposta, passamos um questionário a ser respondido posteriormente pelos alunos partícipes da aplicação, cujos resultados e respostas serão analisados a seguir. Depois disso, agradecemos a participação de todos os alunos e da direção

da escola cujo efetivo engajamento com a proposta foi crucial para o processo da pesquisa em tela.

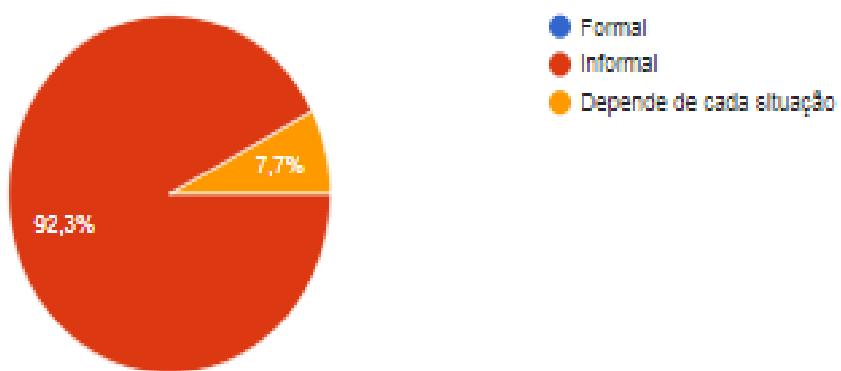
4.4 Resultados do questionário aplicado

Nesta derradeira parte da aplicação, debruçaremos sobre os resultados obtidos do questionário aplicado aos alunos. Esse questionário foi feito utilizando a plataforma do *Google Forms*, que possibilitou a entrega posterior dos resultados. O intuito é aferir algumas informações sobre o uso da língua portuguesa em relação a situações de maior ou menor informalidade tendo em vista o uso dos pronomes retos como complementos verbais. A seguir, elencaremos os resultados obtidos para cada questão contida no formulário. Após isso, há uma análise a partir dos dados colhidos pelo questionário.

1. Nas situações do dia a dia, nós utilizamos uma linguagem mais formal ou mais informal?
 - Formal
 - Informal
 - Depende de cada situação

13 respostas

Gráfico 1 – Resposta da questão 1

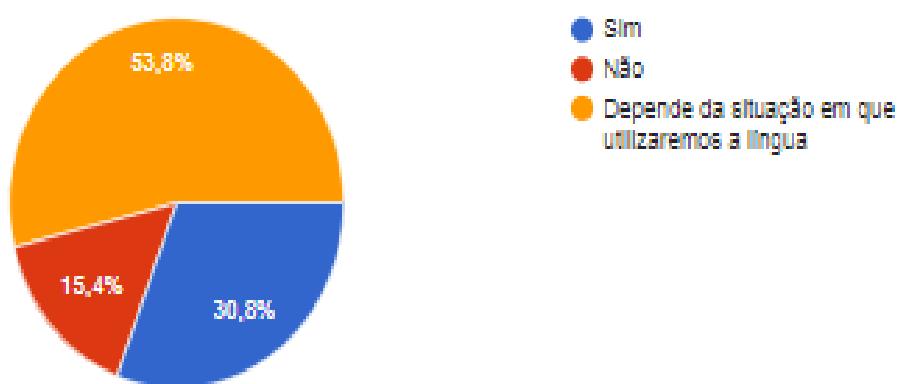


2. Em que situações nós nos preocupamos em seguir as regras de gramática que aprendemos na escola?

Figura 60 – Respostas da questão 2**12 respostas**

Em provas e no trabalho
Quando temos que falar com adultos
Em situações mais formais
Quando estamos conversando com alguém mais velho, de classe superior ou alguém que não conheço.
Quando falamos com pessoas mais velhas ou pessoas com quem não conhecemos
Quando falamos com pessoas mais velhas ou que não temos intimidade
Quando escrevemos alguma dissertação, texto e falando com alguém desconhecido ou importante.
textos
Quando estamos conversando com uma pessoa importante ou mais velha
Para falar com pessoas importantes ou textos de trabalho
Quando falamos com pessoas mais velhas e desconhecidas.
Quando encontramos alguém mais velho ou quando estamos sendo apresentados a alguém.

3. As regras da gramática realmente indicam como devemos nos comunicar ou elas não representam o nosso modo real de comunicação?
- Sim
 - Não
 - Depende da situação em que utilizaremos a língua

13 respostas**Gráfico 2 – Resposta da questão 3**

4. Em quais momentos devemos ter maior cuidado, monitoramento, para nos comunicarmos?

Figura 61 – Respostas da questão 4

12 respostas

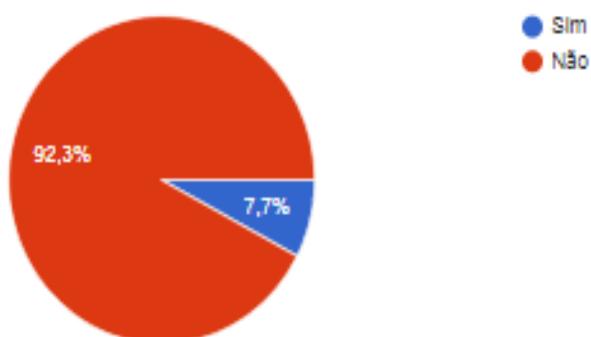
Na internet
Quando estivermos em alguma reunião, apresentação, etc
Na frente de pessoas mais velhas e que não conhecemos
Quando estamos falando com alguém mais velho ou mais importante.
Quando o assunto é sério
Quando o assunto é sério
Conversando com alguém desconhecido ou importante
quando falamos com pessoas importantes
Com pessoas mais velhas ou importantes
Com pessoas importantes, textos, provas, etc
Quando falamos com autoridades.
Quando falamos com pessoas mais velhas ou quando estamos sendo apresentados a alguém

5. Quando falamos algo que não está determinado nas regras gramaticais, isso é considerado erro?

- Sim
- Não

13 respostas

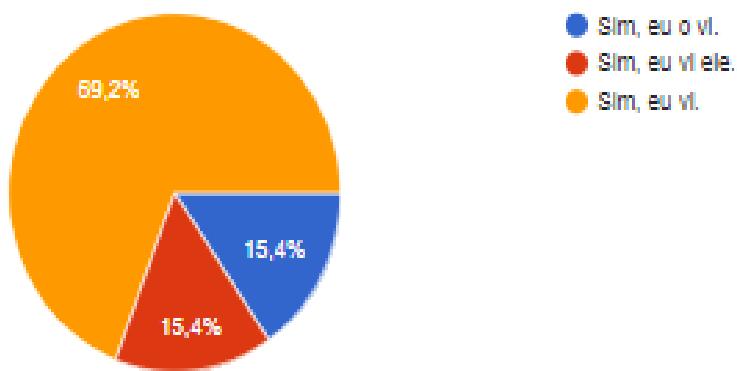
Gráfico 3 – Resposta da questão 5



6. Se alguém fizer a seguinte pergunta "você viu meu livro?", como você a responderia?
- Sim, eu o vi.
 - Sim, eu vi ele.
 - Sim, eu vi.

13 respostas

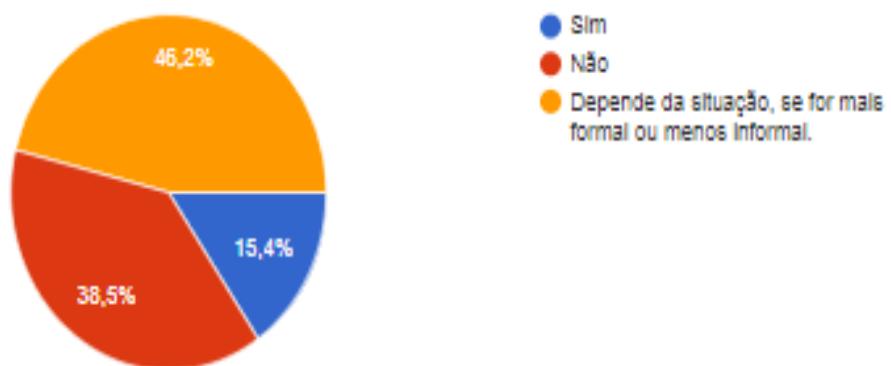
Gráfico 4 – Resposta da questão 6



7. Em relação à pergunta anterior, há uma resposta certa?
- Sim
 - Não
 - Depende da situação, se for mais formal ou menos informal.

13 respostas

Gráfico 5 – Resposta da questão 7



8. A gramática aprendida na escola representa a nossa língua real?
- Sim
 - Não
 - Talvez

13 respostas

Gráfico 6 – Resposta da questão 8

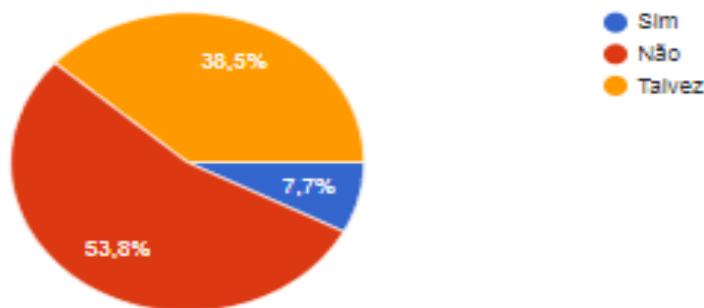


Figura 62 – Charge “Edibar”

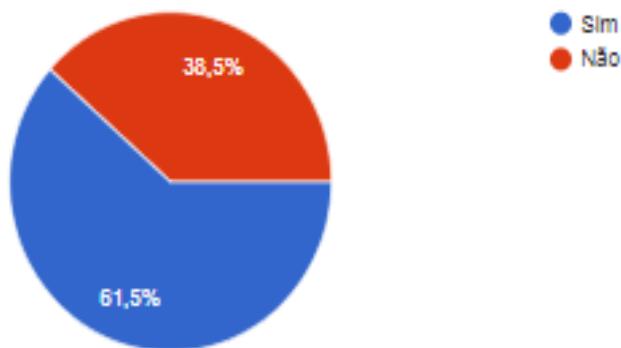


Fonte: <http://sugestoesdeatividades.blogspot.com/2015/02/pronomes-obliquos.html>

9. Observe a charge acima. O uso do pronome na forma verbal "enterrá-la" está adequada à situação de uso ou está mais formal?
- Sim
 - Não

13 respostas

Gráfico 7 – Resposta da questão 9



10. O português usado no Brasil é bem diferente do português europeu, como vimos, mas a gramática usada em sala de aula usa as regras europeias. Assim, em sua opinião, por qual motivo temos que aprender uma língua com regras tão distantes da nossa realidade?

Figura 63 – Respostas da questão 10

12 respostas

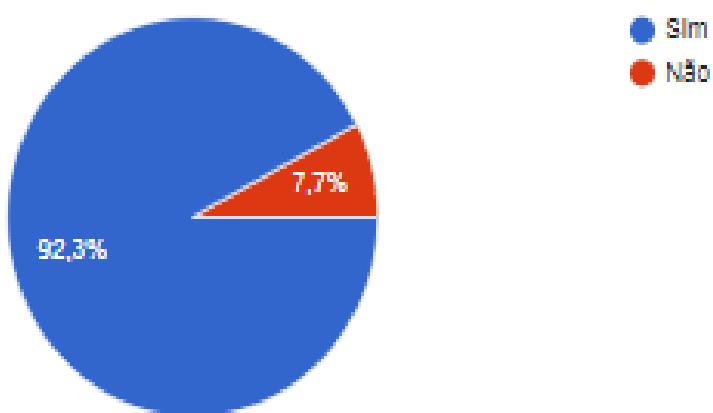
- Porque eles criaram a nossa língua
- Pra fazermos vestibular
- Para saber a sua evolução
- Pois é importante se em alguma situação precisemos realmente usá-la.
- Para a gente não falar errado com alguém no qual não temos intimidade
- Para sabermos falar de forma formal com determinadas pessoas
- Para aprender a ser adequados em momentos formais.
- nao sei, não concordo
- Para se adequar
- Porque precisamos saber como funciona a gramática
- para qualquer situação diferente a gente consiga dizer corretamente
- Por causa da diversidade , para quando formos falar , termos a mesma língua e a mesma regra

11. Para cada situação de uso, temos que acionar a língua com maior ou menor formalidade. O uso dos pronomes retos como complementos verbais também devem seguir essa relação de uso?

- Sim
- Não

13 respostas

Gráfico 8 – Resposta da questão 11



12. Nossa pesquisa teve por objetivo verificar o uso da língua em situações mais ou menos informais e como podemos acionar os pronomes retos como complementos verbais. Assim, como você, agora, consegue perceber este uso sendo o português uma língua tão rica e que pode se adequar às várias situações de comunicação em que nos envolvemos?

Figura 64 – Respostas da questão 12

8 respostas

Sim

Sim, pois cada situação tem o seu modo de falar.

Sim, para cada caso nos devemos falar mais formal ou não, assim falando informalmente

Sim, pois um pronome pode definir se a linguagem é mais formal ou menos

Percebo como podemos adequar a língua em varias situações.

sim

Percebo que é importante saber como e quando usar a linguagem formal e informal

Consgo sim

Tendo como base as respostas obtidas, verificamos que existiu uma percepção clara dos alunos em relação a duas questões principais levantadas no formulário: a relação de formalidade e informalidade quanto ao processo comunicativo e ao uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa; e sobre a relação de certo ou errado na língua, que está relacionado diretamente ao preconceito linguístico.

Verificamos que as respostas obtidas, seja por meio de gráfico ou por escrito, representam bem todo o arcabouço trabalhado durante a aplicação da proposta. Os alunos conseguiram perceber que há uma relação direta de adequação entre a situação real de uso da língua e seu acionamento. Neste sentido, conseguimos verificar que, de uma forma geral, a percepção de adequação linguística foi contemplada, como podemos notar nas respostas da última questão do formulário. Também percebemos que o uso dos pronomes também está relacionado neste processo de adequação, como vimos na questão 11, em que a maioria determinou que existe a possibilidade de adequação linguística dos pronomes quanto à situação de uso.

Questionamos também sobre a distinção entre o PE e o PB. Na questão 10, perguntamos sobre o motivo pelo qual temos que aprender uma língua com regras tão distantes da nossa realidade. Em sua maioria, os alunos determinaram que a evolução da língua também passa pelo processo de adequação linguística, ainda que alguns tenham inserido a informação de falar ou não corretamente.

Assim, podemos concluir que houve, para a maioria dos alunos envolvidos na pesquisa, a percepção das ideias pertinentes à formalidade e informalidade quanto às situações de uso da língua, gerando o processo de adequação linguística. Além disso, o trabalho realizado sobre preconceito linguístico também foi contemplado, pois muitos passaram a crer que mais importante que aferir se há ou não erro no processo de comunicação, é indicar se há ou não adequação. Com base nessas informações, o uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa, mote para o trabalho, conseguiu demonstrar todo o processo de adequação da língua, desde um monitoramento menor até graus mais altos de monitoramento do uso do português.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a pesquisa referente a esta dissertação, pressupúnhamos que os alunos possuíam a ideia concretizada de que, no uso da língua há o “certo e o errado”, conforme apresentado nos estudos realizados por Antunes (2007) e Bortoni-Ricardo (2005). Essa percepção não se restringe apenas ao corpo docente, pois muitos professores – e eu também me incluo –, trabalhamos com conceitos de “certo” e “errado” muito pré-determinados, tendo como base os compêndios gramaticais utilizados em sala, esquecendo as demais possíveis gramáticas existentes, principalmente a interiorizada – segundo Antunes (2007) e Faraco (2008).

Neste sentido, essa visão cartesiana da língua se mostrou realmente enraizada no grupo de alunos que aceitaram participar da pesquisa. A visão de que a língua portuguesa é um conjunto de regras, cuja funcionalidade poucos conhecem e aplicam, se traduz em algumas falas que se apresentaram durante o processo de aplicação da proposta, como verificamos nas observações dos alunos 3 e 7.

<p>A3: “Eu acho o português difícil demais. A gente aprende um montão de regra pra depois não saber usar”.</p> <p>A7: “Acho que a gente tinha que aprender mais sobre como usar o português no dia a dia. Ficar vendo regras que não servem pra nada é muito chato”.</p>
--

Realmente, trazer à tona uma discussão que possui como mote o uso dos pronomes aliado à análise sintática – complementos verbais diretos –, não foi muito motivador para os alunos desejarem participar da pesquisa. Porém, aos poucos, conseguimos mostrar a eles que o mais importante não é se prender a regras específicas da gramática normativa, mas visualizar a ideia de que a nossa língua portuguesa é fluida e consegue se adaptar às mais distintas situações de uso, segundo Bortoni-Ricardo (2005). Saber uma única forma de uso da língua não garante sucesso profissional nem ascensão social, de acordo com Bagno (2003).

Justamente por este motivo que trabalhar a língua como algo maior do que aquilo que se apresenta nos livros de gramática da educação básica se fez presente para a gênese desta pesquisa. O uso dos pronomes de 3º pessoa como acusativos em função de objetos diretos foi a escolha específica para se trabalhar o estudo da variação linguística, conforme estudo de Ilari (2012). A relação dos pronomes com os gêneros textuais também se fez presente, pois,

assim como o uso da língua é diverso, diversos são os gêneros textuais, tendo como base os estudos de Marcuschi (2009), em que encontramos a pluralidade linguística que dá vida ao nosso processo de comunicação, posto que nós somos os verdadeiros pistões que movem e transformam a língua, conforme Coelho (2015).

Partindo desse pressuposto, trabalhar com os gêneros textuais e o uso dos pronomes, desde a forma menos monitorada até a mais monitorada, campo de estudo de Bortoni-Ricardo (2005), serviu para mostrar aos alunos que o preconceito linguístico nasce de nós mesmos, ao assumirmos um papel inferiorizado ante o uso da língua. Não somos coadjuvantes deste processo, mas os protagonistas da língua.

A relação do uso do português não poderia deixar de passar pelo campo da variação estilística, como vimos nos estudos de Severo (2014) e Da Hora (2014), pois é no estilo, ou na variação estilística, que cada falante reage dentro de uma comunidade linguística a depender da situação de uso.

Os alunos, então, começaram a perceber as diferentes faces de uma mesma língua, mesmo que utilizassem muitas dela todos os dias. Passaram a entender que aquela língua cheia de regras ensinada na escola, também se molda às diferentes situações de uso e isso não leva à noção simplista de “certo” ou “errado”, mas à ideia de adequação linguística, como podemos perceber nas falas dos alunos 8 e 15.

A8: “Poxa, professor, sempre pensei que para saber português eu tinha que ficar decorando as regras do livro de gramática, mas agora sei que posso usar o português do jeito que fique bom pra mim”.

A15: “Eu também pensei que o português fosse só aquilo que a gente vê em sala. O mais legal é saber que podemos usar a gramática de um jeito mais fácil”.

Além disso, para demonstrar aos alunos o berço de nossa cultura quanto ao uso do português, trabalhamos com um paralelo entre o PB e o PE, sendo que este ainda é a base para muitas das regras que constam nos livros de gramática; enquanto que aquele, a cada dia, se mostra mais próximo da língua que usamos todos os dias, como vimos nos estudos de Martins (2007) e de Galves (1986).

Portanto, fazer crer para os alunos que participaram da pesquisa que a língua não é engessada e sim plural, tendo como pano de fundo o uso dos pronomes acusativos de 3º pessoa, nos deu a oportunidade de aprender muito sobre como podemos nos libertar do preconceito linguístico tão enraizado na nossa mente, pois a relação de “certo” e “errado”

sempre acentuou o preconceito dos detentores dos conhecimentos da gramática – gramatiqueiros – em relação aos que não sabem ou não procuram usar as regras gramaticais cotidianamente. Procuramos mostrar aos alunos que a língua pode ser moldada a cada situação de uso, não é presa a regras trancafiadas nas páginas dos compêndios gramaticais. A língua pertence a cada indivíduo, cabe a ele acioná-la de forma coerente a cada situação de uso, mesmo que seja em relação ao uso dos pronomes acusativos de 3º pessoa.

Este trabalho, portanto, não tem como objetivo cabal restringir-se aos alunos que fizeram parte da pesquisa, mas sim trazer uma visão bem mais abrangente de ensino, em que possamos trazer para a sala de aula uma visão mais social da língua, mostrando aos alunos, conforme já trabalhamos durante a escrita da desta dissertação, que podemos ser poliglotas da mesma língua, segundo Evanildo Bechara (2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÃO, Theresa e CAMARGO, Rubens B. **A gestão democrática na Constituição Federal de 1988.** In: OLIVEIRA, Romualdo de O. e ADRIÃO, Theresa (orgs). Gestão financiamento e direito à educação: análise da LDB e da Constituição Federal. 2º ed. São Paulo: Ed. Xamã, 2002. Coleção legislação e política educacional: textos introdutórios.

ALKMIM, T. **Sociolingüística.** In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21- 47. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/sociolinguistica/LETRAS-MOD2-VOL5-LINGUISTICAII-SOCIOLINGUISTICA-AULAI.pdf>; acesso: 01/05/2017.

ALMEIDA BARONAS Joyce Elaine de. **Variação Linguística na Escola:** Resultado de um Projeto. In: Revista da ABRALIN, v.13, n.1, p. 39-62, jan./jun. 2014
<https://doi.org/10.5380/rabl.v13i1.38257>

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho / Irandé Antunes. - São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Língua, história e sociedade:** breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: BAGNO, Marcos (org.). Lingüística da norma. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/sociolinguistica/LETRAS-MOD2-VOL5-LINGUISTICAII-SOCIOLINGUISTICA-AULAI.pdf>; acesso: 01/05/2017.

_____. **Língua, história e sociedade:** breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: BAGNO, Marcos (org.). Lingüística da norma. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Preconceito lingüístico:** o que é, como se faz. 55ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BAKTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. - 4º edição - São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Norma Culta e Democratização do Ensino**. Palestra proferida em 4 de julho de 2001, na Academia Brasileira de Letras, disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000704.htm> . Acesso em 20 de dezembro de 2018.

_____. **Gramática Escolar da língua portuguesa** / Evanildo Bechara. - 1. ed. - 5. reimpr. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula** - Stella Maris Bortoni-Ricardo. - São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em<w.mec.gov.br>. Acesso em: 14 AGO 2016.

BRASIL. Presidência da República. **Manual de redação da Presidência da República** / Gilmar Ferreira Mendes e Nestor José Forster Júnior. – 2. ed. rev. e atual. – Brasília: Presidência da República, 2002. 140 p.

CADIEU, Fronçois [et al.]. **Como se faz a história:** historiografia, método e pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa** / Domingos Paschoal Cegalla. - 48.ed. rev. - São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo** / Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita:** apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós / Carlos Alerto Faraco. - São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do alfabetizar letrando:** da oralidade à escrita. - 9. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

GALVES, Charlotte. **A sintaxe do português brasileiro.** In: Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil, UFB, Salvador. Outubro/1986. (31-49)

GERHARDT ,T, SILVEIRA, D. **Métodos de pesquisa.** In: Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 11-31, 72.

GNERRE, Maurizzio. **Considerações sobre o campo de estudo da escrita.** In: GNERRE, Maurizzio. Linguagem Escrita e Poder, Martins Fontes, 1987, p. 25-61.

HORA, Demerval da. **Estilo:** uma perspectiva variacionista. In: variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e proposta de análise. Edair Maria Görski, Izete Lehmkühl Coelho e Christiane Maria Nunes de Souza (orgs.). Coleção Linguística. V3. Florianópolis: Insular. 2014.

ILARI, Rodolfo. **O português da gente:** a língua que estudamos a língua que falamos / Rodolfo Ilari, Renato Basso. 2. Ed., 3º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2012.

KATO, M. A. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LABOV, W. **Some sociolinguistic principles.** In: PAULSTON, C.B.; TUCKER, G. R. (Orgs.). Sociolinguistics: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003 [1969]. p. 234 – 250.

_____. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/sociolinguistica/LETRAS-MOD2-VOL5-LINGUISTICAII-SOCIOLINGUISTICA-AULAI.pdf>; acesso: 01/05/2017.

LOPES, Célia Regina dos Santos; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; CARVALHO, Bruna Brasil Albuquerque de. **A expressão da 2ª pessoa do singular:** variação e percepção numa abordagem experimental. In: TODAS AS LETRAS, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 117-132, maio/ago. 2016 <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/lettras.v18n2p117-132>.

<https://doi.org/10.15529/1980-6914/lettras.v18n2p117-132>

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita** / Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio. 1. ed., 1. reimpr. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Gêneros textuais:** definição e funcionalidade. In: Gêneros textuais e ensino / organizadores Angela Paiva Dionisio, Anna Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra. - 5.ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTINS, Ana Maria. "O primeiro século do português escrito". A. B. Agrelo (ed): Na Nosa Lyngage Galega. A Emergencia do Galego como Lingua Escrita na Idade Media. Santiago de Compostela: CCG & ILG. 161-184. 2007.

_____. **Variação sintática no português quinhentista:** a colocação dos pronomes clíticos. In: Estudos lingüísticos galegos 7 (2015): 83-94. DOI <http://dx.doi.org/10.15304/elg.7.2373>
<https://doi.org/10.15304/elg.7.2373>

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLLICA, M. C. **Fundamentação teórica**: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). Introdução à Sociolinguística Variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p. 9-14. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/sociolinguistica/LETRAS-MOD2-VOL5-LINGUISTICAII-SOCIOLINGUISTICA-AULAI.pdf>; acesso: 01/05/2017.

_____. **Fala, Letramento e Inclusão Social**. – 2º ed., 1º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

NICOLA, José de. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa** / José de Nicola, Ulisses Infante. - São Paulo: Scipione, 1997.

PIAGET, Jean. **O desenvolvimento do pensamento**: equilibração das estruturas cognitivas. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

SANTANA, Juliana Magalhães Catta Preta de. **Que norma ensinar na escola?** O ensino-aprendizagem do preenchimento do objeto direto como fenômeno variável. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues (org.) Gramática, variação e ensino: diagnose & propostas pedagógicas / Vários autores. – Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017.

SARMENTO, Leila Lauar. **Gramática em Textos**. São Paulo: Moderna, 2005.

SEVERO, Cristine Gorski. **Estilo, variação linguística e discurso**. In: variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e proposta de análise. Edair Maria Görski, Izete Lehmkühl Coelho e Christiane Maria Nunes de Souza (orgs.). Coleção Linguística. V3. Florianópolis: Insular, 2014.

SCHNEUWLY, Bernard. **Palavra e ficcionalização**: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: Gêneros orais e escritos na escola / tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel e SOUZA, Aline Corrêa de. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/sociolinguistica/LETRAS-MOD2-VOL5-LINGUISTICAII-SOCIOLINGUISTICA-AULAI.pdf>; acesso: 01/05/2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo, Cortez, 1992.

THOMAS, Rosalind. **Letramento e oralidade na Grécia Antiga**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo, Odysseus Editora, 2005. 275 p. (Literacy and orality in Ancient Greece)

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. 1996. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf Acesso em: 03/12/2018.

VYGOTSKY, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Apêndices

APÊNDICE A – PROPOSTA DE APLICAÇÃO – MESTRADO

FORMULÁRIO DE FINALIZAÇÃO DA APLICAÇÃO

Este formulário tem por objetivo aferir algumas informações sobre o uso da língua portuguesa em relação a situações de maior ou menor informalidade tendo em vista o uso dos pronomes retos como complementos verbais.

- 1.** Nas situações do dia a dia, nós utilizamos uma linguagem mais formal ou mais informal?
 - Formal
 - Informal
 - Depende de cada situação

 - 2.** Em que situações nós nos preocupamos em seguir as regras de gramática que aprendemos na escola?
-
-
-
-
-

- 3.** As regras da gramática realmente indicam como devemos nos comunicar ou elas não representam o nosso modo real de comunicação?
 - Sim
 - Não
 - Depende da situação em que utilizaremos a língua

 - 4.** Em quais momentos devemos ter maior cuidado, monitoramento, para nos comunicarmos?
-
-

-
-
-
5. Quando falamos algo que não está determinado nas regras gramaticais, isso é considerado erro?
- Sim
 - Não
6. Se alguém fizer a seguinte pergunta "você viu meu livro?", como você a responderia?
- Sim, eu o vi.
 - Sim, eu vi ele.
 - Sim, eu vi.
7. Em relação à pergunta anterior, há uma resposta certa?
- Sim
 - Não
 - Depende da situação, se for mais formal ou menos informal.
8. A gramática aprendida na escola representa a nossa língua real?
- Sim
 - Não
 - Talvez



Fonte: <http://sugestoesdeatividades.blogspot.com/2015/02/pronomes-obliquos.html>

9. Observe a charge acima. O uso do pronome na forma verbal "enterrá-la" está adequada à situação de uso ou está mais formal?

- Sim
- Não

10. O português usado no Brasil é bem diferente do português europeu, como vimos, mas a gramática usada em sala de aula usa as regras europeias. Assim, na sua opinião, por qual motivo temos que aprender uma língua com regras tão distantes da nossa realidade?

11. Para cada situação de uso, temos que acionar a língua com maior ou menor formalidade. O uso dos pronomes retos como complementos verbais também devem seguir essa relação de uso?

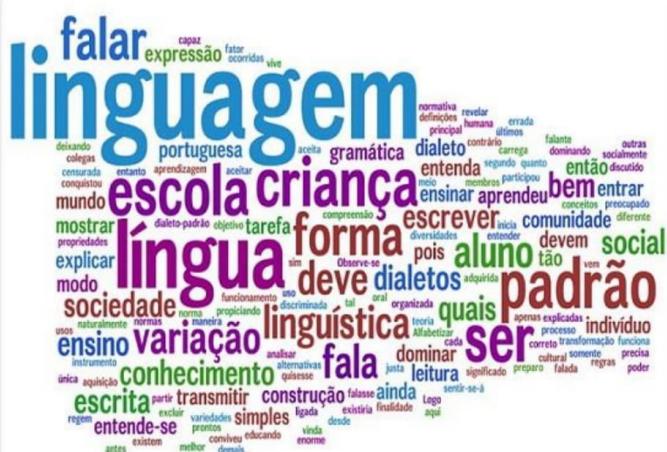
- Sim
- Não

12. Nossa pesquisa teve por objetivo verificar o uso da língua em situações mais ou menos informais e como podemos acionar os pronomes retos como complementos verbais. Assim, como você, agora, consegue perceber este uso sendo o português uma língua tão rica e que pode se adequar às várias situações de comunicação em que nos envolvemos?

APÊNDICE B – CADERNO DE ATIVIDADES

CADERNO DE ATIVIDADES

MONITORAMENTO DOS PRONOMES PESSOAIS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ENSINO BASEADA NA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL



Uberlândia, 2019

Sumário

Apresentação	3
1º oficina	5
2º oficina	13
3º oficina	25
Referências Bibliográficas	38

Apresentação

Este caderno de atividades é produto de uma pesquisa realizada para o Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com o título “Monitoramento dos pronomes pessoais em sala de aula: uma proposta de ensino baseada na sociolinguística educacional”. A pesquisa foi desenvolvida pelo professor Giovani Fama de Freitas Morato¹, sob orientação da professora doutora Simone Azevedo Floripi² (UFU).

Esta pesquisa foi realizada com uma turma de 9º ano – séries finais do ensino fundamental – de uma escola pública do Distrito Federal. Como haverá uma efetiva participação dos alunos, optamos por usar a pesquisa-ação (Thiollent, 1992), pois o professor contará com a participação dos alunos que aceitarem realizar as atividades propostas. Como o ato de participar não é obrigatório, os alunos que estiverem envolvidos no processo da pesquisa, farão outras atividades de língua portuguesa relacionadas ao conteúdo programático do 9º ano do ensino fundamental, sem existir quaisquer prejuízos referentes ao processo de ensino e aprendizagem.

A elaboração deste caderno de atividades tem como objetivo possibilitar aos colegas professores de Língua Portuguesa, em especial aos que atuam nas séries finais do Ensino Fundamental, a aplicação de atividades que giram em torno do estudo da variação linguística, com foco nas possibilidades de uso dos pronomes acusativos de terceira pessoas como complementos verbais diretos (pronome clítico, pronome lexical, sintagma nominal e objeto nulo). Neste sentido, pretendemos retirar da concepção dos alunos a ideia de que o ensino da língua é engessada pelas regras contidas nos compêndios gramáticos. Na verdade, a língua é fluida e se adapta às mais diversas situações de uso. Com isso, podemos dirimir a percepção equivocada de “certo” e “errado” na língua, para a concepção de “adequado” ou “não adequado”, “muito monitorado” ou “pouco monitorado”, com o intuito, também, de diminuir o preconceito linguístico tão enraizado na nossa sociedade.

Para que a proposta de aplicação seja compreendida em sua plenitude, há a explicação do passo a passo a ser seguido durante a aplicação. A proposta é composta de 3 (três) oficinas e cada uma delas traz aspectos relacionados a forma como a língua portuguesa, especificamente em uso no Brasil, pode ser adequar a cada situação de uso.

¹ Professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal, mestrando do ProLetras (UFU).

² Professora Doutora do Instituto de Letras e Linguística da UFU.

Na 1º oficina, pretendemos mostrar aos alunos como se dá a relação de uso da língua portuguesa, seja escrita ou oral, no Brasil e em Portugal. Além disso, levar os alunos a refletir sobre o uso dos pronomes como acusativos de terceira pessoa em textos escritos e orais no nosso país e em Portugal. Na 2º oficina, procuraremos mostrar aos alunos a origem da nossa gramática e por qual motivo há uma imposição da norma do Português Europeu tendo em vista sermos falantes do Português Brasileiro. Por fim, na 3º oficina, temos o objetivo de explicar como ocorre a variação estilística no processo comunicativo de acordo com situações de uso diversas a partir de textos de gêneros diversificados a fim de que os alunos identifiquem as formas variáveis de uso dos pronomes do caso reto pelo viés da variação estilística de acordo com o nível mais ou menos formal da língua (Cristine Gorski Severo e Derméval da Hora). Explicaremos como se dá a adequação linguística (Bortoni-Ricardo, 2004), que identifica como nós, usuários da língua, adaptamos a linguagem de acordo com a necessidade do momento, isto é, o uso pode ser de uma variedade padrão e outra mais popular. Outro fator a ser observado é a monitoração da língua (Bortoni-Ricardo, 2004), a qual indica que, dependendo da situação de uso da língua, há interações entre os interlocutores desde situações totalmente espontâneas, com um grau de monitoramento muito baixo da língua, até aquelas que são previamente planejadas, exigindo do usuário graus de monitoramento que dependem da situação de uso.

1º oficina – Nosso português ou o deles?

Objetivos: esta oficina inicial tem por objetivos mostrar aos alunos as diferenças de estruturas sintáticas empregadas no Português Brasileiro e Português Europeu a partir do uso por falantes dessas duas variedades da língua. A partir da conscientização das diferenças existentes, buscamos apresentar uma sobre o uso dos pronomes como acusativos de terceira pessoa em textos escritos e orais.

Duração: 3 horas/aulas de 50 minutos – total de 150 minutos.

1º AULA

1º momento da aula (duração de 10 minutos)

Apresentação do professor pesquisador e da pesquisa – “Variação estilística: monitoramento dos pronomes pessoais em sala de aula”.

2º momento da aula (duração de 40 minutos)

O professor pesquisador passará, usando projetor, dois vídeos: o 1º será o do *youtuber* brasileiro Winderson Nunes e o 2º será um outro *youtuber*, SirKazzio, de Portugal. Após os vídeos serem transmitidos, o professor levantará um debate tendo por base as seguintes questões:

- 1) A linguagem usada pelos *youtubers* é igual ou diferente? Por quê?
- 2) O que mais caracteriza cada fala dos *youtubers*?
- 3) Qual é a principal informação transmitida pelos *youtubers*?
- 4) Você considera as mensagens transmitidas por eles como um tipo de humor? Por quê?
- 5) Há diferença entre o modo de falar dos dois *youtubers*? Explique.

Vídeos:

- <https://www.youtube.com/watch?v=RwcMiXQBOBU>

(Este vídeo é de um *youtuber* português, considerado o mais famoso de Portugal. Neste vídeo, em particular, SirKazzio indica que pedirá sua namorada em casamento).

- <https://www.youtube.com/watch?v=muMnltrLMQg>

(Este vídeo é de um *youtuber* muito famoso no Brasil. Neste vídeo, Winderson Nunes fala sobre sua nova casa, sobre doenças de pessoas mais idosas, sobre como está ficando adulto, entre diversos assuntos).

Orientação para o professor

Como objetivo desta atividade, buscamos fazer com que os alunos percebam as diferenças existentes na língua portuguesa falada (do português brasileiro e do português europeu) em momentos sem monitoramento realizada por dois jovens *youtubers* – um brasileiro e outro europeu – destinada a um público jovem. Neste sentido, a discussão será conduzida para que os alunos percebam como as marcas de oralidade (como “né” e gírias), a entonação, a pronúncia de vogais se diferenciam pelos dois falantes, mesmo que, para a linguística, o português brasileiro e o português europeu sejam constituídos por duas línguas com gramáticas distintas. Após este momento inicial, o professor passará novamente os vídeos, porém especificamente nos instantes em que os *youtubers* usam o pronome como acusativo de 3º pessoa (no vídeo do Winderson Nunes isso ocorre em 5 minutos e 21 segundos; já no de SirKazzio, ocorre em 2 minutos e 15 segundos). Neste momento, o pesquisador levantará o seguinte debate tendo em vista as perguntas a seguir.

- 1) O uso dos pronomes ocorreu da mesma forma?
- 2) É comum, no português brasileiro, usarmos o pronome clítico em situações menos monitoradas de fala ou escrita?
- 3) Quando nos comunicamos no dia a dia, usamos que tipo de pronome? O “o” ou o “ele”?
- 4) Nós conseguimos perceber em quais situações o uso de cada pronome poderia ser melhor empregado?

2º AULA

1º momento da aula (duração de 15 minutos)

Para que a discussão sobre o uso dos pronomes tenha uma vertente relacionada tanto à escrita quanto à fala, o professor pesquisador apresentará duas reportagens, uma portuguesa e outra brasileira, em que se espera uma linguagem mais monitorada devido

ao canal comunicativo (meios de comunicação de renome em suas sociedades), ou seja, com maior cuidado em relação ao uso da sintaxe aprendida na escola.

No início deste momento, o pesquisador apresentará as reportagens a seguir, sendo que o 1º texto é uma reportagem do jornal “Correio da manhã”, considerado um dos mais importantes veículos de comunicação de Portugal. O texto, contido na versão online do jornal, retrata a ida do jogador português Cristiano Ronaldo para o clube italiano Juventus.

Reportagem I

The screenshot shows a news article from CM Jornal's sports section. The headline reads: "Sou diferente de todos os outros. Se alguns estão acabados, eu não estou. A Juventus foi a única proposta que recebi", afirmou Cristiano Ronaldo, esta segunda-feira, durante a conferência de imprensa de apresentação no Allianz Stadium. O craque português garantiu que não assume, acrescentado que ir para Turim "foi uma decisão fácil dado o poderio do clube, uma das melhores equipes do Mundo".

3. Antiga casa de Tony no Algarve foi demolida
O capital da seleção portuguesa, de 33 anos, disse que não entendeia ir para Madrid, que me ajudou muito. Agradeço aos adeptos, que me apoiaram a cada etapa que subi, mas esta é uma etapa nova. Estou muito feliz, é como se estivesse a começar de novo e subirmos o nível. Vou tentar sempre melhorar, para um clube grande, rejuvenescer, para um clube grande, agradecer à Juventus pela oportunidade de continuar a carreira.

4. Ex-namorado publica foto de nudes de Judite arrasada por roupa que usou na cerimónia
Foi uma história brilhante no Real Madrid, que me ajudou muito. Agradeço aos adeptos, que me apoiaram a cada etapa que subi, mas esta é uma etapa nova. Estou muito feliz, é como se estivesse a começar de novo e subirmos o nível. Vou tentar sempre melhorar, para um clube grande, rejuvenescer, para um clube grande, agradecer à Juventus pela oportunidade de continuar a carreira.

5. Judite arrasada por roupa que usou na cerimónia
Foi uma história brilhante no Real Madrid, que me ajudou muito. Agradeço aos adeptos, que me apoiaram a cada etapa que subi, mas esta é uma etapa nova. Estou muito feliz, é como se estivesse a começar de novo e subirmos o nível. Vou tentar sempre melhorar, para um clube grande, rejuvenescer, para um clube grande, agradecer à Juventus pela oportunidade de continuar a carreira.

Fonte: https://www.cmjornal.pt/desporto/detalhe/ir-para-a-juventus-foi-uma-decisao-facil-diz-cristiano-ronaldo?ref=HP_Destaque

O 2º texto é uma reportagem da revista on-line “Carta capital” na seção Chuteira FC, que aborda assuntos relacionados ao mundo futebolístico. Nesta reportagem, há a opinião sobre a conquista do 3º lugar pela Bélgica.

Reportagem II

A campanha na Rússia foi muito superior à de 32 anos atrás. O time venceu seis partidas e perdeu uma (para a França na semifinal), marcou 16 gols e sofreu sete. Em 1986 a Bélgica conseguiu apenas uma vitória no tempo regulamentar (2 a 1 sobre o Iraque), empatou quatro vezes (Paraguai na fase de grupos, União Soviética nas oitavas de final, Espanha nas quartas e França na disputa pelo terceiro) e perdeu duas (México na fase de grupos e Argentina na semifinal). Anotou 12 tentos e levou 13.

"Batemos recordes nesta Copa e deixamos um legado para o futebol belga. Os jogadores estão de parabéns porque acreditaram na qualidade que têm e também no trabalho duro que fizemos", disse o técnico Roberto Martínez. "Mostramos um belo futebol, isso é motivo de orgulho para nós."

A Bélgica passou a integrar um grupo restrito de seleções que venceram seis partidas em uma Copa. As outras são Brasil em 1970 (campeão), Polônia em 1974 (terceira colocada), Argentina em 1986 (campeão), Itália em 1990 (terceira colocada) e Holanda em 2010 (vice-campeão). A França poderá igualar essa marca se ganhar a final neste domingo. A única seleção a vencer os sete jogos em uma Copa foi o Brasil de 2002.

Os belgas exibiram diante da Inglaterra as virtudes que os fizeram ir tão longe. Quando tiveram espaço puxaram contra-ataques vertiginosos (os dois gols saíram assim, marcados por Meunier e Hazard), quando encontravam a defesa inglesa armada trocavam passes curtos, tabelavam e driblavam.

O que a Bélgica precisa melhorar para continuar lutando por coisas grandes é a defesa. Contra o Japão nas oitavas de final as falhas defensivas quase levaram a uma eliminação que teria sido vergonhosa, no segundo tempo contra o Brasil concedeu várias chances claras aos comandados de Tite e diante da Inglaterra sofreu um bocadão nos 30 primeiros minutos da segunda etapa. O perigo de levar o gol de empate só acabou aos 38 minutos, quando De Bruyne arrancou em velocidade e tocou para Hazard entrar livre e fazer 2 a 0.

Fonte: <http://chuteirafc.cartacapital.com.br/copa-belgica-terceiro-lugar/>

Após o professor apresentar os dois textos, pois não serão lidos integralmente, haverá uma reflexão, por meio de um debate, com base nas perguntas a seguir em relação à linguagem utilizada de acordo com grau de monitoramento da língua, tendo em vista as diferenças existentes por serem de países diferentes.

- 1) Vocês (alunos) conseguem perceber se os textos são mais ou menos formais?
- 2) O que pode determinar a maior ou menor formalidade do texto?
- 3) Os textos retratam um assunto bem atual. Qual é?
- 4) Mesmo sendo textos de jornais, a língua deve ser sempre muito formal?
- 5) Os textos que escrevemos no dia a dia também seguem este mesmo formato ou apenas o que produzimos na escola?

Após tal momento, o pesquisador fará o realce dos seguintes fragmentos:

- Reportagem I: “Este encara-o ‘confiante no futuro’”.
- Reportagem II: “Os belgas exibiram diante da Inglaterra as virtudes que os fizeram ir tão longe”.

Assim, ele levantará os questionamentos a seguir:

- 1) O uso dos pronomes nos dois textos segue aquilo que se aprende sobre colocação pronominal?
- 2) Na fala, mesmo em situações nas quais se espera um maior cuidado quanto ao uso da gramática, usamos os pronomes dessa forma ou falamos como o Winderson Nunes?

Agora, o professor solicitará que os alunos escolham uma das reportagens e reescrevam o trecho que contém o uso do pronome acusativo da forma como conversam no dia a dia. Assim, o professor poderá perceber se os alunos tenderão a usar uma linguagem mais formal ou informal, mesmo que seja uma atividade escolar.

2º momento da aula (duração de 35 minutos)

Após os alunos terem a percepção do uso dos pronomes em situações de maior monitoramento da língua, o pesquisador dividirá a turma em duplas (os alunos que quiserem realizar a atividade individualmente serão atendidos) e entregará uma folha contendo dois trechos de reportagens com uma linguagem mais informal, mesmo sendo na escrita. O 1º fragmento é de uma revista voltada para o público infanto-juvenil de

Portugal – “Visão Júnior” – e o 2º fragmento é também de uma revista destinada a esse mesmo público-alvo, mas do Brasil – “Capricho”. A seguir, há a imagem das reportagens que serão entregues aos alunos e seus respectivos links.

Reportagem I

The screenshot shows a news article from VISION Junior. The headline reads: "Tomás, o campeão". The text discusses Tomás Azevedo's victory at the International Aerobic Gymnastics competition. Below the main text, there are several smaller columns of text and images related to the theme of the issue.

Fonte: <http://visao.sapo.pt/visaojunior/2018-05-07-VISAO-Junior-de-maio>

Reportagem II

The screenshot shows a news article from Capricho magazine. The headline reads: "Kim Kardashian e North West usam o mesmo penteado. É muita fofura!". The text discusses the母女's matching hairstyles. To the right of the article, there is a sidebar with a banner for "BONUS 100% ATÉ R\$200" and a horoscope for Cancer.

Fonte: <https://capricho.abril.com.br/beleza/kim-kardashian-e-north-west-usam-o-mesmo-penteado-e-muita-fofura/>

Ao entregar as folhas, o professor solicitará que cada dupla leia as reportagens e responda às seguintes perguntas em até 10 minutos.

- 1) O que os textos abordam?
- 2) A linguagem utilizada foi adequada para o tipo de revista e público-alvo?
- 3) Cite duas passagens em que houve a ocorrência dos pronomes clíticos.
- 4) Na 2º reportagem, o pronome usado está adequado para o tipo de linguagem?
- 5) Como poderia ser uma possível reescrita da frase em que o pronome foi utilizado na 2º reportagem se fosse em uma situação de fala ou conversa de aplicativo, como o “whatsapp”?

Após o término do tempo determinado, o professor solicitará que os alunos entreguem, por escrito, as folhas com as respostas das duplas. As respostas serão posteriormente analisadas e será verificado se os alunos participantes compreenderam como pode se dar o uso dos pronomes em situações diversas de uso.

3º AULA

1º momento da aula (duração de 30 minutos)

Neste período da aula, o pesquisador apresentará dois vídeos para mostrar o uso da língua portuguesa em situações em que se espera um monitoramento maior da língua. O 1º vídeo é uma reportagem do G1 com o atleta Neymar no qual ele concede uma entrevista após a copa de 2014. O 2º vídeo é uma apresentação em que o humorista português Ricardo Araújo e o também humorista brasileiro Gregório Duvivier retratam as diferenças linguísticas em Brasil e Portugal.

A seguir, há o link com a reportagem e o vídeo:

- <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/07/gente-se-dedicava-ao-maximo-diz-neymar-em-entrevista-exclusiva.html>
- <https://www.youtube.com/watch?v=uSLIO2l8QHI>

Após a apresentação da reportagem e do vídeo, o pesquisador motivará os alunos a indicarem suas opiniões tendo como base os seguintes trechos de cada um dos textos.

- Reportagem do Neymar: “Então, querendo ou não, ele mais me ajudou do que eu ajudei ele” (em 8 minutos e 16 segundos).
- Vídeo do youtuber: “São coisas que o inglês e o francês não o fazem” (em 7 minutos e 7 segundos).

A fim de que haja uma percepção sobre o uso dos pronomes como acusativos de 3º pessoa, assim como da própria língua tendo em vista seus níveis de uso, o professor questionará os alunos sobre o grau de monitoramento da língua e como se dá o uso dos pronomes clíticos a partir das seguintes perguntas:

- 1) Após assistirmos aos vídeos, percebemos, em destaque, o uso dos pronomes “ele” e “o” nas falas do jogador Neymar e do humorista Ricardo Araújo. Neste

momento, espera-se que exista um cuidado maior ao usar a língua e, no caso, os pronomes? Houve esse cuidado por parte dos dois?

- 2) Em todo o nosso cotidiano, quando devemos ter maior zelo ao usar a língua?
- 3) Mas isso acontece de fato?

Após este momento, o professor solicitará que os alunos, em 6 grupos de 4 a 6 alunos, produzam, oralmente, as seguintes situações de uso de acordo com as especificações abaixo. Cada grupo apresentará o resultado da sua atividade para a turma e o professor pesquisador gravará as falas com o uso de seu celular para uma posterior análise do resultado das atividades.

- 1º grupo: transformar a fala do jogador Neymar como se estivesse em uma situação extremamente formal, como um juiz em um tribunal.
- 2º grupo: transformar a fala do *youtuber* português como se fosse um brasileiro conversando com outro brasileiro em uma situação de conversa informal.
- 3º grupo: criar uma fala como se Neymar fosse um jogador português dando a entrevista na saída do campo num final de jogo. Os alunos podem tentar imitar o sotaque português e devem fazer uso dos pronomes acusativos de acordo com o grau de monitoramento da fala criada.
- 4º grupo: transformar a fala do *youtuber* português, retirando o pronome oblíquo e utilizando um substantivo com sentido equivalente ao que ele se refere.
- 5º grupo: criar uma fala como se o presidente do CBF (Confederação Brasileira de Futebol) estivesse dando uma entrevista sobre o fato de o jogador Neymar cair muito em campo. Os alunos devem usar os pronomes acusativos de acordo com o grau de monitoramento da fala criada.
- 6º grupo: imaginar que o *youtuber* português fosse um cantor de rap e criar um trecho de uma música sobre algum assunto atual. Os alunos podem tentar imitar o sotaque português e devem usar os pronomes acusativos de acordo com o grau de monitoramento da música criada.

2º momento da aula (duração de 20 minutos)

Para finalizar a aula, e fechar a discussão sobre o uso da língua em situações mais ou menos monitoradas seja no Brasil, seja em Portugal. O professor falará sobre a variação

estilística, tendo como base a seguinte frase com conceito bem básico sobre esse tipo de variação, retirado do site “wikipedia”, que será apresentada em um slide do *powerpoint*:

*Estilística (do alemão *Stilistik*, pelo francês *stylistique*) é o ramo da linguística que estuda as variações da língua e sua utilização, incluindo o uso estético da linguagem e as suas diferentes aplicações dependendo do contexto ou situação. O objeto preferencial de estudos estilísticos é a literatura, não exclusivamente a "alta literatura", mas outras formas de textos escritos, na publicidade, política ou religião.*

2º oficina – Como surgiu nossa língua?

Objetivos: esta oficina tem por objetivos mostrar aos alunos a origem da nossa gramática e por qual motivo há uma imposição da norma do Português Europeu tendo em vista sermos falantes do Português Brasileiro.

Duração: 2 horas/aulas de 50 minutos – total de 100 minutos.

1º AULA

Objetivo: Nesta 1º aula, procuraremos mostrar como se deu a variação diacrônica da língua, conforme estudo de Ilari (2012), a partir de textos datados da época do galego-português (século 11) até o português do século XX (1928). Todos os textos apresentados possuirão uma tradução para o português brasileiro atual para que, assim, os alunos consigam depreender como se deu a atualização da língua através dos séculos.

1º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor pesquisador explicará que a nossa língua tem por origem Portugal, assim como nossa gramática. Para indicar, como mais informações, a origem do nosso idioma, haverá a apresentação de um vídeo que contém a história do povo português e sua língua desde o processo de povoamento da Europa até a formação do português moderno e atualizado de hoje. O vídeo contém músicas representativas do português antigo e é narrador tanto por uma portuguesa como por uma brasileira.

Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=EtBief6RK_I (duração de 12:42)

2º momento da aula (duração de 30 minutos)

Neste momento, o professor solicitará que os alunos, divididos em 5 grupos, façam a reescrita, por escrito, de trechos do português, destacados a seguir, em diferentes épocas, procurando traduzir seus sentidos no português atual. Após cada grupo apresentar o resultado de suas traduções, o professor apresentará a tradução para o português atual. Assim, o objetivo é mostrar a evolução da nossa língua, tanto em Portugal quanto no Brasil. O material produzido pelos alunos tem por objetivo mensurar se eles compreenderão as distinções entre o português antigo e o atual, do próprio uso deles.

1º trecho: “Ora faz ost’o senhor de Navarra” – cantiga de escárnio em galego-português do século 11.

Ora faz ost’o senhor de Navarra,
 pois en Proenç’ est’el-Rei d’Aragon;
 non lh’an medo de pico nen de marra
 Tarraçona, pero vezinhos son;
 nen an medo de lhis poer boçon
 e riir-s’an muit’Endurra e Darra;
 mais, se Deus traj’o senhor de Monçon
 ben mi cuid’eu que a cunca lhis varra.

Fonte: https://ca.wikipedia.org/wiki/Ora_faz_ost%E2%80%99o_senhor_de_Navarra

Tradução:

Agora faz isso o senhor de Navarra,
 pois em Provença é o rei de Aragão;
 não têm medo, nem do seu pico, nem à sua Marra
 em Tarazona, nem que está perto;
 não têm medo de lhes colocar aríetes
 e serão rir muito Inzura e Darren;
 mas, se Deus traz o senhor de Monção
 estou certo de que lhes destruirá a bacia.

Fonte: https://ca.wikipedia.org/wiki/Ora_faz_ost%E2%80%99o_senhor_de_Navarra

2º trecho: carta de Pero Vaz de Caminha sobre a descoberta do Brasil no início do século 16.

que a partida de belem como vosa alteza sabe foy sega feira ix de marzo, e sabado xiii do dito mes amtre as bijj e ix oras nos achamos antre as canareas mais perto da gran canarea e aly amdamos todo aquele dia em calma a vista delas obra de tres ou quatro legoas. e domingo xxij do dito mes aas x oras pouco mais ou menos ouuemos vista da jlhas do cabo verde .s. da jlha de sã njcolao, sego dito de Po escobar piloto

Fonte: [https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel_\(ortografia_original\)](https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel_(ortografia_original))

Tradução:

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e nove horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grã- Canária, e ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da ilha de S. Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.

Fonte: http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/carta_caminha.htm

3º trecho: Os Lusíadas de Luís Vaz de Camões, 1552.

Canto IX

Tiveram longamente na cidade,
 Sem vender-se, a fazenda os dous feitores,
 Que os Infiéis, por manha e falsidade,
 Fazem que não lha comprem mercadores;
 Que todo seu propósito e vontade
 Era deter ali os descobridores
 Da Índia tanto tempo que viessem
 De Meca as naus, que as suas desfizessem.

Fonte: <https://fabiorenatovillela.blogspot.com/2010/12/adaptacao-de-os-lusiadas-ao-portugues.html>

Tradução:

Estiveram por muito tempo na cidade,
 Sem conseguir vender as mercadorias, os dois feitores,
 Pois os Mouros, com artimanhas e com falsidade,
 Articularam para que não a comprasse os seus mercadores;
 Pois tinham o intento e era a sua vontade
 Que ali ficassem retidos os ilustres descobridores
 Do Império da Índia, pois logo chegariam
 De Meca (1) as suas naus e, então, eles os atacariam.

(1) Meca: cidade sagrada para os árabes e a terra natal do profeta Maomé. Situada atualmente na Arábia Saudita.

Fonte: <https://fabiorenatovillela.blogspot.com/2010/12/adaptacao-de-os-lusiadas-ao-portugues.html>

4º trecho: Cantiga da Ribeirinha, de Paio Soares de Taveirós, escrita no século 12.

No mundo non me sei parelha,
 mentre me for' como me vai,
 ca ja moiro por vós - e ai!
 mia senhor branca e vermelha,
 Queredes que vos retraia
 quando vos eu vi em saia!
 Mao dia me levantei,
 que vos enton non vi fea!

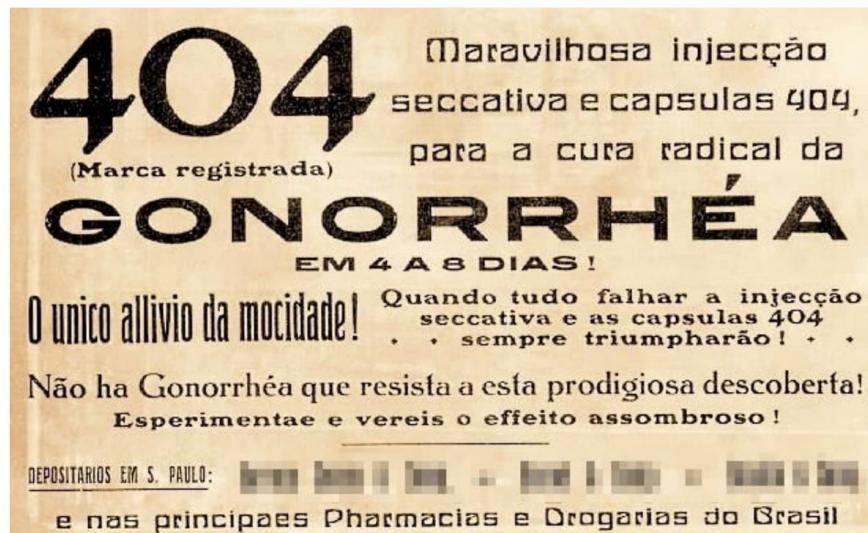
Fonte: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/5666792>

Tradução:

No mundo ninguém se assemelha a mim (parelha: semelhante)
 enquanto a vida continuar como vai,
 porque morro por vós, e ai
 minha senhora de pele alva e faces rosadas,
 quereis que vos descreva (retrate)
 quando vos eu vi sem manto (saia: roupa íntima)
 Maldito dia! me levantei
 que não vos vi feia (ou seja, a viu mais bela)

Fonte: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/5666792>

5º trecho: Propaganda do remédio para gonorreia, século XIX



Fonte: <https://martaiansen.blogspot.com/2012/08/anuncios-de-medicamentos-do-inicio-do-seculo-XX.html>

Tradução:

Maravilhosa injeção seccativa (com sangue) e cápsulas 404 para a cura final da gonorreia em 4 a 8 dias! O único alívio dos jovens! Quando não der certo, a injeção seccativa e as cápsulas 404 sempre triunfarão! Não há Gonorreia que resista a esta descoberta maravilhosa! Experimente e verá o efeito assombroso! Depositados (encontrados) em São Paulo ... e nas principais farmácias e drogarias do Brasil.

Fonte: <https://martaiansen.blogspot.com/2012/08/anuncios-de-medicamentos-do-inicio-do-seculo-XX.html>

6º trecho: Texto do escritor Fernando Pessoa, escrito em 1928.

A 'sperança, como um fósforo inda aceso

A 'sperança, como um fósforo inda aceso,
Deixei no chão, e entardeceu no chão ileso.
A falha social do meu destino

Reconheci, como um mendigo preso.

Cada dia me traz com que 'sperar

O que dia nenhum poderá dar.

Fonte: <http://arquivopessoa.net/textos/1370>

Tradução:

A esperança como um fósforo ainda aceso,

A esperança como um fósforo ainda aceso,

Deixei no chão, e entardeceu no chão ileso.

A falha social do meu destino

Reconheci, como um mendigo preso.

Cada dia me traz com que esperar

O que dia nenhum poderá dar.

Fonte: http://www.avozdapoiesia.com.br/obrasлер.php?obra_id=11929

2º AULA

Objetivo: Nesta 2º aula, procuraremos destacar as diferenças ainda existentes no português europeu e no português brasileiro atualmente, mesmo após vários séculos de modernização da língua. Após isso, destacaremos que tais diferenças ainda influenciam o ensino de gramática no Brasil, mesmo que tenhamos distinções de uso para o PE; tal evidência mostra que ainda somos regidos por regras gramaticais que não refletem nossa língua cotidiana. Assim, o professor promoverá um debate para que os alunos percebam essas diferenças e, depois, por meio de textos de gêneros diversos, mostrará que, embora aprendamos, na escola, regras do PE, atualmente utilizamos um português mais identificatório do povo e da cultura brasileiro.

1º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor apresentará algumas expressões e regras gramaticais, destacadas a seguir, que indicam diferenças existentes entre as regras da gramática do Português europeu e do brasileiro.

Fonética:

1. Marcelo, no Brasil, é pronunciado com “u” no final; enquanto que em Portugal fala-se Marcelo com “o” mesmo.
2. Outra diferença existente é na pronúncia das vogais, pois em Portugal os falantes costumam “eliminar” as vogais átonas, pronunciando apenas as vogais tônicas, como a palavra “Esperança”. No Brasil ela é pronunciada como “esperança”, e em Portugal como “esp’rança”.

Diferenças na grafia:

3. PB **comumente** e PP **comummente**; PB **escoteiro** e PP **escuteiro**; PB **ímã** e PP **íman**; PB **caminhão** e PP **camião**.

Acentuação:

4. Diferenças na acentuação (PB – Português do Brasil e PP – Português de Portugal): PB **acadêmico** (com “e” fechado) e PP **académico** (com “e” aberto); PB **fenômeno** (com “o” fechado) e PP **fenómeno** (com “o” aberto).

Sintaxe:

5. Uso do pronome oblíquo iniciando sentenças: no Brasil dizemos “Me dá um abraço?” e em Portugal dizemos “Dá-me um abraço?”.
6. Uso do gerúndio, ao invés de infinitivo + preposição: no Brasil dizemos “Estou ligando para você”, e em Portugal dizemos “Estou a ligar para você”.

Sinônimos:

Português do Brasil	Português de Portugal
Abridor	tira-cápsulas
Açougue	talho
Aeromoça	hospedeira de bordo
Apostila	sebenta
Bala	rebuçado
Banheiro	casa de banho
Cafezinho	bica
Calcinha	cueca
carteira de identidade	bilhete de identidade
carteira de motorista	carta de condução
Celular	telemóvel
Conversível	descapotável
faixa de pedestres	passadeira
Fila	fila ou bicha (gíria)
Geladeira	frigorífico

2º momento da aula (duração de 5 minutos)

O professor mostrará um vídeo de uma reportagem da TV Cultura sobre as diferenças da gramática do Brasil e de Portugal, assim como a apresentação da Gramática do Português Brasileiro, de Ataliba Castilho.

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=05Ya0Bv47ng> (duração de 2:56)

3º momento da aula (duração de 25 minutos)

O professor, após a exposição do vídeo e das diferenças apresentadas, promoverá um debate sobre o motivo pelo qual há diferenças entre o português de Portugal e o do Brasil, assim como por qual motivo seguimos algumas regras, principalmente na escrita, que são mais comuns no português europeu.

- 1) Turma, há muitas diferenças em relação ao nosso português ao europeu?
- 2) Alguém sabe mais alguma expressão ou regra que mostre essa diferença?
- 3) As regras do PE estão mais presentes na nossa fala ou na nossa escrita?
- 4) Usamos essas regras em todos os momentos de fala? Por quê?
- 5) Por que seguimos tantas regras que não usamos no nosso dia a dia de fala?

A partir da participação dos alunos, o professor mostrará que, mesmo o português tendo sofrido diversas “atualizações” ao longo dos séculos, ainda utilizamos, como uma prescrição gramatical, regras muito específicas do PE, pois sempre considerado elitizado, ainda mais por ser o usado pelos mais respeitados escritores da nossa língua. Além disso, o professor também indicará que, embora diversos escritores e pensadores tenham usado ou usem a gramática do PE, há várias pessoas hoje (jornalistas, escritores, compositores, cartunistas) que procuram transmitir as informações utilizando o PB, mais usual para a maioria da população. Para ilustrar essa visão, o professor apresentará trechos de textos, destacados a seguir.

Exemplo 1



Fonte: <http://www.ivancabral.com/2007/11/aula-de-portugus.html>

Exemplo 2

Gírias

Roupas, discos, filmes, costumes, cortes de cabelo. Tudo cai de moda. Algumas gírias teriam o mesmo destino se não fossem os neo-retrôs, que mantêm vivas expressões que surgiram há 20 ou 30 anos. Como eles fazem isso? Muitas vezes resistindo às gírias novas.

Gustavo Soares Garcia Muchiutti, 15, diz não falar nunca "se pá" (talvez), "irado" (ótimo) ou "sussa" (sossegado). Em vez disso, escapam sempre de sua boca "beleza", "zoar", "aloprar", "tá ligado?", "se bobear", "detonar"... "Eu não sei por que as gírias antigas continuam. A gente sempre ouve e acaba reproduzindo."

Das novas, Flávia Bessa Maia, 17, só fala "uó". "Acho que as gírias antigas permanecem porque elas vão sendo resgatadas pelo cinema e pela televisão, e as pessoas acabam repetindo."

Leônico Amancio da Silva Júnior, 16, está se esforçando para não falar "sussa", por achar estranho, e diz que seu ar neo-retrô é involuntário.

"Tenho o cabelo compridinho, uso All Star e falo "beleza", "galera" e "mó legal", sem lembrar que isso é antigo. Não sei o motivo, mas me identifiquei com esse estilo.

(AK e LF)

Fonte: Folha de São Paulo – FolhaTeen (16 de maio de 2005).

Exemplo 3 - vídeo

Vídeo em que o apresentador do Balanço geral do Espírito Santo canta e usa gírias.

<https://www.facebook.com/wiliangORDOX/videos/apresentador/1666941276726759/>

Exemplo 4 - música**Tudo Que Ela Gosta de Escutar**

Charlie Brown Jr.

Essa é uma história de amargar
Conheci uma garota meu irmão vou lhe falar

Tudo que ela quer, o pai dela dá
Desde casa em Ubatuba, até ap. no Guarujá

Fim de festa olho pra ela, ela sorri pra mim
Me secou a noite inteira
Ela só pode estar afim
Ela tem carro importado e telefone celular
Eu só tenho uma magrela e um ap. no bnh
Eu falo tudo que ela gosta de escutar
Deve ser por isso que ela vem me procurar
Eu falo, eu falo tudo que ela gosta de escutar
Deve ser por isso que ela vem me procurar

O pai dela riu de mim porque o meu carro é popular
E ainda me deu uma notícia de desanimar
"rapaz você não é bom pra minha filha não
Quem é teu pai? quem é você? o que que você faz? vou investigar você"

Fim de festa olho pra ela, ela sorri pra mim
Me secou a noite inteira
Ela só pode estar afim

Ela tem carro importado e telefone celular
 Eu só tenho uma magrela e um ap. no bnh
 Eu falo tudo que ela gosta de escutar
 Deve ser por isso que ela vem me procurar
 Eu falo, eu falo tudo que ela gosta de escutar
 Deve ser por isso que ela vem me procurar

Eu falo tudo que ela gosta de escutar
 Deve ser por isso que ela vem me procurar
 Eu falo, eu falo tudo que ela gosta de escutar
 Deve ser por isso que ela vem me procurar

Aliviou? Calma aí quer um trato que eu te dou! Mulher tu pode até falar, mas foi assim que tu gostou!

Fonte: <https://www.letras.mus.br/charlie-brown-jr/75414/>

Exemplo 5 – poema

Com licença poética

Adélia Prado

Quando nasci um anjo esbelto,
 desses que tocam trombeta, anunciou:
 vai carregar bandeira.
 Cargo muito pesado pra mulher,
 esta espécie ainda envergonhada.
 Aceito os subterfúgios que me cabem,
 sem precisar mentir.
 Não sou feia que não possa casar,
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
 Inauguro linhagens, fundo reinos
 — dor não é amargura.

24

Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdoblável. Eu sou.

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MTY4MzUz/>

Exemplo 6 – poema

Antiguidade d'onde viemos

Ana Elisa Ribeiro

“Péricles disse
que a maior virtude
de uma mulher
era ficar calada.

Péricles se fodeuu.

Péricles, hoje,
levaria uma surra
dada por mil mulheres
como eu.”

Fonte:

http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasil/minas_gerais/ana_elisa_ribeiro.html

3º oficina – Situações de uso dos pronomes acusativos

Objetivos: esta oficina tem por objetivos explicar como ocorre a variação estilística no processo comunicativo de acordo com situações de uso diversas a partir de textos de gêneros diversificados a fim de que os alunos, de uma forma lúdica, identifiquem as formas variáveis de uso dos pronomes do caso reto pelo viés da variação estilística de acordo com o nível mais ou menos formal da língua, conforme determina os textos de Cristine Gorski Severo e Dermeval da Hora³. Além disso, o professor explicará como se dá a adequação linguística, conforme estudo de Bortoni-Ricardo (2004), que identifica como nós, usuários da língua, adaptamos a linguagem de acordo com a necessidade do momento, isto é, o uso pode ser de uma variedade padrão e outra mais popular, as quais devem ser empregadas em situações específicas de comunicação. Outro fator a ser observado é a monitoração da língua, também objeto de estudo de Bortoni-Ricardo (2004), a qual indica que, dependendo da situação de uso da língua, há interações entre os interlocutores desde situações totalmente espontâneas, com um grau de monitoramento muito baixo da língua, até aquelas que são previamente planejadas, exigindo do usuário graus de monitoramento que dependem da situação de uso.

Duração: 5 horas/aulas de 50 minutos – total de 250 minutos.

1º AULA

Objetivo: mostrar aos alunos um texto-exemplo de adequação linguística, no qual a língua foi adaptada de acordo com seus interlocutores e a situação, que passou de mais formal para mais informal devido aos usuários da língua na situação específica. Neste sentido, o professor procurará promover uma reflexão sobre como usamos a língua dependendo da situação de uso, com graus maiores ou menores de monitoramento e adequando o uso ao momento de interação comunicativa.

1º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor iniciará o momento da aula realizando as seguintes perguntas aos alunos:

- 1) Quando vocês estão conversando entre si, a linguagem é mais espontânea ou alguém fica pensando se tal expressão ou construção da frase está correta?

³ Estes textos estão contidos na obra GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkühl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. (Orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise.** Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

- 2) No momento de apresentar um trabalho na escola, por exemplo, há uma preocupação maior ao falar?
- 3) E se fosse, por exemplo, em um evento na igreja ou em outro local em que vocês fossem apresentar algo, haveria uma preocupação maior ainda em como comunicar a informação?
- 4) É mais fácil seguir aquilo que a gramática taxa como certo se escrevermos antes o que vamos comunicar?
- 5) Mas será que sempre devemos seguir as regras da gramática que aprendemos nas aulas de português?
- 6) Em quais momentos, então, podemos seguir ou não tais regras?

2º momento da aula (duração de 10 minutos)

Neste momento, o professor mostrará o seguinte texto, que foi usado por uma questão no ENEM de 2009:

Gerente: — Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente: — Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente: — Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente: — Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente: — Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

Fonte: BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado).

No texto, há uma adequação do uso da língua por parte da gerente em relação ao cliente, Júlio. Em um primeiro momento, a gerente Helena utiliza uma fala mais formal e monitorada, mas, ao saber que seu cliente é seu amigo, o tom da conversa torna-se menos formal, diminuindo o monitoramento linguístico, para apresentar um grau de informalidade, o que caracteriza a amizade entre os dois.

3º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor indicará que os alunos, em 5 grupos, leiam os fragmentos de textos a seguir e os reescrevam, passando para o tipo de adequação e monitoramento solicitado.

Fragmento 1

- Dia cumade! O cumpade tá?
- num tá não... Foi caçá pacá, lá pras banda do matão...
- oia, cumade que naquelas banda, tem onça pintada! O cumpade foi ansim mermo?
- i num é que foi? I eu disse pra ele: 'home, oia que é perigoso'...
- i que foi que ele respondeu?
- a onça vem i eu pego ela di jeito, muié, num si priocupe... Qué entrá un poco, i prová da minha cumida, cumpade?
- obrigadu por mi ofrecê da sua cumida, cumade, má angora mi vô mermo!

Fonte:http://www.poesias.omelhordaweb.com.br/comentario_poesia.php?cdPoesia=52490&cdResponsavel=1539

Atividade: passar o texto para o português mais formal em uma cidade urbana.

Fragmento 2

Leve o carro a uma garagem ou outro espaço com chão plano e área de trabalho suficiente.

Deixe o veículo parado por 5 a 10 minutos para aquecer o óleo e tome muito cuidado ao lidar com óleo morno ou quente.

Coloque o carro no ponto morto, remova as chaves e acione o freio de mão. Saia do veículo.

Instale blocos ou calços nas rodas para segurar os pneus. Os blocos devem ser colocados nos pneus que ficarão no chão.

Localize os pontos de elevação do carro. Caso não tenha certeza de onde eles estão, verifique o manual do veículo para obter especificações.

Fonte: <https://pt.wikihow.com/Trocando-o-Óleo-do-Carro>

Atividade: passar o texto para o português mais informal em uma cidade do interior.

Fragmento 3

Vida de Corno

Falcão

Ei! Você meu amigo
 Que está sorrindo com o que eu passei
 Cuidado com a sua cabeça
 Pois amanhã será sua vez
 Você passa a noite fora
 E quem é que garante que o Ricardão
 Não come a sua comida
 E dorme tranquilo no seu colchão
 Ela não me respeitou
 E tome gaia
 Foi embora e quer voltar
 E tome gaia
 Mas eu não vou aceitar
 E tome gaia
 Nessa casa seu retorno
 Não quero viver outra vez uma vida de corno

Fonte: <https://www.letras.mus.br/falcao/133675/>

Atividade: passar o texto para o português mais formal em uma apresentação de reportagem.

Fragmento 4

Ceilândia na cena, viela, expansão
 Onde fiz a minha história, meu irmão
 Se liga, irmão, só os fortes sobreviverão
 As luzes da cidade escura não ofuscaram o meu brilho, não
 Firmão vou viver, firmão vou viver
 E que é forte, basta crer.

Japão Viela

Fonte: <https://vaiserrimando.com.br/2012/08/15/20-de-40-japao-viela-17-beat-dj-raffa-santoro>

Atividade: passar o texto para o português mais formal em um texto de jornal escrito.

Fragmento 5

Candidato Caô Caô

Marcelo D2

Ai meu irmão, toma vergonha
Vocês não aprenderam a votar, né?!
Só parada podre malandro!

Ele subiu o morro sem gravata
Dizendo que gostava da raça
Foi lá na tendinha
Bebeu cachaça
Até bagulho fumou
Foi no meu barracão
E lá usou
Lata de goiabada como prato
Eu logo percebi
É mais um candidato
Para a próxima eleição...

Ele fez questão de beber água da chuva
Foi lá no terreiro pedir ajudar
Bateu cabeça no congá
Mas ele não se deu bem
Porque o guia que estava incorporado
Disse esse político é safado
Cuidado na hora de votar...

Também disse:
Meu irmão se liga

No que eu vou te dizer
 Hoje ele pede seu voto
 Amanhã manda a polícia te bater...

Fonte: <https://www.letras.mus.br/marcelo-d2/1951015/>

Atividade: passar o texto para o português mais informal em uma conversa entre moradores de uma cidade interiorana sobre política.

2º AULA

Objetivo: Após todas as informações repassadas sobre a modernização da língua, uso da gramática lusitana como padrão para o PB e adequação da língua para cada situação específica, a partir do seu grau de monitoramento, o professor promoverá a discussão sobre o uso dos pronomes retos acusativos de 3º terceira pessoa dentro deste escopo. Assim, o objetivo é que os alunos consigam perceber que os pronomes, assim como várias outras estruturas da língua (uso das classes de palavras, acentuação, sintaxe) podem sofrer um processo de adequação linguística, dependendo da situação de uso. Dessa forma, esta aula vem procurar mostrar esta adequação através do uso de gêneros textuais diversos (elencado a seguir), sem que haja a ideia do certo ou errado na língua, mas o uso adequado ou inadequado.

1º momento da aula (duração de 30 minutos)

Com o uso do *powerpoint*, o professor pesquisador mostrará como se aplica a variação linguística na realidade do uso da língua especificamente em relação aos pronomes retos como objetos diretos. A fim de que os alunos possam visualizar as cinco formas mais comuns de como os pronomes podem ser usados, o pesquisador apresentará trechos de livros literários, entrevistas, tirinhas e músicas, elencados a seguir. A cada fragmento utilizado, os alunos, em 5 grupos, responderam, por escrito, se a forma de uso dos pronomes é mais formal ou informal de acordo com a situação de uso. Assim, neste momento, o professor pesquisador fará uma explicação sobre os níveis de formalidade⁴ na língua a qual varia de acordo com cada situação de uso, não havendo, pois, o uso correto ou incorreto; mas o adequado ou inadequado para cada situação.

⁴ A consciência de que existem diferentes formas de se comunicar e o nível de formalidade da língua depende do grau de monitoramento que a situação de uso exige, tal como preconiza as pesquisas realizadas por Bortoni-Ricardo (2005).

Textos que serão usados neste 1º momento**TEXTO I – música****Cuida Bem Dela**

Henrique e Juliano

Sabe aquela menina sentada ali?
Com um olhar desconfiado, tão inocente
Eu já fui doente naquela mulher

Eu sei que agora ela deve tá olhando de lado
Tão sem graça, vendo o presente e o passado
Conversando de um assunto, ela já sabe qual é

Esse é meu único aviso
Se ela quis ficar contigo
Faça ela feliz, faça ela feliz

Cuida bem dela
Você não vai conhecer alguém melhor que ela
Promete pra mim
O que você jurar pra ela, você vai cumprir

Cuida bem dela
Ela gosta que repare no cabelo dela
Foi por um triz, mas fui incapaz de ser o que ela sempre quis
Faça ela feliz

TEXTO II – prosa poética

Meus dias com você

Clare Swatman

Quando o marido de Zoe morre, o mundo dela desaba. Mas e se fosse possível tê-lo de volta?

Numa fatídica manhã, Ed e Zoe têm uma discussão terrível, algo recorrente no seu casamento em crise, e ela acaba se despedindo de forma brusca quando ele sai para o trabalho.

Pouco tempo depois, um ônibus acerta a bicicleta de Ed, matando-o e deixando Zoe arrasada por não ter lhe dito quanto o amava. Se tivessem ficado mais um pouco juntos aquela manhã, ele ainda estaria vivo? Será que poderiam ter reconstruído o amor que os unira?

Após dois meses, Zoe ainda não conseguiu se conformar. De luto, decide cuidar do jardim do marido, quando acaba caindo e desmaiando. [...]

Fonte: Disponível em: <<http://www.editoraarqueiro.com.br>>.

TEXTO III – charge



Fonte: <http://sugestoesdeatividades.blogspot.com/2015/02/pronomes-obliquos.html>

TEXTO IV – romance

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a exemplificá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroco, dava-me pancadinhas na cara.

Fonte: trecho de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis

TEXTO V – tirinha



2º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor solicitará que os alunos, em duplas, pesquisem em casa, usando a internet, duas situações de uso dos pronomes em textos orais. Podem ser entrevistas, falas de *youtubers*, reportagens. Usando o programa *word*, cada dupla copiará o link da internet contendo a situação de uso, fará a transcrição apenas o momento da fala em que o pronome foi utilizado como objeto direto e indicará, por escrito, duas informações:

- 1) Se tal uso está adequado ou inadequado para a situação específica tendo como base a gramática normativa.
- 2) Se as informações, mesmo que não sigam os preceitos da gramática, estão adequados para a situação de uso.

Cada dupla enviará o documento com a atividade, contendo os links e as duas respostas dos questionamentos, por e-mail para o professor.

3º AULA

Objetivo: nesta aula, o professor fará o comparativo entre os textos pesquisados pelos alunos e aquilo que preconizado pela gramática normativa. Assim, o objetivo é que os alunos percebam que não podemos considerar como erro gramatical tudo aquilo que não condiz com as regras gramaticais estudadas na escola.

1º momento da aula (duração de 40 minutos)

O professor apresentará, utilizando projetor e internet, os links com as situações de uso identificadas pelas duplas na atividade proposta. Para cada apresentação, o pesquisador solicitará a participação da turma, questionando se, de fato, o uso dos pronomes se adequa àquela situação de uso. Após cada texto apresentado, o professor fará o comparativo com as respostas obtidas em sala e a percepção da dupla que realizou a pesquisa, tendo como as respostas apresentadas.

2º momento da aula (duração de 10 minutos)

O professor, com base no que fora discutido em sala, mostrará que, para cada situação de uso, há uma forma de usar os pronomes acusativos, mesmo que estes não estejam organizados como determina a gramática normativa ensinada na escola, o que não pode ser considerado um erro, como tanto se determina no dia a dia, levando a um preconceito linguístico, conforme determina Bagno (1999), Coelho (2015) e Bortoni-Ricardo (2005).

4º AULA

Objetivo: neste momento da oficina, o professor trabalhará diretamente com os pronomes acusativos de 3º pessoa com o objetivo de elencar como as formas de uso desses pronomes (uso do pronome clílico, do pronome lexical, do sintagma nominal e do objeto nulo) se apresentam nas mais diversas comunicações. Para tanto, o professor usará textos de gêneros para determinar esse uso.

1º momento da aula (duração de 20 minutos)

O professor, por meio de textos de gêneros diversificados elencados a seguir (trechos de romances, charge, tirinhas e frases criadas), questionará o uso das quatro formas mais comuns dos pronomes retos como acusativos de 3º pessoa da forma mais monitorada para a menos monitorada: **uso do pronome clítico, do pronome lexical, do sintagma nominal e do objeto nulo.** Para cada texto a seguir, os alunos, em duplas, responderão a três perguntas, elencadas a seguir, durante a aula e entregará para o professor aplicador.

ATIVIDADE

Leia os textos a seguir, localize os pronomes usados como complementos verbais e, depois, responda às seguintes perguntas:

- 1) Eles se referem a que tipo de uso: clítico, lexical, sintagma nominal ou objeto nulo?
- 2) O uso do pronome se adequa ao texto? Por quê?
- 3) Se você considera o texto mais informal, reescreva o trecho que contém o pronome acusativo de um modo mais formal. Caso você considere o trecho mais formal, reescreva o trecho com o pronome acusativo, tornando-o mais informal.

Textos que serão usados nesta atividade

TEXTO I – charge



Fonte: <https://revistaquem.globo.com/Essa-E-Nossa/noticia/2014/06/brasil-x-camaroes-veja-os-melhores-memes-deste-jogo-da-copa-do-mundo.html>

TEXTO II – tirinha



Fonte: <http://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2015/11/interpretacao-tirinha-garfield-funcao.html>

TEXTO III – tirinha



Fonte: <https://ramoscheiosdeamoras.wordpress.com/2011/04/21/a-diferenca-entre-homem-e-mulher-explicada-em-tirinhas/>

2º momento da aula (duração de 30 minutos)

O professor criará um grupo de “whatsapp” para a turma, excluindo aqueles que não possuam celular ou não tiverem acesso a essa rede social. Então, solicitará que cada um dos alunos elabore uma pergunta que possa, na resposta, ter o uso do pronome reto como acusativo de 3º pessoa. Tal pergunta pode ser para uma pessoa do convívio do estudante (pais, irmãos, parentes, amigos, professores, direção da escola). A entrevista será gravada pelo próprio telefone celular do aluno, pelo aplicativo de gravador de voz, e será enviada para o grupo de “whatsapp” criado pelo pesquisador. Antes de enviar, o aluno indicará seu nome para que o professor pesquisador identifique quem está

enviando cada gravação. Além de enviar o áudio no grupo da rede social, cada aluno transcreverá a pergunta realizada e a resposta obtida em um documento do *word*, que será entregue para o professor pesquisador no próximo encontro.

5º AULA

Objetivo: nesta última aula, o professor procurará mostrar aos alunos que todas as falas produzidas por eles, solicitadas na aula anterior, assim como todos os textos apresentadas nas aulas, servem para determinar que a língua sofre, diuturnamente, processos de adequação, dependendo da situação de uso. Assim, devemos por de lado a concepção de certo e errado na língua para a usarmos como poliglotas dessa mesma língua, sabendo acioná-la de acordo com cada situação. Dessa maneira, poderemos dirimir as consequências do preconceito linguístico que hoje está enraizado na nossa cultura.

Momento único (duração de 50 minutos)

O professor, junto com os alunos, analisará as falas das entrevistas para aferir se os pronomes foram utilizados e, caso tenham sido, como foi esse uso: mais ou menos informal, tendo como base os usos observados na aula anterior: **uso do pronome clítico, do pronome lexical, do sintagma nominal e do objeto nulo**. Assim, mostrará a importância de saber comunicar cada informação de acordo com a situação que se apresente no cotidiano, inclusive em relação aos pronomes acusativos de 3º pessoa: objeto da pesquisa em tela. Além disso, o pesquisador mostrará a importância de se verificar o grau de monitoramento da língua, evitando que a indicação de “certo” ou “errado”, mas sim de adequado ou inadequado.

Referências Bibliográficas

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula - Stella Maris Bortoni-Ricardo. - São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

HORA, Demerval da. **Estilo:** uma perspectiva variacionista. In: variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e proposta de análise. Edair Maria Gorski, Izete Lehmkuhl Coelho e Christiane Maria Nunes de Souza (orgs.). Coleção Linguística. V3. Florianópolis: Insular. 2014.

SEVERO, Cristine Gorski. **Estilo, variação linguística e discurso.** In: variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e proposta de análise. Edair Maria Gorski, Izete Lehmkuhl Coelho e Christiane Maria Nunes de Souza (orgs.). Coleção Linguística. V3. Florianópolis: Insular. 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo, Cortez, 1992.

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) senhor(a), o(a) menor, pelo(a) qual o(a) senhor(a) é responsável, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Monitoramento linguístico: uma proposta de ensino baseada na sociolinguística educacional a partir dos pronomes pessoais”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Simone Azevedo Floripi (orientadora) e Giovani Fama de Freitas Morato (mestrando). Busca-se, na pesquisa, uma contribuição para o ensino do uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa como complementos verbais. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos responsáveis legais será obtido pelo pesquisador Giovani Fama de Freitas Morato na instituição de ensino, onde o(a) menor estuda ou em local de preferência do responsável legal.

Na sua participação, o(a) menor participará das atividades sugeridas por meio de debates ou produção de atividades escritas e orais, cujas respostas serão gravadas para servir de base a fim de iniciar o estudo de variação e uso dos pronomes como objetos diretos. Vale ressaltar que apenas a voz dos alunos participantes será gravada e tais gravações serão, ao final da pesquisa, deletadas para evitar risco de exposição dos participantes. As gravações serão feitas mediante o uso do celular do professor-pesquisador a partir do aplicativo “gravador de voz”, contido no próprio aparelho. Os alunos responderão a atividades referentes à adequação de textos em situações mais ou menos monitoradas. As ações serão realizadas em sala de aula. Em nenhum momento o(a) menor será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e, ainda assim, a identidade será preservada. O senhor(a) não terá nenhum gasto e ganho financeiro por permitir a participação do(a) menor na pesquisa. A proposta, como qualquer outra, pode oferecer riscos de identificação, o que será evitado por meio da garantia do sigilo quanto à identidade. Quanto aos benefícios, acreditamos que o estudo trará muitos para os participantes e para muitos outros professores de Língua Portuguesa. Mesmo com o responsável legal tendo consentido com a participação na pesquisa, o aluno não é obrigado a participar da mesma se não desejar, sendo livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Esclarecimento ficará com o senhor(a).

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com: Simone Azevedo Floripi, telefone profissional, número 3239-4162; ou com Giovani Fama de Freitas Morato, telefone profissional, número 3901-3658. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131. O Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos (CEP) é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Brasília, _____ de _____ de 20_____

Assinatura dos pesquisadores

Eu, responsável legal pelo(a) menor _____
consinto na sua participação no projeto citado acima, caso ele(a) deseje, após ter sido
devidamente esclarecido.

Responsável pelo(a) menor participante da pesquisa

Anexo B – Termo de Assentimento para o Menor

O senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Monitoramento linguístico: uma proposta de ensino baseada na sociolinguística educacional a partir dos pronomes pessoais”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Simone Azevedo Floripi (orientadora) e Giovani Fama de Freitas Morato (mestrando). Busca-se, na pesquisa, uma contribuição para o ensino do uso dos pronomes acusativos de terceira pessoa como complementos verbais. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos responsáveis legais será obtido pelo pesquisador Giovani Fama de Freitas Morato na instituição de ensino, onde o(a) menor estuda ou em local de preferência do responsável legal.

Na sua participação, o senhor(a) participará das atividades sugeridas por meio de debates ou produção de atividades escritas e orais, cujas respostas serão gravadas para servir de base a fim de iniciar o estudo de variação e uso dos pronomes como objetos diretos. Vale ressaltar que apenas a voz dos alunos participantes será gravada e tais gravações serão, ao final da pesquisa, deletadas para evitar risco de exposição dos participantes. As gravações serão feitas mediante o uso do celular do professor-pesquisador a partir do aplicativo “gravador de voz”, contido no próprio aparelho. Os senhores responderão a atividades referentes à adequação de textos em situações mais ou menos monitoradas. As ações serão realizadas em sala de aula. Em nenhum momento o senhor(a) será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e, ainda assim, a sua identidade será preservada. O senhor(a) não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. A proposta, como qualquer outra, pode oferecer riscos de identificação, o que será evitado por meio da garantia do sigilo quanto a sua identidade. Quanto aos benefícios, acreditamos que o estudo trará muitos, para os participantes e para muitos outros professores de Língua Portuguesa. Mesmo seu responsável legal tendo consentido na sua participação na pesquisa, o senhor(a) não é obrigado a participar da mesma se não desejar, sendo livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Esclarecimento ficará com o senhor(a).

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com: Simone Azevedo Floripi, telefone profissional, número 3239-4162; ou com Giovani Fama de Freitas Morato, telefone profissional, número 3901-3658. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131. O Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos (CEP) é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Brasília, _____ de _____ de 20_____

Assinatura do pesquisador

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Anexo C – Parecer Consustanciado do CEP



PARECER CONSUSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VÁRIAS PROFISSÕES, UMA ESCOLHA? PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE GÊNERO TEXTUAL E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.

Pesquisador: Simone Azevedo Floripi

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 91269617.1.0000.5152

Instituição Proponente: Instituto de Letras e Linguística

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.829.404

Situação do Parecer:

Aprovado

Título atual: MONITORAMENTO LINGUÍSTICO: UMA PROPOSTA DE ENSINO BASEADA NA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL A PARTIR DOS PRONOMES PESSOAIS